

A romantic couple in wedding attire. The groom, on the left, is wearing a dark tuxedo with a white shirt and a purple bow tie. He is holding the bride's face gently. The bride, on the right, is wearing a white, off-the-shoulder wedding dress with lace detailing and a long, flowing veil. They are standing in a grand, ornate hall with dark wood paneling and gold-colored decorative carvings. The lighting is soft and dramatic, highlighting the couple against the dark background.

DUELO DE *vontades*

OLGA SALAR



Duelo de Vontades

Olga Salar

Duelo de vontades.
© Olga Salar.
Primeira edição 2018
Imagem de capa: Munyxdesign. Istock Photo.

Todos os direitos reservados. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou *transformação* da obra, só poderá se realizar com a autorização expressa dos titulares de copyright.

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Sobre Olga Salar](#)

[Série Damas](#)

Sinopse

Quando o sentido da honra de um cavalheiro se interpõe ao amor, cada batalha liberada é decisiva.

A vida de lorde Colin Strafford se desfaz em pedaços quando perde Lucien Masterson, seu melhor amigo, em um duelo absurdo no qual se vê obrigado a ser padrinho. A partir daquele momento, seu antigo tutor, o pai de Lucien, o proíbe de se aproximar de sua família. Mesmo assim, Colin ainda se sente obrigado a proteger Elisabeth Masterson, a única irmã de seu finado companheiro. Embora logo se dê conta, de que a dama não necessita de seu amparo.

Elisabeth foi apresentada à sociedade, graças a sua tia, que também acolheu sob sua asa a lady Amelia Bradbury. Uma artimanha desta última consegue que Colin se dirija para Elisabeth, um fato que deixa Harry Strafford, duque de Bollingbroke e irmão de lorde Colin, intrigado.

Harry aconselha Elisabeth a que conquiste seu irmão. Ela toma ao pé da letra os conselhos do duque e comete um engano pelo qual pagará muito caro. Nada mais e nada menos do que com o casamento.

Mas estar casado não faz com que Colin sinta obrigação para com sua esposa. Decidido a reparar seu engano, Harry apoia a cunhada, conseguindo que seu irmão se dê conta do muito que deseja sua mulher.

Para Aitana, por ser melhor que fiz e que alguma vez farei.

Se você não se recordar da mais ligeira loucura

que o amor o fez cair,

não amou.

William Shakespeare

Prólogo

Londres, 1813

Quando lorde Colin Strafford entrou, passada a meia-noite, no escritório do conde de Waverly, estava plenamente consciente de que lhe exigiriam um milagre.

E apesar disso, seguiu o mordomo com passo firme, decidido, mostrando a mesma serenidade que sempre o caracterizara, inclusive nos momentos mais desesperados de sua vida. Apenas inclinou a cabeça, a modo de saudação, diante da imponente figura do conde, e esperou que seu antigo tutor lhe lançasse o desafio.

Lorde Anthony Masterson, conde de Waverly, fora, durante sua adolescência, junto com seu irmão mais velho, a única figura à qual Colin respeitara.

Depois da inesperada morte de seus pais, o menino aplicado e educado que sempre havia sido, rebelou-se contra tudo, consciente de que a existência poderia durar longos anos, ou apenas um segundo. Foi, depois de chegar a tão profunda conclusão, que sua vida se transformou em um ir e vir de festas e de diversão sem medida. Mudou-se à universidade e estudou o que lhe foi imposto,

mas não se alistou no exército, nem encontrou sua vocação na Igreja, ou no Direito, como correspondia ao segundo filho de um duque. Graças à herança de sua tia-avó, lady Randall, conseguiu a liberdade de viver sua vida como bem quisesse, sem depender de ninguém mais do que de si mesmo e de seus próprios desejos.

A fortuna da viúva era comparável à de seu irmão, ambos tão ricos quanto Crespo, e com apenas vinte anos, se encontrou em condições de fazer sua vontade.

A única nota discordante em sua ansiada liberdade era que seu irmão Harry, quatro anos mais velho do que ele e duque de Bollingbroke, ainda não tivesse se casado, o que muito a seu pesar, o convertia no herdeiro de um dos ducados mais antigos e respeitados de toda a Inglaterra. Colin queria e respeitava a seu irmão, embora não pudessem ser mais diferentes do que já eram.

Enquanto Harry cuidava excessivamente da formalidade e era um modelo de decoro e distinção entre seus semelhantes, Colin tinha escolhido viver sua vida sem nenhum tipo de atadura, fazia o que queria como, onde e quando desejava, e não entrava em seus planos prender-se a uma responsabilidade. O casamento ficava fora de suas aspirações, visto que não desejava uma esposa a qual

abandonar, se Parca cortasse seu fio antes de tempo, do mesmo modo como seus pais o abandonaram.

A profunda voz do conde rompeu o silêncio quando o convidou a sentar-se em frente a ele. Era a mesma voz que lhes anunciara, anos atrás, a morte de seus progenitores. O conde havia sido amigo íntimo do anterior duque de Bollingbroke, e durante o tempo em que Harry foi menor de idade, também se responsabilizou como tutor de ambos.

Waverly voltou a falar, mas as palavras não chegaram a penetrar, completamente, em seu cérebro, embora fossem suficientes para lhe tirar de seus pensamentos:

— Suponho que está a par da descabelada ideia de Lucien de bater-se em duelo, para limpar a duvidosa reputação de certa dama.

— As últimas palavras de seu discurso foram pronunciadas com desprezo. Como se pronunciá-las lhe deixasse um gosto amargo na boca.

— Sim. Estou informado. Lucien me procurou esta tarde no clube para me pedir que seja seu padrinho.

— Penso que terá se negado.

— Não, na realidade aceitei, — ele confessou, sem nenhum tipo de remorsos.

Lucien era seu melhor amigo e não possuía a intenção de abandoná-lo, estivesse de acordo, ou não, com sua decisão.

Sua primeira opção foi fazê-lo entrar em razão, porém quando compreendeu que as razões e as petições para que cancelasse o duelo não eram importantes para ele, soube que não teria outra opção além de acompanhá-lo até as últimas consequências. De nada servira que lhe dissesse que um cavalheiro não se batia em duelo para limpar a honra de uma amante. E, menos ainda, de uma que nem sequer era capaz de ser fiel a seu protetor.

De qualquer maneira, Colin não podia deixar de lado a única pessoa que, junto com seu irmão, acreditava nele.

— Colin, exijo que se negue. Precisa falar com meu filho, fazê-lo entrar em razão... — O conde não conseguiu continuar por mais tempo sentado. Levantou-se e foi se servir, outra vez, de uma taça de brandy. Serviu duas taças sem perguntar ao Colin se ele queria unir-se a ele. Certo de que ninguém se atreveria a discutir suas decisões.

— Acredite em mim, já o fiz e não adiantou de nada, — disse ele aceitando a taça que lhe era estendida.

— Negue-se a ser seu padrinho. Aquela mulher não merece que meu filho arrisque sua vida e sua reputação por ela, — o conde

amaldiçoou entre dentes.

— Não vou fazer isso. Lucien é meu melhor amigo, não tenho intenção de abandoná-lo. Além disso, você sabe tão bem quanto eu que isso não serviria de nada, ele faria de toda a maneira. Comigo ou sem mim, está decidido a levar o duelo adiante.

— Então impeça-o, ele disse pressionando as têmporas em busca de alívio. Sentia que sua cabeça explodiria. As preocupações e o brandy nunca haviam sido uma boa combinação e, mesmo assim, eram a única coisa que impediam que ele mesmo acabasse com o problema.

— Farei tudo o que puder. Mas não lhe garanto nada, — disse Colin depois de esvaziar sua taça com um gole.

— Isso não será suficiente. Desfaça-se de seu oponente. Faça o que for necessário, mas não consinta que meu filho morra por isso.

— Acredita que quero ver meu melhor amigo morrer? — Ele perguntou elevando a voz.

O conde se voltou sem responder, notava-se a tensão em seus ombros. Colin se levantou dividido entre se sentir ofendido, ou sentir pena do aspecto de seu antigo tutor, sempre tão sério e nesse momento tão alquebrado e desalinhado pelo medo.

— Voltarei quando tudo terminar, — ele anunciou. O conde se limitou a assentir com a cabeça.

Antes de partir, Colin viu como ele voltava a aproximar-se da garrafa de brandy e enchia o copo.

Em silêncio, sem nada mais a fazer ou dizer, encaminhou-se à porta pela qual, minutos antes, havia entrado. Embora ao sair seu ânimo fosse muito mais funesto do que quando entrou.

Bloomfield tossiu com descaramento ao passar junto de Elisabeth, ele era muito educado para repreender a senhorita da casa, por escutar atrás das portas fechadas da biblioteca, onde seu pai e seu convidado falavam de assuntos muito delicados para tão tenros ouvidos. Porém, sua impecável educação não o impedia de fazer notar sua presença. Elisabeth ruborizou-se ao ser surpreendida pelo mordomo, mas, mesmo assim, ela continuou escutando, atenta de não perder nenhuma palavra.

Ela teria feito, mesmo que não estivesse relacionado com seu irmão Lucien, ao qual adorava, nada, nem ninguém, teria sido capaz de afastá-la da porta do escritório de seu pai enquanto Colin Strafford estivesse lá dentro falando com ele.

Capítulo 1

Londres, 1817

Lorde Colin Strafford não perdia de vista um dos casais que estavam dançando a valsa, nesse instante, no famoso salão dos Sheene. Mas isso não era nada novo, Colin avaliava a todos, e cada um, dos cavalheiros que dançavam com Elisabeth Masterson, era assim durante os últimos dois anos. Começou no dia em que Elisabeth voltou a assistir os eventos sociais depois do luto pela morte de seu irmão Lucien. Esta noite a jovem dançara com o barão Sheffield, um dos libertinos mais notórios de Londres, e ele fora testemunha dos cuidados do mesmo.

Colin lhe outorgara seu amparo depois de comprovar como lady Margareth, a tia de Elisabeth, que a apresentara em sociedade, uma mulher que não passava dos cinquenta anos e que deveria estar a par dos defeitos de cada um dos pretendentes de sua sobrinha, permitia que ela dançasse com semelhantes homens sem escrúpulos, capazes de tudo para conseguir comprometer uma rica herdeira. Por tudo isso, sentiu-se na obrigação de velar por sua reputação tal e como teria feito Lucien se estivesse vivo.

Depois do longo período de luto, Elisabeth retornara ainda mais formosa do que antes, motivo pelo qual atraía muitos olhares, tanto de homens que procuravam esposa, quanto de endividados como o barão, que ansiavam seu dote para saldar suas dívidas, tão habituais entre os de sua classe social. Isso sem mencionar as matronas que pretendiam casar suas filhas e que a viam como uma importante competidora para seus ambiciosos fins.

Durante os dois anos que durou o luto, a família Masterson se mudara para o campo, o solar dos duques de Waverly, em Kent, por isso Colin não voltou a vê-la até o começo daquela que deveria ser sua terceira temporada. A juvenzinha desajeitada que ele se recordava se converteu em uma jovem muito formosa e tentadora. Sem abandonar os tons pastéis, permitiu incluir em seu vestuário, um ou outro vestido em tons mais escuros que, apesar de serem discretos, conseguiam ressaltar a brancura de sua pele e a cor escura de seu cabelo. Mesmo assim, os dois anos afastada do tumulto de Londres haviam incrementado grandemente sua beleza e, sobretudo, seu caráter independente.

Embora não pudesse ser considerada incomparável, já que seu físico não entrava dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade como o paradigma da perfeição, seu cabelo era tão

escuro que à luz das velas, se vislumbravam mechas avermelhadas, seus olhos eram verdes e rasgados, emoldurados por pestanas negras e sobrancelhas finas. Olhos exóticos e tão expressivos que era impossível que ocultassem seu aborrecimento ou sua alegria, a qualquer que a estivesse olhando atentamente.

Seu corpo era esbelto, voluptuoso, embora muito magro para ser o adequado para ser eleita incomparável. Além disso, era alta, outra qualidade que a afastava do critério que a sociedade estabelecera como modelo de beleza, onde as mulheres miúdas é que eram consideradas formosas.

A valsa terminou nesse momento, mas o marquês de Rochdale, em vez de acompanhar Elisabeth até onde estavam sua tia e sua prima Amélia, ofereceu-lhe o braço e a levou até um dos terraços da mansão dos condes de Sheene. Um passeio pelo jardim seria a escolha mais adequada, visto que ali se encontrava grande quantidade de casais que haviam saído para respirar ar fresco. Os balcões, ao contrário, estavam vazios e eram pouco apropriados para que um casal passeasse a sós.

Com discrição, Colin pegou o mesmo caminho, mas se desviou no último momento, para sair por outra das portas secundárias que davam ao mesmo balcão. Saiu para uma zona mais afastada, mas

suficientemente próxima para conseguir escutar, sem problemas, a conversação que estava tendo lugar.

Estava separado deles unicamente por uma sebe, que era bastante densa e alta para que um homem do seu tamanho, se escondesse.

Colin rezou para que ninguém o encontrasse naquela situação, espiando uma dama casadoira que, para maior escândalo, era a filha do homem que mais o desprezava sobre a face da Terra.

A última conversa que manteve com o conde retornou a sua mente com tanta força como se tivesse recebido um murro na mandíbula:

Derrotado pelos últimos acontecimentos ele parou frente ao número cinquenta e dois de Brook Street, em Mayfair e bateu à porta. O mesmo mordomo que o acompanhara horas antes, voltou a lhe preceder no caminho até o escritório do conde.

Nessa ocasião não houve nenhum tipo de conversação entre eles, Colin chamou, o mordomo abriu em silêncio e se colocou a um lado para deixá-lo passar.

Agora, caminhava atrás dele, quase arrastando os pés, forçando a suas pernas a darem um passo mais. A integridade o abandonara justamente no instante em que viu Lucien desabar no

chão enquanto sua camisa branca se tingia de vermelho. Naquele fatídico momento que soube que ele jamais se levantaria dali. Ao menos, não por si próprio.

Escutou o serviçal falar, mas não se incomodou em ouvir o que ele dizia. Entrou no escritório com o olhar cravado no conde, que parecia não ter trocado de roupa desde a noite anterior. Ele não usava nenhum lenço no pescoço, nem tampouco a jaqueta, sua camisa branca estava enrugada e arregaçada nos antebraços. Ninguém diria que aquele homem que estava em frente a ele, era um dos pilares da sociedade. Seu papel na câmara dos lordes, a antiguidade de seu título e seu próprio caráter o colocaram em lugar proeminente entre seus semelhantes. Nessa mesma manhã quando fora vê-lo, ele era um homem de pouco mais de cinquenta anos, elegante e de aparência agradável, e ao contrário, horas depois, parecia um velho alquebrado pela dor e pela lástima.

— Não se atreva a dizer — desafiou o conde. — Não se atreva a dizer que meu herdeiro morreu e que você não foi capaz de impedi-lo.

No caso de que os rumores do desenlace não tivessem chegado até ele, ou de que o conde não tivesse disposto que algum serviçal seguisse Lucien para estar a par do que aconteceria no

duelo, a face de Colin, que falava mais alto do que sua própria voz, corroborou o que ele já sabia.

— Fiz tudo que pude. Inclusive havia convencido Worth para que desviasse a pontaria. Depois do comportamento de lady Ballister com eles, ele aceitara fazê-lo. — Levou as mãos à cabeça e apertou o crânio com ambas as mãos.

— E Lucien?

— Custou-me convencê-lo de que era o melhor, mas, ele também aceitou desviar a pontaria. Não sei o que aconteceu! As pistolas foram trocadas. Não sei!

— Você foi o padrinho dele. Teria que revisá-las, — gritou fora de si o conde.

— Fiz! O próprio Lucien levou-as, eram dele, maldito seja! Dele!

— Não se atreva a me culpar por sua incompetência. Pedi que você o salvasse. Em todos estes anos foi a única coisa que pedi a você. — A voz dele tremia pela ira que o embargava e pelo brandy ingerido. — E você não cumpriu. Não foi capaz de me devolver todos os anos que eu dediquei a você e a seu irmão.

— Eu tentei! Ele era meu melhor amigo, — disse, alquebrado pela dor, embora tentasse se recompor.

— Isso já não importa. Meu filho está morto e você consentiu que ele morresse, é quase como se você o tivesse matado. Depois de tudo o que tenho feito por vocês, esta é sua forma de me agradecer?

— Fiz tudo o que estava em minhas mãos, — Colin se defendeu, embora de alguma maneira fosse a si mesmo a quem tratava de convencer com essa afirmação. — As pistolas...

— Não quero que você retorne aqui, — ele o interrompeu antes de que pudesse voltar a se desculpar. — Proíbo que você fale com Elisabeth, ou comigo. Não quero que ninguém que tenha a ver com minha família tenha entendimentos com você, ou com sua linhagem. Informe ao Harry que pouco me importa que ele seja um duque, tampouco quero que ele se aproxime de minha filha. Ela é a única coisa que me resta e não vou permitir que me arrebatem ela também. Esqueça-se de que alguma vez acariciei a ideia de que os Strafford pudessem fazer parte de minha família e se afastem, os dois, dela.

— Assim será.

— Bloomfield! — Gritou o conde.

O mordomo apareceu três segundos depois como se estivesse na porta à espera de que seu senhor o chamasse.

— Milord? — Perguntou com eficiência.

— Acompanhe lorde Strafford até a porta e se assegure de que se recordará bem de seu rosto, porque nunca mais vai permitir o acesso dele, nesta casa. Fui claro? — Ele perguntou olhando para Colin, com os olhos completamente vazios.

— Muito claro. Avisarei o duque de Bollingbroke de que esse é o seu desejo. Não se preocupe, os Strafford sabem estar a altura de qualquer circunstância.

Dito isto, saiu pela porta sem esperar que o mordomo lhe indicasse o caminho. Ainda não chegara à porta quando se deparou com os olhos verdes de Elisabeth, vermelhos pelo pranto.

— Colin?

— Sinto muito, Elisabeth. Juro que eu tentei. Estava convencido de que tudo ia se solucionar... — ele murmurou, deixando-se levar somente um instante pela dor, que com muita dificuldade conseguia manter distante.

E seguiu em direção à porta principal, por onde saiu sabendo que nunca mais lhe seria permitido retornar e que nada, nem ninguém, no mundo conseguiria que ele quisesse fazê-lo. Ninguém.

Elisabeth se deteve assim que eles atravessaram as portas do balcão, mas não se soltou do braço de lorde Matthew Bonham, marquês de Rochdale. Depois de finalizar a dança ele lhe comentara sua intenção de acompanhá-la até o lado de sua tia, mas Elisabeth, consciente de que estava sendo observada, quisera comprovar qual era o limite de seu vigilante.

Não planejava nada mais do que um simples flerte à luz da lua, o marquês era um cavalheiro bonito e atento, mas ela não estava interessada nele desse modo. De fato, a única pessoa que Elisabeth via como um potencial pretendente, era precisamente a pessoa que mais a desprezava no mundo, aquele ao qual jamais poderia ter.

Quando ela voltara a Londres e depois de várias tentativas de manter uma conversa com ele, deu-se conta de que lorde Colin Strafford não queria ter nenhum tipo de contato com ela. E aí estava depositada a curiosidade da jovem, por que um cavalheiro que lhe negava inclusive a saudação, estava tão atento a seus movimentos em cada baile no qual os dois coincidiam? Às vezes, ele a vigiava inclusive no teatro ou nas noites musicais às quais tia Margareth as arrastava, Amélia e a ela. O mais surpreendente de tudo, era que a única pessoa que parecia dar-se conta do inexplicável interesse dele, era ela mesma. Nem sua tia, nem Amélia comentaram alguma

coisa a respeito e Elisabeth, até essa noite, inclusive chegara a se questionar se não eram mais que imaginação delas.

E por mais magoada e decepcionada que se sentisse com ele por seus desplantes, não conseguia evitar se recordar em detalhes, de cada palavra da última conversa que mantiveram no dia do funeral de seu irmão. O dia que ele acabou, de repente, com seus sonhos e a fez deixar para trás a vida de menina acomodada e feliz da qual sempre desfrutara.

Fazia ao menos uma hora que os serviços religiosos terminaram. Entretanto, partir dali supunha para Elisabeth dizer adeus, para sempre a seu irmão. Seu pai não viu com bons olhos que sua filha ficasse ali, sozinha. Porém, graças à intervenção da tia Margareth, que apontou que se uma dama podia estar segura em algum lugar, esse lugar era sem dúvida a igreja, o conde lhe permitiu ficar para despedir-se a sós de Lucien. Não sem antes ordenar a Riona, sua donzela, e a um laçaio que a esperassem na porta para que ela não tivesse que retornar sozinha para casa.

Elisabeth não voltou a cabeça ao escutar passos atrás de si. Acreditando que, igual a ela, a pessoa que procurava refúgio no santo lugar não queria ser importunado por olhares curiosos. Até

que notou que alguém tomava assento a seu lado no mesmo banco, então se voltou para comprovar de quem se tratava.

— Colin, você veio! — Ela exclamou lançando-se a seus braços.

Ele a recebeu imediatamente e seu olhar torturado disse para Elisabeth que ele sofria tanto quanto ela.

As lágrimas que ela conseguira manter sem derramar, diante da aristocracia londrina, que fora compartilhar a dor da família, transbordaram nesse preciso instante, sabedora de que Colin lhe ofereceria o consolo que seu pai não soubera ou não quisera lhe dar. Apesar de tudo, tanto Colin quanto ela mesma, eram os únicos que sentiam a perda do ser humano, não do herdeiro ou do futuro conde.

— Não chore, Elisabeth. Por favor, não chore, — ele pediu com a voz rota pela angústia

A jovem teve consciência de que ele, também, parecia a ponto de desmoronar.

Elevou a cabeça para olhá-lo, afastando-se dele.

— Vou para o campo, Colin. Meu pai está fora de si e me obriga a ir com ele. Nem sequer quis que Lucien fosse enterrado no cemitério da família em Englefield Manor. — As lágrimas lhe

embaçavam o olhar. — Prometa-me que se encarregará de que meu irmão tenha flores frescas, — ela suplicou, mesmo que consciente de que Lucien já não poderia desfrutar delas.

— Prometo Elisabeth. Tem minha palavra de que velarei por isso. — “Velarei por sua tumba como não fiz por sua pessoa, disse a si mesmo, amaldiçoando-se por não ter conseguido salvá-lo”.

— Irá me visitar? Preciso de você, Colin.

Ela deveria ter se dado conta de que o sorriso triste que Colin lhe ofereceu indicava mais do que o faziam suas palavras.

Mas estava muito transtornada para se dar conta disso.

— Eu tentarei.

Duas palavras que naquele momento significaram tudo para ela. Duas palavras que ela nunca soube se chegaram a se materializar.

— Como está seu pai, lady Elisabeth? — Perguntou o marquês com interesse.

A pergunta tirou-a de seus pensamentos, e ela se soltou do braço de lorde Matthew e o olhou com uma raiva contida.

— Tenho certeza de que já escutou suficientes intrigas sobre a saúde de meu pai, lorde Bonham. — Colin, que continuava escondido atrás da sebe, percebeu o aborrecimento da jovem ao responder.

Desde a morte de Lucien, o conde quase não se deixou ver em sociedade e, as poucas vezes que o fazia, com sua atitude, deixava bem claro que já não era a mesma pessoa correta e escrupulosa que fora. Dizia-se que seu ostracismo era amenizado por sua alarmante afeição ao Armagnac e que se importava, tão pouco, com sua filha que a deixara sob a responsabilidade da irmã de sua falecida esposa, para que ela lhe conseguisse um marido, que o liberasse dela, o quanto antes. O problema era que sua filha não era tão dócil quanto ele esperara e continuava rechaçando as propostas de matrimônio, por mais tentadoras que estas fossem para o conde.

— Minhas desculpas. Minha pergunta não ia mais à frente do que o desejo de me interessar por um homem, ao qual em outro tempo respeitei, e que a desgraça afastou do meu lado. Tenho saudades de seu pai, milady.

O sorriso que Elisabeth ofereceu ao marquês fez com que Colin apertasse os punhos, de muito mau humor.

Estava claro que Rochdale sabia como apaziguar uma mulher, disse a si mesmo. A frase dele, embora não duvidasse de sua sinceridade, fora perfeita para acalmar o mal-estar de Elisabeth, que, de repente, o olhava com outra atitude, muito mais que cordial.

— Não, a culpa é minha, não deveria ter tomado tão mal sua pergunta. Sobretudo porque você acaba de retornar do continente e não deve estar muito informado das intrigas.

Ele se abaixou um pouco para ficar a sua altura.

— Devo-lhe confessar que as intrigas nunca me interessaram,
— ele comentou em fingido tom confidencial.

— Pois será melhor que guarde o segredo, se a sociedade se inteira de seu pequeno defeito, farão de você o alvo de suas brincadeiras, — ela disse rindo.

— Que benevolente é você! Nesse caso, devo-lhe um favor que poderá cobrar quando você desejar.

— Nesse caso cobrarei isso, agora mesmo.

— Como desejar, milady — sorriu ele. — Embora tenha a sensação de que quer cobrar já, porque acredita que eu esquecerei e que, portanto, deixarei minha dívida sem pagar.

— É possível, — riu ela.

— Não me deixa em boa situação, — brincou ele. — Mas me diga o que deseja e se estiver em minhas mãos, eu proporcionarei satisfeito.

— Beije-me, — pediu Elisabeth aproximando-se mais de lorde Matthew.

A surpresa e a fúria fizeram com que os dentes de Colin rangessem com tanta força, que estava certo de que o casal escutara. Sentiu vontade de golpear alguém, ou, ao menos, de romper algo, mas não podia fazê-lo sem sair dali, assim, meteu os nódulos dos dedos na boca e os mordeu com força, mas nem sequer esse gesto conseguiu apaziguar sua raiva. Consciente de que atuava da mesma maneira que quando era um menino raivoso e que perdera seus pais muito cedo, deixou de se morder e amaldiçoou entre os dentes, por tal debilidade.

Fazia anos que não atuava dessa maneira infantil e voltar a cair naquilo aumentou seu mal-estar.

Elisabeth, sem dar tempo ao marquês de reagir diante de seu pedido, ficou nas pontas dos pés e pressionou seus lábios sobre os dele. Se o beijo não conseguisse tirar Colin de seu esconderijo, nada o faria, ela pensou desesperada para conseguir uma reação.

Esperando uma resposta que não chegava se agarrou mais ao marquês e enlaçou os braços ao redor de seu pescoço. Notou o desconforto dele, a delicadeza com a qual ele estava tentando afastá-la, mas ela não se importou com a humilhação, nem de forçar um cavalheiro a fazer algo que ele não desejava. Não se importou, se com isso conseguisse o que estava a anos esperando, a aproximação de Colin. Nem sequer o temor de manchar sua reputação se interpôs em seus planos. Precisava que aquele que havia sido seu amigo se aproximasse dela, embora não fosse para nada mais que repreendê-la. Fosse como fosse, necessitava-o em sua vida.

Suspirou enfastiada quando compreendeu que o atrevido beijo não serviria de nada, Colin continuava sem aparecer para lhe exigir uma explicação por seu comportamento impróprio, e nada digno de uma dama. Porém, o que Elisabeth realmente procurava era uma palavra, somente uma palavra que fosse destinada a ela. Pouco se importava se seria irada, zangada ou inclusive indiferente, o que realmente importava para ela era voltar a fazer parte de sua vida.

Que ele deixasse de ser o fantasma que habita o mesmo espaço e que ao mesmo tempo é tão longínquo e inalcançável quanto um sonho.

Depois da surpresa inicial, Rochdale pareceu responder ao beijo, sua mão pousou delicadamente sobre o decote do corpete de Elisabeth, que lançou um profundo suspiro ao sentir o contato.

Colin estava a ponto de sair de seu esconderijo, decidido a exigir explicações, quando escutou os passos de sapatilhas se aproximarem do balcão. Ficou escondido atrás da sebe quando se deu conta de quem era a inesperada visitante. Lady Sarah, não podia vê-lo em semelhante situação, a amizade que a unia a seu irmão Harry, faria com que ela se sentisse na obrigação de contar a ele, e conhecendo Harry sabia que ele não desistiria até saber os motivos pelos quais espionava lady Elisabeth e, se se negasse a falar do assunto, seu irmão tiraria suas próprias conclusões, com total segurança, pouco favoráveis para ele.

Rochdale se deu conta da presença da jovem e se afastou de Elisabeth imediatamente.

— Lady Sarah? — Ela ficou parada na porta alguns segundos, certamente, deduziram Colin pela careta de seus lábios, decidindo se atendia à chamada ou partia por onde viera.

Lentamente ela se voltou e o encarou com o gesto sério e a cabeça bem alta. Majestosa e raivosa em partes iguais.

— Lorde Matthew, lady Elisabeth, vi vocês tão entretidos que não quis incomodar. Assim, se me desculparem... Eu os deixarei com o que estavam fazendo. Não se detenham por mim, por favor — disse com a vista cravada em Elisabeth e os olhos brilhantes de rancor.

Colin precisou apertar com força os lábios para sossegar a gargalhada que esteve a ponto de delatá-lo. Lady Sarah sempre fora uma dama interessante, mas com seu inesperado discurso acabava de ganhar pontos diante de seus olhos. Além disso, Elisabeth o merecia por lançar-se aos braços do marquês com tanto descaramento e sem nenhum tipo de pudor.

Elisabeth, por sua parte, devolveu-lhe o olhar com a mesma animosidade, o brilho de seus olhos verdes falou mais do que se tivesse pronunciado um longo discurso. O que menos ela pretendia ao beijar Matthew era que a sociedade toda soubesse, a única pessoa que queria que a visse era o cavalheiro escondido atrás da sebe, que separava ambos os balcões. Assim lady Sarah era tudo, menos oportuna, com sua língua viperina, certamente ela contaria ao duque de Bollingbroke o que vira e o que menos lhe interessava era que o irmão de Colin acreditasse na fofoca.

Lady Sarah pestanejou várias vezes antes de se voltar para retornar ao salão, mas Rochdale, que não mostrava nenhum interesse em deixá-la ir, ou em ficar a sós novamente com Elizabeth, deteve-a.

Perfeito! pensou Colin, já não havia tantos motivos para matá-lo como ele imaginara ao princípio. O que não eliminava o maior motivo de todos, o beijo.

— Como vai seu irmão? Tenho pensado em visitá-lo no campo na próxima semana. Eu gostaria de acompanhá-lo durante o nascimento de seu primeiro filho, — ele anunciou solene.

— Ele se alegrará muito de vê-lo. Sempre o considerou seu melhor amigo, — assentiu ela, lhe falando com frieza.

— Igualmente eu a ele, — ele respondeu firmemente.

— Eu sei. Boa noite, milorde, — ela se despediu, impaciente por abandonar o balcão. — Desculpe que eu tenha lhe roubado a atenção do marquês durante alguns instantes. Já volta a ser todo seu, espero que aproveite! — Ela disse para Elisabeth, que abriu os olhos surpreendida pelo arrebatamento da loira.

— Muito obrigada por seus bons desejos. É justamente o que pretendo fazer, — respondeu Elisabeth mordaz. Dissesse o que dissesse, a harpia da lady Sarah Danvers colocaria a par o

Bollingbroke, por que não aproveitar o momento e vingar-se dos deslantes que vinha sofrendo por parte de lady Sarah desde meninas?

Sem dúvida, duas damas a se levar em conta, disse Colin a si mesmo. Embora o mais interessante e desconcertante, ao mesmo tempo, era que uma dessas moças diretas e intrigantes, era a melhor amiga do homem mais fiel às convenções sociais de toda a Inglaterra, ou seja, seu próprio irmão, o duque de Bollingbroke.

Harry era tão comedido e perfeito que Colin se sentia na obrigação de ser a ovelha negra da família, para compensar. Por isso se permitiu desfrutar dos prazeres, sem correntes, e deixar os temores e as obrigações para seu irmão mais velho. O único impedimento a sua liberdade era que Harry não se casou e dera um herdeiro à família para que o liberasse do cargo. Algo no qual, com um pouco de sorte, lady Sarah poderia ajudá-lo.

Elisabeth relaxou assim que sua oponente desapareceu pela porta do balcão. A única razão pela qual ela pedira ao marquês que a acompanhasse para tomar ar fresco, era para tentar fazer com que Colin reagisse de uma vez. Sabia que ele não perdia de vista nenhum de seus movimentos, que estava atento a cada um dos passos que ela dava, mas, apesar desse interesse que não

conseguia explicar, ele jamais se aproximava o suficiente para que ela pudesse começar uma conversa com ele ou repreendê-lo por persegui-la.

Se alguma vez se cruzavam pelo Hyde Park, Colin parava para falar com algum conhecido, dava a volta, ou simplesmente fingia que não a vira, para assim evitar precisar se deter ou lhe devolver a saudação.

Durante os primeiros meses de sua volta à cidade, Elisabeth tentou de tudo para começar uma conversação com Colin. Inclusive teve o atrevimento de enviar uma nota para sua casa. É obvio, a nota nunca foi respondida e a conversa jamais teve lugar.

— Sinto ter lhe causado problemas com lady Sarah, — se desculpou Elisabeth.

— De verdade você sente?

Elisabeth riu divertida. Encantada com a atitude do marquês. Ao que parecia era mais intuitivo do que ela havia esperado.

— Possivelmente por ela não muito, mas sim, sinto por você — ela confessou baixando a voz.

— Você não é tão feroz quanto parece. — Riu lorde Bonham

— Além disso, espero poder solucionar este... mal-entendido com a dama.

— Lamento tê-lo criado. E lhe dou minha palavra de que desta vez o digo de verdade.

— Milady, isso pode ser interpretado que sua desculpa anterior não foi muito sincera, — brincou ele de novo, subtraindo importância ao acontecido de apenas alguns minutos e conseguindo com isso que Elisabeth não se sentisse pior.

— Nesse caso, digamos que esta é muito mais sincera.

— Será melhor entrarmos, — pediu o marquês lhe oferecendo seu braço. Elisabeth agradeceu que ele não fizesse nenhum comentário sobre seu beijo. — Sua tia deve estar preocupada com você.

— Minha tia não terá reparado em minha ausência. E se não se importar de retornar sozinho vou ficar aqui alguns minutos mais.

— É claro, — ele aceitou lhe oferecendo um sorriso que era ao mesmo tempo uma desculpa por deixá-la ali sozinha, — mas fique na luz. É perigoso para uma mulher como você.

— Perigoso em Mayfair?

— Ficaria assombrada de quão perigosa pode ser a alta sociedade, — ele disse se inclinando para despedir-se.

Elisabeth se aproximou do corrimão do balcão e passeou o olhar pelos jardins a sua frente, estava tão pensativa, que

praticamente se esqueceu de que estava sendo observada.

— Eliza, — alguém a chamou alguns minutos depois, com uma voz familiar.

Durante um instante em que demorou para se voltar para ver quem a chamara daquele modo, ela desejou muito que fosse Lucien quem lhe falava. Ninguém mais no mundo se dirigia a ela usando aquele apelido familiar, nem sequer sua prima Amélia, que era, depois de seu irmão, a pessoa que melhor a conhecia.

Capítulo 2

Elisabeth sentiu que os joelhos não seriam capazes de sustentá-la quando se deparou com os olhos cinzas de Colin, cravados nela. A intensidade com que a observava conseguiu que lhe formigasse a pele nas zonas em que Colin se mostrava mais interessado. Sentindo como o olhar acariciador lhe descontrolava o coração, Elisabeth piscou várias vezes, ainda confusa e surpresa que sua artimanha tivesse surtido efeito.

— Olá, Eliza.

— Não me chame assim, — ela lhe rogou em um sussurro, pelas lembranças dolorosas que lhe trazia o diminutivo. — De fato, você não tem nenhum direito de me chamar desse modo. Somente Lucien possuía e já não está aqui para fazê-lo.

Colin empalideceu, e se sentiu estúpido por ter se aproximado dela contra o desejo explícito de seu pai e de seu próprio juízo. Deveria ter imaginado que Elisabeth também o culparia pela morte de seu irmão, mas como ela não faria? Sentiu um nó no estômago, embora conseguisse manter sua aparência impassível. Agradecido que a falta de luz não delatasse sua dor.

— Surpreende-me, jamais imaginei que você também me culpasse, — ele comentou como se a acusação dela não o tivesse esmigalhado por dentro. — Por outro lado, compreendo que o faça.

— Do que você está falando, Colin? — Disse ela sem entender seu comentário.

Inconsciente de que havia tornado a lhe chamar de você.

— Da morte de Lucien. Por que me acusa de não ter direito a falar com você?

— Meu Deus! Como se atreve a sugerir tal coisa? — Ela lhe disse mortificada. — Como você pode ser tão estúpido?

Muito alterada para continuar falando ela se afastou até se apoiar na parede do amplo balcão. Que tipo de pessoa ele acreditava que ela era? Como podia sequer pensar que ela o culparia pela morte de seu irmão? Acreditava por acaso que ela era como seu pai? Que era incapaz de compreender que ele não foi culpado do que aconteceu. Que havia sido decisão de Lucien bater-se em duelo e que não foi Colin quem apertou o gatilho?

— Elisabeth, você está bem? — Ele perguntou alarmado, mas sem se aproximar dela.

— Não, não estou. Fiquei sem ninguém, Colin. Meu irmão morreu, meu pai está cada dia mais perto da loucura, e você me

abandonou. Se não tivesse sido por minha tia Margareth e por Amélia, eu teria morrido de tristeza e de desespero. Fiquei completamente sozinha. Você era o único ao qual eu podia me agarrar para recordar Lucien, nenhum de seus outros amigos estava tão unido a ele quanto você. Foi a única pessoa que o amava tanto como eu. O que meu pai sente por seus filhos não é amor, é outra coisa diferente, e você me deixou sozinha. E não contente com isso, agora me acusa de acreditar que...

— Eliza, não. Jamais pensei que você acreditasse que era minha culpa, mas ao escutá-la esta noite acreditei que se referia a isso, — desculpou-se Colin.

— Por que você me ignorou durante estes anos? Por que me abandonou, Colin? Diga-me a verdade.

— Nossa amizade era possível enquanto Lucien vivia, mas agora é inapropriada. Além disso, já não há nada que nos una. Não resta nada ao que nos aferrarmos.

Elisabeth sentiu o peso daquelas palavras sobre seus ombros. Agradeceu por estar apoiada contra a parede, porque o grosso muro foi a única coisa que a impediu de cair ao chão.

— Entendo, — ela respondeu quando enfim conseguiu falar.

Mas era mentira, não entendia nada. Não compreendia a razão pela qual ele a vigiava, pela qual ele cuidava dela, das sombras. Pela qual ele estava ali agora, falando com ela.

— Você sempre se importou muito com as convenções sociais, é lógico que se preocupe em manter nossa amizade, — ela disse com todo o sarcasmo que foi capaz de entoar.

— Eliza...

De repente a verdade abriu passagem em sua embotada mente como a luz do amanhecer que ilumina a escuridão da noite.

Eliza... Eliza, ele a chamara de Eliza. Do mesmo modo como Lucien fazia...

A raiva abriu caminho entre a confusão e a dor. Apresentou-se tão densa e abrasadora que levou consigo o sofrimento e a vergonha que ela sentia, nesse instante, por seu comportamento de somente alguns minutos com o marquês de Rochdale.

— Você não é meu irmão, — ela lhe disse com raiva. — Não se atreva a querer ocupar o lugar dele. Nunca volte a me chamar de Eliza e nunca volte a me olhar, a não ser que esteja disposto a se comportar como um cavalheiro depois, e a não me ignorar como se eu fosse invisível. Que seja uma coisa ou outra, Colin, ou reconhece nossa amizade ou não o fará, absolutamente.

E dizendo isto ela se afastou da parede e caminhou em direção à porta mais afastada do balcão, a mesma pela qual ele havia entrado.

Colin ficou plantado ali, durante ao menos dez minutos. Maldita fosse, não necessitava que ela lhe recordasse que ele não era seu irmão. Ele era mais do que consciente de que ela não pertencia a sua família, e por milhares de razões que ele, nem sequer, se atrevia a considerar.

Lady Elisabeth entrou como um vendaval no salão de baile, nem sequer as olhadas reprovadoras das matronas da sociedade, conseguiram que ela caminhasse mais devagar. Observou tudo, com urgência, até ver Amélia, que se sentara na área das solteironas, mordeu a língua para não lançar um grito zangado e se encaminhou até ela.

Ela precisava de sua amiga para acalmar seu desassossego. Amélia havia chegado a sua vida quando ela mais necessitava um ombro sobre o qual chorar. Aparecera acompanhando sua tia Margareth, a irmã viúva de sua mãe, que depois da morte de Lucien se encarregara dela, já que seu pai ficou completamente desatento

da filha que ficava com vida. Apesar de tudo, ela não era o barão que herdaria o título.

Amélia era a sobrinha órfã de sua tia, a filha do irmão de seu falecido esposo, Elisabeth a vira algumas vezes antes, mas em nenhuma daquelas ocasiões ela se incomodou em cultivar sua amizade. Naquela época, que agora sentia tão longínqua, poderia ter sido considerada, com razão, como uma jovem frívola e oca, mas a vida dera um giro de cento e oitenta graus e tudo mudara para ela.

E Amélia, apesar de seu cabelo vermelho, suas sardas e seus vestidos insípidos, contribuía com seu afeto e seu apoio mais do que fizeram, anteriormente, suas incomparáveis amigas.

Como se houvesse sentido que alguém precisava dela, Amélia elevou a cabeça e fixou o olhar em Elisabeth. Desculpando-se com lady Fairfax, que provavelmente estava lhe contando quão maravilhosa era sua sobrinha, levantou-se e circundando a pista de danças se aproximou dela.

— Lizzie, o que aconteceu?

— Acompanhe-me à costureira. Desprende uma prega de meu vestido, — ela disse, se por acaso alguém estava mais

interessado em sua conversa do que na própria. — E preciso que você me acompanhe para procurar uma donzela que solucione.

— De acordo, — ele assentiu olhando disfarçadamente o vestido que parecia em perfeito estado.

As jovens entrelaçaram os braços e caminharam até a área habilitada para as damas, que nesse momento estava vazia, com exceção da costureira, que esperava sentada em uma cadeira se por acaso fosse necessários seus serviços.

— Posso ajudá-las em algo, senhoritas?

— Não, obrigada. Viemos descansar alguns minutos, — explicou Elisabeth, empurrando Amélia para trás de uma das cortinas que delimitava os espaços.

Escutaram como a moça, em um gesto que Elisabeth agradeceu intimamente, abandonava o local para lhes oferecer um pouco de privacidade.

— O que aconteceu, Lizzie? A última vez que me arrastou até aqui, com tanta urgência, foi porque acreditava que eu havia ruborizado ante o olhar do barão Weston.

— Sim, esperava descobrir quem era seu amor secreto já que se nega a me dizer isso, você mesma, mas desta vez é diferente. — Fez uma pausa e colocou suas mãos sobre os ombros de Amélia

para obrigá-la a centrar sua atenção no que ia dizer. — Falei com ele. Finalmente eu fiz, e agora me sinto uma tola por ter albergado alguma esperança, — ela sussurrou, por medo de ser escutada.

O ruído de passos lá fora as fez calar. Três vozes distintas que, imediatamente, identificaram como lady Miriam Blake, lady Julia Warwick e lady Emma Shilton começaram a proferir comentários mordazes para praticamente todas as damas que compareceram ao baile dos Sheene.

— Prestaram atenção em lady Elisabeth? — Perguntou lady Emma Shilton com raiva. — Não posso acreditar que ela tenha o descaramento de passear de braço dado com lady Amélia como se realmente se importasse com sua amizade.

— O que quer dizer, querida? — Interrogou Julia Warwick, a quem satisfazia tanto uma intriga quanto seu pai gostava das cartas.

— É evidente. A única razão pela qual travou amizade, — ela pronunciou a palavra com ironia, — com a vassoura ruiva, é porque a seu lado sua beleza morena se destaca como um cisne em um lago de patos.

Elisabeth esteve a ponto de sair e enfrentá-las por falarem desse modo de Amélia, mas ela a deteve posando a mão sobre seu braço.

Não foi nenhuma surpresa que falassem dela chamando-a de vassoura, seu cabelo arrepiado e seus vestidos cinzas e passados de moda as ofendiam, e embora não se importava, em momentos como aquele desejava mostrar a mesma coragem que Elisabeth mostrava, para enfrentar a seus dardos.

— Não vale a pena, — ela pediu em um sussurro.

— Não acredito que seja o caso. Ela não precisa do apoio de ninguém para parecer bela. Além disso, vivem juntas, sua tia levou Elisabeth à sua casa da cidade, — argumentou lady Miriam, que, até esse momento permanecera em silêncio.

— Bela? — Explodiu lady Emma, com raiva.

— Você não pode negar que ela tem olhos muito formosos e exóticos. — Lady Miriam parecia não compartilhar o ódio que as outras duas lhe professavam.

— Exóticos como o gosto de seu pai pelo brandy?

Amélia soube, assim que escutou a cruel réplica de lady Emma, que Elisabeth não permaneceria escondida e calada, não nessa ocasião.

É óbvio, não se equivocou.

Quando ela saiu do reservado houve uma coletiva inspiração respiratória, enquanto as outras mulheres registravam sua

presença. Apesar do que havia escutado ela se mostrou altiva, distante e tão cortês que foi pior do que se cada uma das implicadas tivesse recebido uma bofetada na cara.

— Senhoras, aflige-me o interesse que mostraram pela saúde de meu pai. Não duvidem em que farei chegar sua preocupação. — E acrescentou dando um golpe às estupefatas damas. — Vamos, Amélia. Parece que o ar aqui dentro se rarefez. Não sente você também o cheiro podre? Parece que ainda há pessoas que não sabem o que é a higiene e o perfume.

Amélia saiu com a cabeça encurvada e as bochechas rosadas, e Elisabeth desejou poder sacudi-la para que se erguesse. Para que não lhes mostrasse o muito que lhe doía que a chamassem de vassoura ruiva.

— Sim. A verdade é que cheira muito mal. Parece enxofre, não acredita?

Elisabeth engoliu a gargalhada que o comentário de Amélia lhe causou. Então sua querida amiga era capaz de lançar dardos envenenados se a ocasião assim requeria.

— Tem toda a razão, é enxofre. Menos mal que você também percebeu. — E acrescentou dando o golpe final. — Eu começava a acreditar que era a única com a sensibilidade suficiente para notar.

E depois de ofender o resto das damas com tão direta afirmação, as duas abandonaram o reservado e retornaram à pista de dança.

Como Elisabeth não se sentia com ânimo para dançar se aproximaram da zona onde estava sua tia. Grande engano, já que ao fazê-lo ela se posicionou muito perto da pessoa a qual pretendia evitar mais do que a qualquer um nesta noite.

Apesar de tudo, havia lançado um desafio e estava à espera de que Colin tomasse uma decisão a respeito.

Lady Phillippa Clarendon, marquesa de Wimsey, conseguira afastar Colin das mãos casadouras que o perseguiam, como herdeiro de um ducado. Não fora fácil, mas quando seu marido lhe fez um gesto para que se fixasse no que estava acontecendo, seu afeto por ele e seu engenho se colocaram em marcha, e alegando um pequeno enjoo, habitual em seu estado de gravidez, rogou a Colin que a acompanhasse para passear pelo exterior do salão em busca de um pouco do ar que entrava pelos balcões e pelas janelas abertas.

Durante seu passeio pelo salão, lady Phillippa se deu conta do interesse que lady Elisabeth mostrava neles, assim não deixou de manter alerta, sua escura cabeça, para descobrir o que acontecia.

Porque, embora lady Elisabeth não fosse o santo de sua devoção, era muito sisuda e presunçosa, e lady Phillippa a evitava tanto quanto lhe permitia a boa educação, a dor que ela refletia em seu olhar a emocionara além do que ela estava disposta a admitir.

Apesar de tudo, ela era uma pessoa digna de pena. Phillippa lamentava o acontecido com o irmão dela, sobretudo porque, igual a Colin, Lucien também era um bom amigo de seu marido, lorde Martin Clarendon. Um marido ao qual ela adorava, e que era um dos pouco habituais matrimônios por amor entre a aristocracia.

Quando passaram junto a Elisabeth, a perfeita máscara que era a face da moça deixou entrever o que ela estava sentindo realmente.

— Querido, você fez algo de ruim para lady Elisabeth?

— Lady Elisabeth? — Perguntou Colin, arqueando as sobrancelhas com o mesmo gesto questionador que seu irmão mais velho usava.

Qualquer observador metuculoso não teria passado por cima das semelhanças entre os dois homens. E não só as físicas, visto que eram evidentes, os dois compartilhavam do mesmo cabelo castanho claro, o mesmo nariz patricio e a tonalidade cinzenta dos olhos. Além disso, teria se dado conta da semelhança como ambos

se moviam, afastavam o cabelo da testa, inclinavam-se para beijar a mão de uma dama ou, como neste caso, arqueavam as sobrancelhas, qualidade que poucas pessoas possuíam.

— Lady Elisabeth Masterson, — esclareceu lady Phillippa, embora fosse evidente, para ambos, que a informação extra, era desnecessária.

— É possível, mas como você sabe isso? — Ele questionou entre surpreso e preocupado que alguém o tivesse visto espionando-a.

— Não sabia, acabo de descobrir ao ver como ela está olhando para você. Não se vire! — Repreendeu-o. — Visto que Colin já estava se virando, deu um amigável tapa em seu braço e ele voltou a cabeça, sem fixar a atenção em Elisabeth.

— De acordo, não olharei. Mas, me diga, como exatamente a dama está me observando?

— Como se você lhe tivesse feito tanto dano que o único modo de superá-lo fosse lhe tirando os olhos, com as unhas.

A expressão surpreendida de Colin foi tão exagerada que lady Wimsey começou a rir, sem nenhum tipo de decoro. E com isso atraiu a atenção de Harry Strafford, duque de Bollingbroque.

Embora, sendo justos, teria que se mencionar que o duque não perdera o trio de vista, em nenhum momento.

Capítulo 3

O duque de Bollingbroque ainda tratava de assimilar a cena da qual fora testemunha involuntária a apenas alguns minutos antes. Aquilo parecia digno de uma obra de Drury Lane e ele era um dos poucos nobres que iam ao teatro pela representação, não para exhibir-se ou fofocar.

Nem sequer sua conversa com sua íntima amiga, lady Sarah, havia apagado, nem por um segundo, a estupefação que sentira por ter visto seu dissoluto irmão espionando lady Elisabeth Masterson. Visivelmente contrariado, porque ela estava com um cavalheiro em um balcão solitário. Ao mesmo tempo, a conversa com sua amiga lhe conferira uma visão diferente da cena que ele mesmo presenciara.

Por outro lado, ninguém que tivesse visto lorde Colin em semelhante momento, teria acreditado que os Strafford conheciam a dama desde menina e que, por aquela época, junto ao malogrado Lucien Masterson, evitavam-na como a peste, quando queria intrometer-se em seus jogos masculinos.

Por tudo isso, Harry não podia mais que repensar nos motivos que propiciaram o interesse de seu irmão, ao mesmo tempo, em

que se dispunha a estar atento a cada um de seus movimentos, enquanto passeava com lady Wimsey pelas laterais do salão de baile dos Sheene.

E não só porque quisesse que seu irmão conseguisse a paz de coração, que a morte de seu melhor amigo lhe arrebatara, mas, sim, porque era seu único parente vivo e desejava de todo coração que ele encontrasse a felicidade conjugal, da qual seus pais desfrutaram, e se ao mesmo tempo essa felicidade proporcionasse herdeiros ao ducado, mais que melhor, já que nos planos imediatos do duque não entrava o casamento. Não, isso ele deixaria para Colin. Tanto que se fosse necessário ele estava disposto a dar uma mão ao destino para que tão feliz ocasião ocorresse.

A casualidade, ou talvez, o desejo rápido de algum deles, fazia que os dois protagonistas da cena do balcão coincidissem, agora, no mesmo lugar. Porém, Colin cuidando muito de não olhar na direção em que lady Elisabeth se encontrava, mesmo assim, Harry estava certo de que ele estava a par de cada uma das conversas que a dama travara, enquanto procurava refúgio com sua boa amiga lady Amélia.

A situação havia intrigado completamente o duque, que estava seguro, visto que a moça era a irmã de Lucien Masterson, de que

fosse o que fosse que Colin planejara para ela, era algo lícito e irreprovável.

Pode ser que seu irmão tivesse fama de libertino, mas jamais chegou ao seu conhecimento que ele se interessasse por jovens em idade casadoira, e muito menos pela irmã de seu malogrado melhor amigo.

A intriga, e o desejo de ver seu irmão feliz e, porque negar, a responsabilidade que como cabeça de família sentia por ele, unido ao decoro devido a seu sobrenome, empurrou-o a averiguar os motivos pelos quais os implicados se evitavam, com tanto esmero.

Consciente de que não era ao Colin a quem devia ir em busca de respostas, já que, se tentasse, seu irmão sairia correndo e se fecharia, negando-se a dar uma resposta, e colocando-o, além disso, sobre aviso de suas intenções. Decidiu que o melhor era recorrer à outra fonte implicada.

Para isso se encaminhou até o lugar em que lady Elisabeth e lady Amélia estavam conversando, e fazendo uso de suas boas maneiras se inclinou levemente diante delas, não poderia esquecer que o duque era ele e que, portanto, não precisava se inclinar diante de ninguém mais que o rei ou, em sua ausência, ao príncipe regente, situação extremamente ridícula visto as circunstâncias.

Apesar disso as saudou como se fossem as mulheres mais importantes de todo o salão.

— Boa noite, formosas damas.

Lady Amélia ficou vermelha combinando com seu cabelo enquanto Elisabeth o olhou com o desdém refletido na face.

— Boa noite, Excelência, — disse Amélia.

Fazendo notar sem querer o silêncio de sua amiga, que se limitou a fazer um gesto com a cabeça, que teria escandalizado á maioria das matronas da sociedade, já que era uma grosseria ignorar um cavalheiro e uma falta, completa, de boas maneiras ignorar um duque.

Harry riu interiormente. Fazia muito tempo que não estava perto dela, em qualquer caso, a Elisabeth que ele recordava era uma menina tranquila e educada, com um pequeno toque de rebeldia que escondia cada vez que seu pai andava por perto. Nada a ver com a jovem dama que se atrevia a desafiá-lo no meio de um salão de baile.

— Lady Elisabeth, seria uma honra que me concedesse a próxima dança que tenha disponível.

A inesperada proposta foi a única coisa que conseguiu perturbá-la. O duque de Bollingbroque não era dos que convidavam

muitas damas para dançar. Normalmente se limitava a fazê-lo com suas amigas mais íntimas, como lady Sarah ou lady Miriam.

— Se não me equivocar, a próxima dança será uma valsa. Suponho que está autorizada para dançá-la, — continuou falando, mais para incomodá-la do que para certificar esse fato. Elisabeth não era uma debutante, por isso estava certo de que ela podia dançar uma valsa sem necessidade de pedir permissão. — E visto que está aqui sentada, deduzo que tem um vazio em seu carnê.

— É obvio que tenho, — exclamou Elisabeth, indignada porque ele duvidava que ela pudesse dançar a valsa.

— É obvio que está autorizada ou é obvio que aceita dançar comigo?

Por instinto, Elisabeth olhou para Colin antes de responder, e se deparou com o olhar dele, cravado neles. Parecia estar tão atônito quanto o resto do salão, ao vê-la conversar com seu irmão.

Voltou a centrar sua atenção no duque.

— Ambos. Será um prazer dançar com sua Excelência, — ela murmurou a última palavra como se lhe custasse um esforço sobre-humano pronunciá-la.

Harry lhe sorriu e se despediu das duas damas, até que chegasse sua peça, com a certeza de que lady Elisabeth lhe

contaria o que ele desejava saber, se soubesse jogar bem suas cartas.

Quando começou a soar a valsa ele se aproximou até onde estava Elisabeth para recordá-la de sua promessa de dançar com ele. Ela se mostrou tão fria e distante quanto estivera quando ele se aproximou para convidá-la, e Harry soube que lhe custaria conquistá-la depois de tudo que havia acontecido há anos, atrás nos quais quase não a vira ou falara com ela.

De fato, deu-se conta Harry, se essa era sua segunda temporada. Ele se perguntou por que ela não se casou, uma mulher como ela, tão formosa, de berço nobre e com um bom dote, certamente teria recebido boas propostas de matrimônio.

Embora possivelmente Elisabeth era daquelas que acreditavam nos matrimônios por amor, igual acontecia com sua amiga, Sarah. As duas eram bons partidos, formosas e com bons dotes, e entretanto, ambas continuavam solteiras. Sorriu ao recordar a animosidade que Sarah sentia por Elisabeth e decidiu que teria que mediar entre elas. Apesar de tudo, elas possuíam mais coisas em comum do que elas imaginavam.

Decidido a desentranhar o nó de mistérios que rodeava Elisabeth, ele se propôs a ganhar sua confiança.

— Acredito que o melhor que podemos fazer é conversar. Assim a peça não se fará tão longa, — comentou Harry com malícia.

Elisabeth o olhou surpreendida, debatendo-se entre uma réplica mordaz ou lhe dar a razão.

— É possível que tenha razão, Excelência, — ela assentiu. Harry sorriu ao notar a formalidade de seu tratamento. Verdade que ele era um firme defensor das normas, mas nem por isso era tão rígido quanto as pessoas pudessem pensar. Ele fora educado para ser um duque, mas inclusive ele, falava sem tantas formalidades com os amigos mais íntimos, e dado o tempo que fazia que Elisabeth e ele se conheciam e quão unidas estiveram suas famílias, ela podia entrar diretamente nessa categoria.

— Alegro-me que você esteja de acordo comigo.

— É claro, não estou acostumada a transgredir os desejos de um duque, Excelência, — respondeu ela com afã de briga.

Harry lhe ofereceu um sorriso encantador.

— Estava convencido de que você me trataria como se acabasse de me conhecer, por isso se limitaria a ser cortês e distante para que eu continuasse lhe considerando uma beleza inacessível.

Elisabeth reagiu à provocação apesar de seu intento de se manter impassível.

— Sabe que nunca sou cortês se não for estritamente necessário. E a distância deixo somente para aqueles que não ganharam minha estima.

— Deduzo que esse não é meu caso.

Ela respondeu sem olhá-lo.

— Ao menos faz um tempo que não era. Ainda não tomei uma decisão sobre o que você me inspira neste momento, Harry.

— Não acreditava que você fosse tão rancorosa, — brincou ele. — Estava seguro de que nossa amizade continuava intacta.

Elisabeth perdeu o passo um segundo, mas Harry conseguiu que ninguém se desse conta.

— Não fui eu quem o ignorou por anos e, de repente, hoje decidi ser consciente de minha existência, Excelência, — ela acusou voltando à formalidade. — Ao que parece, esta noite me tornei visível para os Strafford. Que sorte a minha!

— Sempre foi visível para nós, Elisabeth. A única coisa que meu irmão e eu fizemos, foi cumprir os desejos de seu pai.

— Desculpe-me?

Harry a olhou com interesse. Tentando ler em seu rosto se estava a par ou não, dos desejos de seu pai de que sua família se mantivesse afastada dela. Elisabeth o olhava espectadora e inclusive havia esperança em seus olhos, como se desejasse que sua resposta servisse para responder a todas as perguntas que a faziam passar longas noites, insone.

— Seu pai nos proibiu de aproximarmos de você depois da morte de Lucien. Temos o acesso vetado a sua casa e ele não nos permite falar com você. Por que acredita que perdemos o contato?

Elisabeth não disse nada. Baixou o olhar e continuou dançando. Embora algo em seus movimentos mudou. Já não desfrutava da valsa, mas sim, a executava automaticamente.

Harry soube então que ela se acreditava abandonada por seus amigos. Possivelmente por isso se mostrou tão ativa, possivelmente era a solidão que ela sentia que justificava sua atitude, que fazia com que pessoas como Sarah Danvers, que era amistosa e encantadora com todo mundo, fosse incapaz de manter uma conversa educada com ela.

Precisamente neste momento, deparou com ela e com Rochdale na pista de dança. Sua amiga o olhou ofendida ao ver

quem era seu par, mas Harry arqueou sua sobrancelha ducal em um gesto sério e continuou dando voltas com Elisabeth.

A valsa acabou e Harry a acompanhou até sua tia. Já a vira passeando pelo balcão com o marquês de Rochdale, por isso o melhor era que a acompanhasse até sua acompanhante, sem demora.

Entretanto, possuía uma conversa pendente com ela, e estava mais que disposto a tê-la.

— Elisabeth, gostaria de sair a passeio comigo amanhã? Podemos ir em minha carruagem, ou, simplesmente caminhar pelo parque, — ele pediu consciente dos olhos e ouvidos que os escutavam.

Ela o olhou sem compreender o motivo de seu convite.

— Acredito que temos algumas conversas pendentes, — esclareceu Harry baixando a voz.

— É possível, mas não vamos poder mantê-las com minha donzela presente. Ao que parece, elas são muito pessoais para as citarmos diante de alguém. Não acredito que um passeio seja de utilidade.

— É possível que tenha razão... — Ele se calou por alguns segundos, pensativo. — Talvez possamos convidar lady Amélia.

Tenho certeza de que ela será discreta com nossa conversa e se sua prima acompanhá-la, a donzela será desnecessária.

Os olhos de Elisabeth brilharam ao pensar na proposta de Harry. É obvio que Amélia não diria nada. E além disso, ela poderia aproveitar a saída para descobrir coisas sobre Colin, como, por exemplo, porque ele a espionava. E sobretudo precisava assegurar-se de que Harry dizia a verdade, que fora seu pai quem propiciará o distanciamento.

— Será um prazer acompanhá-lo para dar um passeio, amanhã, Excelência. Acredito que passear em seu *tílburi* pelo parque será perfeito — comentou em uma coquete reverência, consciente de que o gesto agradaria sua tia.

— O prazer será todo meu, — respondeu Harry. — Senhoras, encantado de vê-las, — ele saudou as matronas.

E com um sorriso tão atraente quanto o de seu irmão se voltou e partiu até a sala de jogos em busca de Rochdale, disposto a conhecer as intenções do marquês para com sua melhor amiga. Com a qual acabava de vê-lo, dançando muito perto, o que, estava seguro, despertaria os comentários maliciosos da implacável alta sociedade.

Capítulo 4

Depois de retornar para casa, de madrugada, depois do baile ao qual comparecera, Elisabeth não conseguiu conciliar o sono. Estava fisicamente esgotada, entretanto, o cansaço, como em outras ocasiões, não fora suficiente para que relaxasse e se deixasse vencer pela letargia. Aconteceram muitas coisas em uma só noite, para que ela pudesse evitá-las e deixar de pensar nelas tempo suficiente para cair rendida, presa nas garras de Morfeu.

As surpresas que a noite lhe proporcionara, ainda pulsavam em seu corpo e a posterior conversa com Amelia, tampouco contribuiu para que deixasse de pensar no acontecido.

Para sua amiga o convite para dançar a valsa com o duque, deixava claro, a todos os presentes na mansão de Shenee, que ele estava interessado nela, e a posterior oferta de levá-la em sua carruagem pelo parque, significavam quase tanto quanto isso, depois de quatro anos ignorando-a, Colin tivesse falado com ela, procurando-a em um momento no qual ela estivesse a sós.

Amelia estava de acordo com Elisabeth que era muita coincidência que ambos os irmãos tivessem decidido dar-se conta de sua existência no mesmo dia, no mesmo baile e com apenas

alguns minutos de diferença, porém, o motivo continuava escapando e a única coisa da qual dispunha eram pobres conjeturas.

Por outro lado, as palavras de Harry de que possuíam conversas pendentes a intrigava, quase tanto quanto a impacientava. Do que ele desejaria lhe falar? Com toda probabilidade ele tinha a intenção de lhe esclarecer o comentário que fizera durante a valsa, que seu pai proibira os Strafford de se aproximarem dela. Depois de semelhante declaração ela estivera a ponto de tropeçar com seus próprios pés e ficar em evidência diante da sociedade, o único motivo pelo qual fora capaz de manter a compostura, foi porque estava consciente de que Colin estava a poucos metros dela, observando-a dançar com seu irmão. Ela enrolou-se entre as cobertas, pensando se seria esse o motivo pelo qual Colin faltara com sua promessa e não fora visitá-la por todo aquele tempo. Se seu afã de ignorá-la, se devia a uma promessa anterior feita a seu pai.

E se esse fosse o caso, qual fora o motivo pelo qual o conde tomara uma medida tão drástica.

A própria Elisabeth escutara, naquela fatídica tarde, como seu pai descarregava sua ira em Colin, mas em nenhum momento acreditou que as palavras dele fossem algo mais à frente do que o

medo de perder seu herdeiro. E nem sequer então, teve consciência de que seu pai tivesse chegado tão longe.

Colin não era culpado das decisões que Lucien tomou e seu pai não podia culpá-lo por elas. Não era justo, nem fazia sentido.

Por tudo isso, jamais imaginou que a discussão daquela triste manhã, em que ele saiu do escritório abatido e desculpando-se com ela por não ter conseguido deter o duelo, fosse a última vez que ambos os homens se falariam.

Muito inocente para entender a transcendência da disputa que seu pai propiciou. Sem ser consciente de tudo o que a morte de seu irmão havia quebrado entre as duas famílias, esperou que Colin fosse visitá-la e, de algum modo, quando se encontraram no cemitério, ele lhe deu a entender que o faria, que não tinha intenção de abandoná-la... Que, embora seu irmão já não estivesse ali, ela continuava sendo importante para ele.

Agora ela sabia que ele nunca tivera intenção de visitá-la, mas graças a essa esperança Elisabeth conseguiu sobreviver os meses posteriores a seu exílio no campo. Momento em que seu pai começou a beber e a passar os dias, fechado em seu estúdio, deixando-a só e desamparada. Se não fosse por sua tia e por

Amelia sua vida continuaria sendo um sonho ruim, do qual ela não poderia despertar.

Finalmente, o cansaço pôde com ela e adormeceu. Contudo, inclusive nos sonhos Colin continuou ocupando seus pensamentos.

— Está linda, — saudou Amelia no dia seguinte. Admirando o precioso vestido de tarde verde menta, que Elisabeth escolhera para seu passeio pelo parque com o duque.

Desde o café da manhã ela a vira apenas alguns minutos, já que Amelia estava enredada em uma nova leitura, que a mantinha tão intrigada que era incapaz de abandonar algumas horas para atender a outros assuntos mais mundanos.

Nem mesmo saber que sairia a passeio pelo Hyde Park, com o duque e com Elisabeth, conseguira afastá-la de suas páginas.

— Você, em troca, poderia ter se arrumado mais, — repreendeu-a sua amiga, ao ver o vestido simples que ela usava. Muito insosso, inclusive para ela. — Está vestida igual a esta manhã e, se não me equivocar, igual ao dia anterior.

Amelia encolheu os ombros.

— Não é a mim, a quem o duque deve ver, nem em quem se fixarão quando sairmos para passear. Eu sou somente a acompanhante. A prima solteirona que vigia os apaixonados.

Elisabeth não disse nada, mas, sim, se limitou a olhá-la fixamente. Havia detectado certo tom de mágoa, ou inclusive de raiva em sua voz. O que resultava intrigante, porque Amelia era a pessoa mais doce e livre de maldade que ela havia conhecido.

— Está tudo bem? Não tem vontade de dar um passeio? Consciente de que se delatou, ofereceu um sorriso que se notava forçado.

— É claro que sim. Não se preocupe comigo. Além disso, quase todos os meus vestidos são como este, não faria diferença alguma se trocasse um pelo outro.

— Então vamos comigo à costureira, — ofereceu Elisabeth olhando com desaprovação o vestido cinza de Amelia.

— Embora você não acredite eu gosto de meus vestidos. São cômodos e funcionais.

— Justamente o que se espera de um vestido, — ela protestou. — Embora seja melhor repensar em se trocar, se imaginar que é provável que vejamos no parque ao cavalheiro de seus sonhos... Talvez se arrependa depois por não ter se arrumado mais. — Ela fez uma pausa para ressaltar seu próximo comentário. — Algum dia vai ter que me dizer quem ele é, para evitar que eu enlouqueça de curiosidade.

Amelia voltou a sorrir, embora desta vez de um modo mais natural.

— Não escutei falar de ninguém que perdesse a cabeça por esse motivo, mas em qualquer caso... algum dia lhe direi, — concedeu isso antes de se voltar e se afastar pelo corredor a caminho da biblioteca. — Estarei lendo. Avise-me quando seu pretendente chegar.

— Ele não é meu pretendente, — protestou Elisabeth, — é somente um amigo da família que decidiu retomar o contato.

— As flores que ele lhe enviou sugerem que quer algo mais do que um amigo. São rosas.

Elisabeth ia replicar, mas Amelia já havia desaparecido atrás da porta da biblioteca.

Durante alguns instantes ficou pensando no que sua amiga lhe dissera. Harry não só a tirara para dançar na noite anterior, mas, também, a convidara para passear e lhe enviara flores pela manhã, tal e como faria qualquer pretendente, entretanto, embora houvesse se mostrado atento e encantador com ela, Elisabeth estava segura de que não era sua intenção lhe fazer a corte. Embora, por outro lado, Harry era um duque e, portanto, estava obrigado a se casar e a oferecer herdeiros ao ducado.

Sem pensar no que pensariam os criados com sua atitude, ela saiu correndo. Certamente sua tia teria feito com que deixassem as rosas na entrada para que qualquer que as visitasse soubesse que Elisabeth estava sendo cortejada pelo duque de Bollingbroke.

Encontrava-se sem fôlego quando chegou a seu destino. Parou tão abruptamente que esteve a ponto de bater em um laçao que levava uma bandeja com os convites, que acabavam de chegar, e que sua tia revisaria antes da hora do chá.

Sentiu que lhe tiravam um peso de cima quando viu as três dúzias de rosas brancas que Harry lhe enviara. Mataria Amelia por preocupá-la. As rosas brancas eram o tipo de flores que um irmão enviaria à sua irmã.

Pensou se Harry teria escolhido aquelas flores por algum motivo. Como se estivesse jogando um jogo duplo, com a sociedade e com ela. As rosas eram flores dos apaixonados, mas a cor não inspirava nada remotamente romântico.

Quais eram então, as intenções do duque?

Fossem quais fossem, ela estava disposta a lhe perguntar diretamente e, em qualquer caso, ela jamais se casaria com o irmão de Colin, por mais duque que ele fosse.

— É um absurdo! — Decidiu em voz mais alta do que pretendia.

Harry não a pretendia, somente estava interessado em retomar sua amizade e possivelmente estava aproveitando a situação para tirar de cima de si as mães que queriam casar suas filhas com ele. Apesar de tudo, se seu cortejo se tornasse público... elas teriam que dar-se por vencidas e procurar outro duque para caçar.

Bollingbroke chegou à hora exata em que era esperado. Lady Margareth estava fora de si, pensando que sua sobrinha tinha captado a atenção de um dos homens mais proeminentes da alta sociedade, e Elisabeth não se viu com ânimos para desiludi-la e lhe confessar que, nem Harry estava interessado nela desse modo, nem ela o aceitaria, se por uma estranha circunstância ele chegasse a pedir sua mão.

A ideia de que Colin pudesse ser seu cunhado era tão atroz quanto doentia.

De toda maneira, não precisava se preocupar já que sabia que para Harry, ela não era mais que uma velha amiga, a menina que ele vira crescer. E por sua parte, tampouco sentia, nem havia

sentido, nada por ele, que se parecesse remotamente a um sentimento romântico. De modo que os dois estavam a salvo, apesar das ideias que fizesse sua tia, ou o resto da sociedade, a respeito.

De sua parte, Harry se mostrou galante com as damas e não deixou de falar, tratando de incluir Amelia na conversa, quem por alguma razão que lhe escapava, parecia chateada, apesar de seus esforços para ocultar. Embora a boa educação a obrigasse a responder quando ele lhe fazia uma pergunta direta, seu olhar e suas respostas esquivas atraíram a atenção de Harry, que, de repente, sentia curiosidade para conhecer o motivo de seu mal-estar. Teria seu mal-estar por ter sido obrigada a acompanhar Elisabeth, ou o que a incomodava era sua companhia?

Harry a observou discretamente, sem perder o sorriso, seu vestido e o modo como penteava seu cabelo não possuíam nada de interessante, porém seu olhar parecia ocultar segredos que despertavam a curiosidade dele.

O esforço do duque em falar com sua prima granjeou o afeto de Elisabeth, que temporariamente esqueceu seu aborrecimento

com ele por ter se esquecido, nos últimos quatro anos, de sua amizade.

Só podia alegar a favor dele, que fora mais sutil que seu irmão mais novo.

Embora não estivesse disposta a admitir em voz alta, Elisabeth se alegrava de ter aceito o convite. Harry era um homem inteligente e divertido, mas o mais destacável para ela era que, apesar de seu status, conversar com ele resultava algo fácil e natural. Possivelmente se devia a que estava acostumado às mulheres, já que sua melhor amiga era uma mulher, ou talvez o tivesse subestimado, motivada pelo rancor de seu abandono.

E embora sua amizade com lady Sarah Danvers fosse muito conhecida entre a sociedade, quase tão conhecida como a animosidade que Elisabeth e Sarah compartilhavam desde joventzinhas, Elisabeth suspeitava que sua atitude se devia mais a seu próprio caráter que a seu costume de estar com mulheres.

Animada, a conversa se deteve, ao mesmo tempo em que a carruagem parou, dirigida por Harry com mão firme.

Elisabeth decidiu que se quisesse saber a verdade o melhor seria abordar o assunto o quanto antes.

— Excelência, muito obrigada pelas rosas desta manhã, — começou ela.

Harry a olhou entre confuso e divertido.

— Voltou às formalidades, Elisabeth? Não acredito que sua prima se escandalize de ver que nos gostamos, apesar de tudo, somos velhos amigos.

Ela suspirou exageradamente.

— De acordo, por que me enviou rosas brancas? Está me cortejando?

Dos lábios de Amelia escapou um gritinho escandalizado. O duque a olhou com um sorriso de compreensão, antes de fixar sua atenção em Elisabeth.

— Continua tão direta como sempre.

— Tem intenção de me responder ou planeja dar voltas ao assunto sem dizer nada?

— É claro, Elisabeth. Seria de má educação não lhe responder. É somente que... possivelmente deva expor a questão em outro momento mais... íntimo — respondeu ao mesmo tempo em que passeava o olhar ao redor.

Compreendeu o motivo do silêncio de Harry quando seguiu seu olhar. O parque estava tão concorrido como era habitual a

essas horas. Tanto que as longas filas de carruagens permitiam animadas conversas com aqueles que viajavam em transportes similares, a cavalo ou inclusive a pé.

— Nesse caso esperarei, mas não acredite que vou esquecer.

Harry lhe ofereceu um sorriso matreiro antes de responder.

— Magnífica escolha, querida. Não está de acordo comigo, lady Amelia?

— Estou, Excelência.

— Maravilhoso, duas mulheres formosas que aceitam minhas propostas e meu irmão a passeio pelo parque. Que tarde tão agradável.

Lorde Colin Strafford se deu conta da presença de Elisabeth Masterson, no mesmo instante em que a carruagem de seu irmão atravessou a entrada do parque. Durante alguns segundos não conseguiu mais, do que olhar pasmo em sua direção. LúCIFER se agitou quando seu amo cravou os calcanhares em seus flancos para detê-lo em seco, muito assombrado para pensar em dissimular seu interesse no grupo.

Foi Harry o primeiro a reagir, ele tirou o chapéu e fez um gesto de saudação que o obrigou a dirigir seu corcel até eles. Forçando-se

para atuar com naturalidade saudou as damas e depois fixou seu interesse no irmão, que tratava de acalmar a seus dois baios, tão pouco interessados em parar quanto seu próprio cavalo.

— Desde quando sai para cavalgar a estas horas? — Perguntou Harry com interesse, assim que cavalo e cavaleiro se detiveram a um lado da carruagem.

— Nunca saio a cavalgar por estas horas. Normalmente o faço à primeira hora da manhã, quando o parque está quase vazio, mas hoje não me foi possível e Lúcifer estava inquieto, assim, aqui estou. E graças a isso posso saudá-los.

— Lúcifer? — Perguntou Elisabeth com fingida frieza.

— É o nome de meu cavalo.

— Isso eu já havia deduzido sozinha, milorde. O que me pergunto é porque esse nome e não qualquer outro.

— Porque é tão negro quanto o inferno, — ele explicou, cravando os olhos nela.

Elisabeth procurou em seu rosto alguma pista sobre seus pensamentos, mas Colin se manteve impassível.

— Uma hipótese interessante, — ela assentiu finalmente, — qualquer um diria que o inferno deve ser vermelho e laranja como as chamas que ardem nele.

— Ou azuis, — interveio Harry, — as chamas possuem um tom de azul em seu interior, — ele afirmou.

Amelia assentiu com a cabeça para fazer notar que estava de acordo com o duque, mas nem Colin nem Elisabeth pareceram se dar conta.

— Não é nenhuma hipótese. Acredite, lady Elisabeth, estive lá e lhe asseguro que é escuro e frio.

Ante semelhante afirmação, Amelia surpreendeu a todos ao apontar que em muitas culturas se acreditava que o inferno era um lugar frio, não o inferno ardente dos cristãos.

— Interessante, — apontou Harry olhando para Amelia com interesse.

Depois, para tirar a importância do comentário de seu irmão, repreendeu-o.

— Não assuste as damas, Colin. Não é cortês de sua parte.

— Não pretendia fazê-lo. Peço-lhes desculpas, — disse ele inclinando-se no cavalo. — Embora em honra às damas preciso protestar, irmão, nenhuma das duas parece assustada.

— E não me assustei, lorde Colin, precisa algo mais que uma simples alusão ao inferno para me assustar, — disse Elisabeth em

tom desafiante. — Não sou tão delicada e, embora possa parecer outra coisa, minha prima tampouco o é.

— Disso tenho certeza, milady.

Elisabeth ficou na dúvida se era sua intenção elogiá-la ou ofendê-la.

Capítulo 5

Colin não estava interessado em sair de casa nessa tarde. Estava cansado por culpa da noite de insônia que passara e, contra o que era habitual, seu passeio pelo parque tampouco havia ajudado a se acalmar. Embora o encontro com seu irmão e Elisabeth fora propiciado por ele mesmo, ao se aproximar deles, esse detalhe não o liberava da tensão que a conversa supusera, ou do mal-estar que ele sentira ao vê-los, juntos, em um lugar tão público.

Por tudo isso, sua preocupação inicial se acrescentou ao ver a atitude possessiva que Harry havia mostrado com Elisabeth. Além disso, preocupava-o que ela não tivesse uma figura masculina que se preocupasse com seu bem-estar e com sua honra, visto as intrigas que circulavam sobre o estado do conde. Foi esta preocupação por Elisabeth, a mesma que o fizera espioná-la e protegê-la, nas sombras, o que o empurrou a sair e assegurar-se de que seu irmão não estava brincando com ela, e que seu repentino interesse era dirigido para um fim honrável.

Por mais que o surpreendesse uma possível relação entre eles, visto que seu irmão era o melhor amigo de uma das ferozes

animosidades de Elisabeth, não podia ser casualidade que o tivesse visto dançando com ela na festa dos Sheene e, que, menos de vinte e quatro horas depois os encontrasse passeando pelo parque a plena vista de todos aqueles que quisessem vê-los. Embora estivesse consciente de que possivelmente fosse muito cedo para que a sociedade notasse a mudança, que Harry fosse um duque aceleraria o processo, já que em cada evento ao qual comparecia, ele era observado milimetricamente, por todas as matronas atentas a quem se converteria em sua duquesa.

Por isso, se realmente estava cortejando Elisabeth, como começava a suspeitar, o White's seria um ninho de intrigas no mesmo nível de qualquer dos bailes que a alta sociedade oferecia. Pode ser que fossem as mulheres as que possuíam a fama de fofoqueiras, mas os homens não ficavam atrás, e se um duque mostrasse interesse por uma mulher em particular, isto faria com que o livro de apostas lançasse fumaça.

Porém com suas hipóteses, Colin esperava, pelo bem de seu irmão, que seu suposto cortejo não tivesse chegado a tal livro de apostas, porque se assim fosse, ele não estava certo de como reagiria. Já que na ausência de Lucien e em vista do lamentável

estado do conde, ele era o encarregado de proteger Elisabeth, inclusive de si mesmo.

Colin subiu os degraus que levavam ao clube, obrigando a si mesmo a caminhar normalmente. E continuou se esforçando para marcar um ritmo lento e tranquilo quando entrou na sala em que, para sua tranquilidade, divisou seu amigo, o marquês de Wimsey, lendo o jornal. Focou-se em chegar até ele, mas no meio do caminho foi interceptado por lorde James Herrius, visconde de Torrington e outro de seus melhores amigos desde *Eton*.

— Colin, não o esperávamos esta tarde, — saudou ele, ao mesmo tempo que, com dissimulação, olhava em direção de Wimsey, que não perdia detalhe do encontro.

Se não o conhecesse já há tanto tempo, certamente não teria captado o sutil tom de preocupação de sua voz, mas haviam passado por tantas coisas juntos, entre elas a morte de Lucien, que não lhe escapou o temor dele por sua presença no clube.

Soube nesse instante que o interesse de Harry não passara despercebido e que seus amigos pretendiam evitar que montasse um espetáculo diante dos sócios.

— Vamos à mesa do Martin. Tomaremos uma taça, os três. Colin assentiu e embora se deixasse arrastar por ele, não perdeu

detalhe do que acontecia na sala. O ambiente era o típico daquela hora, mesas cheias de homens jogando às cartas, lendo o jornal ou conversando em frente a uma taça de brandy.

Confiava plenamente em Wimsey e em Torrington, e se este último tomou tantos cuidados para afastá-lo das pessoas que a essas horas estavam no clube, devia ser por algum motivo de peso.

Um garçom se deteve em frente a eles, assim que tomaram assento à mesa que o marquês já ocupava.

— Tomaremos o mesmo que esteja tomando o marquês, — apontou lorde James Herrius, sem lhe dar opção de intervir.

— É claro, milorde.

— Não vim aqui para beber, — anunciou Colin, de mau humor.

— Sabemos, — sentenciou Martin. — O que James e eu estamos evitando é que monte um escândalo que em nada vai beneficiar Elisabeth. Lucien não gostaria que sua irmã fosse manchada por um estúpido arrebatamento.

Colin apertou os dentes com força antes de ser capaz de falar.

— Está me dizendo que Elisabeth aparece no livro de apostas?

— Na realidade apostaram em sua resposta. Ninguém dúvida que seu irmão vá pedi-la em casamento, o que desconhecem é se

ela aceitará, — explicou James.

— Isso é ainda pior. Nenhuma mulher em seu são julgamento rechaçaria Harry. É um duque, Por Deus santo!

Os dois homens se mantiveram em silêncio o tempo necessário para que Colin intuísse que havia algo mais.

Porém, a chegada do garçom evitou que lhe explicassem o assunto, o que o levou a ranger os dentes impaciente.

Assim que ele partiu foi o marquês quem expôs o assunto sem rodeios.

— O que questionam é a relação que há entre suas famílias. Não é um segredo para ninguém que o conde o culpa pela morte de Lucien e que os Strafford têm o acesso vetado a sua casa e, portanto, a sua família.

— Vou matar Harry, — murmurou Colin entre os dentes. — Por remexer o passado.

— Não é boa ideia amigo, isso converteria você no duque — zombou James, disposto a brincar com o assunto. — E eu o escutei dizer muitas vezes que não quer o título, para vê-lo o assumindo por suas próprias mãos.

Martin o fulminou com o olhar, embora Colin não pareceu se dar conta do que seu amigo havia dito.

— O que vocês acreditam que eu deva fazer, para evitar que haja mais falatórios que possam prejudicá-la? — Perguntou Colin.

— É evidente que Harry a está cortejando.

— Vai parecer uma loucura, mas acredito que o melhor que você pode fazer é apostar em favor do sim. — Colin sempre acreditara no critério do marquês, mas nesse instante duvidou de sua prudência.

De seus dois melhores amigos, Martin era o mais ajuizado, fora capaz de levantar o marquesado das dívidas nas quais o pai dele o deixara e havia contraído matrimônio com a única mulher capaz de fazê-lo feliz, entretanto, o que ele estava propondo era uma autêntica loucura.

Olhou para James procurando sua reação. Seu amigo parecia tão assombrado quanto ele.

— Ninguém falará de Elisabeth se você intervir na aposta. Além disso, ficará claro que não há nenhuma relação ruim entre suas famílias. Acreditarão que está absolutamente seguro do desenlace e a aposta perderá a importância.

James encolheu os ombros.

— Visto assim... Faz sentido.

— E quanto acreditam que eu deveria apostar? — O tom de Colin teria alterado qualquer outra pessoa, mas o marquês de Wimsey estava impassível.

— Acredito que duas mil libras serão suficientes.

— Nesse caso, que sejam duas mil libras, — resolveu Colin.

— Pouco pela felicidade conjugal de meu queridíssimo irmão, — anunciou com o sarcasmo impregnado em sua voz.

— Sinceramente, espero que não as percas, — apontou James pensativo.

— Asseguro-lhe que estaria mais que contente de perdê-las, — ele declarou, sem se incomodar em dar explicações.

A notícia da aposta não demorou para chegar aos ouvidos de Elisabeth e de sua tia. Enquanto que a primeira fervia de raiva, a segunda estava encantada com a história. Convencida de que sua sobrinha logo se converteria na duquesa de Bollingbroke, ela decidiu que precisava informar seu cunhado de tão boas novas.

A aposta em si era um despropósito, Elisabeth estava segura de que Harry não estava interessado em se casar, e com ela, muito menos. Porém, a parte mais dolorosa da mesma, residia em que o

próprio Colin havia apostado em favor do sim. Como se não se importasse que ela acabasse sendo sua cunhada, como se seus sentimentos por ele não importassem.

Não se incomodou em bater à porta de Amelia. Entrou como um vendaval no dormitório de sua prima, que lia um grosso volume, no divã.

Ela endireitou-se ao vê-la entrar.

— O que aconteceu, Lizzie?

— Preciso de sua ajuda. Tenho que fazer chegar ao Harry uma nota. É urgente.

Amelia franziu o cenho, confusa.

— Escreva e entregue a um laçao para que a leve, ou peça a Riona.

— Não posso me arriscar a que alguém a leia, Amelia, — ela disse tomando assento na cama em frente. — É um assunto de suma importância. Preciso ver Harry a sós. Todo mundo acredita que vamos nos casar.

— Lizzie, se os virem a sós e alguém souber, vai ser obrigada a se casar com ele, de verdade. Não entende? — Amelia estava tão preocupada que se colocou em pé e passeava de um lado para o outro, diante de Elisabeth.

— Ninguém lhe disse que eu tenho a intenção de ir sozinha. Você irá comigo. De fato, acredito que o melhor é que seja você quem lhe entregue minha nota. Não confio em ninguém mais que em você.

A pobre moça deixou cair o livro das mãos e nem sequer se moveu para recolhê-lo. Olhava para Elisabeth com os olhos totalmente abertos.

— Eu não posso fazer isto. E se alguém souber que eu fui?

— O mais provável, se isso acontecer, é que Harry se veja obrigado a lhe oferecer matrimônio. É um homem íntegro, Amelia, ele não deixará que nada lhe aconteça. E se isso acontecer, acabarão meus problemas, — ela disse de um modo egoísta que assustou, inclusive, a ela mesma.

— Não quero obrigá-lo a se casar comigo. Prefiro ficar solteira do que obrigar a um cavalheiro para que me despose.

A morena sorriu com malícia. A ideia de casar Amelia com Harry passava por sua cabeça. Os dois possuíam características semelhantes. Amelia era inteligente, boa e por baixo daqueles vestidos insossos, era linda. Talvez não fosse uma loucura que a descobrissem na casa do duque, depois de tudo.

— Nesse caso, querida amiga, faça com que ninguém a veja.

Capítulo 6

Amelia tremia dos pés à cabeça. Nunca, em seus vinte e dois anos, fizera algo tão incorreto quanto visitar um solteiro, em sua própria casa, sozinha, sem acompanhante e em plena tarde.

Era o muito que devia a Elisabeth, seu afeto, seu apoio e sua compreensão, o que a levava até ali, embora o favor para sua amiga não deixasse de ser a coisa mais dura que fizesse. E não só porque, se alguém a visse entrar na casa do duque, seria sua ruína social, mas sim porque Amelia era incapaz de dizer duas frases com sentido, na presença dele. Pouco importava que ela fosse uma mulher instruída e com pensamentos próprios, tampouco importava que tivesse preparado o discurso antes de sair de casa. Por alguma razão que escapava ao raciocínio de Amelia, estar em frente ao duque, lhe trazia um mutismo incômodo, que a fazia parecer estúpida diante dele. E assim fora, desde que chegou a Londres, depois da morte de seus pais, e o apresentaram. Se é que Amelia havia desfrutado de uma temporada social antes da morte de Lucien e de que toda sua vida mudasse radicalmente. Quando se retiraram para o campo para acompanhar Elisabeth, Amelia não sentiu que estava perdendo sua juventude ou suas oportunidades para contrair

matrimônio, já que sua única temporada social havia sido um completo desastre.

Afundando-se na capa decidiu que o mais discreto seria entrar pela porta de serviço. Apesar de tudo, Elisabeth se empenhara em que ela se disfarçasse com um vestido de sua donzela, para que ninguém pudesse reconhecê-la se, por desgracia, topasse com algum conhecido.

Puxou uma grande baforada de ar e entrou na cozinha agradecendo que a porta estivesse aberta, certamente para que algum laçao trouxesse a lenha para as lareiras que a essa hora começavam a ser acesas.

Sem saber muito bem o que fazer ficou ali, até que o olhar se acostumou à luz mais tênue da estadia.

— Boa tarde. Por favor, sou lady Amelia Bradbury e vim para tratar um assunto urgente com o duque. Alguém poderia dizer a ele que estou aqui?

A cozinheira e as donzelas que se moviam a toda pressa pela cozinha a olharam com certa desconfiança. Não só não estava vestida como uma dama, seu cabelo tampouco estava penteado na moda, mas, sim, com um apressado coque que deixava escapar seus rebeldes cachos e tampouco a cor de seu cabelo era próprio

de uma dama, pensou a donzela, todas as que ela vira, até esse momento, eram loiras ou morenas... Por outro lado, falava como uma delas.

— Você fugiu de casa? — Perguntou, de repente, a garota com autêntico interesse.

Amelia se ruborizou até a raiz do cabelo.

— Algo assim, — ela assentiu.

— Vai fugir com sua Excelência para Gretna Green? Amelia deixou escapar uma risada histérica.

— Não, não é essa minha intenção, nem tampouco a do duque.

— Nesse caso, que alguém avise Perkins. — Foi a cozinheira quem tomou as rédeas da situação.

— Milady, gostaria de aceitar uma taça de chá? — Ofereceu a boa mulher ao se dar conta do estado de nervos da jovem.

— Sim, obrigada. É você muito amável.

A donzela que falara com ela se aproximou para pegar a capa e quando Amelia se viu obrigada a lhe entregar, se sentiu mais exposta que nunca. Nenhum de seus vestidos deixava menos à imaginação do que este que colocara nessa tarde.

Ela se vingaria de Elisabeth, embora ainda não soubesse como. E o pior de tudo, o que a convertia em uma pessoa horrível, era que estava com toda a intenção de se satisfazer com isso.

— Excelência, há uma dama na cozinha que deseja vê-lo. — anunciou o mordomo com sua formalidade habitual.

— Como disse, Perkins?

— O que eu disse, Excelência. Que há uma dama que lhe aguarda na cozinha.

— E o que faz essa dama na cozinha, Perkins? — Perguntou Harry enquanto segurava alguns documentos que alguns segundos antes estiveram estudando.

A essas horas costumava estar no clube, entretanto, essa tarde tivera que se ocupar de alguns assuntos urgentes que o detiveram em casa. Em qualquer caso, a aparição de uma dama misteriosa que lhe esperava na cozinha justificava, completamente, que deixasse ditos assuntos de lado.

Por outro lado, nenhuma dama decente que se apreciasse, teria se apresentado em sua casa a essas horas, sem anunciar-se previamente, e muito menos, o esperaria na cozinha.

O mordomo o olhou como se seu senhor tivesse perdido o juízo.

— Espera-o, Excelência, espera-o.

— Perkins, — se exasperou Harry, — está sendo obtuso de propósito? — Perguntou chateado. — Por que não a acompanhou à sala de estar e lhe ofereceu um refresco?

— Porque a dama não entrou pela porta principal, Excelência, mas sim chegou através da cozinha. Por que senão, o que estaria fazendo ali?

Harry se absteve de fazer mais comentários a respeito. Definitivamente, a pessoa que o esperava em sua cozinha não era uma dama decente. E estava começando a pensar na possibilidade de que fosse uma artimanha para levá-lo ao matrimônio.

Cada vez mais desconcertado pela atitude de sua reservada visitante e pela de seus criados atinou a dizer:

— Poderia pedir à misteriosa dama que passe à biblioteca?

Senão gosta de meus salões possivelmente aceite se reunir comigo lá.

— Não se trata de nenhuma dama misteriosa, Excelência. A dama que o espera é lady Amelia Bradbury.

— Por Deus, Perkins, que demônios lhe acontece esta tarde?
Pode-se saber por que não disse desde o começo?

Antes que o mordomo pudesse lhe responder, Harry já se colocou em pé e saía a toda pressa de seu estúdio em busca de sua inesperada visita.

Ela se esquecera de que não estava vestida com um de seus discretos vestidos, abotoados até o pescoço, por isso, quando se levantou, de repente, ao ver personificar-se na cozinha, o próprio duque, seus seios apertados no ínfimo decote, balançaram com o movimento.

Precisou fazer um esforço para não levar as mãos ao peito e cobrir-se com pudor. Mas não era decoroso tocar essa parte da anatomia em público, e não estava segura, mas, possivelmente, tampouco em particular.

— Lady Amelia, aconteceu algo? — Perguntou o duque tratando de afastar o olhar do decote de sua convidada.

— Assim é, Excelência. Tenho um assunto importante para tratar com o senhor.

Harry compreendeu que não era um assunto de vida ou morte, então seu inicial temor se transformou em reprovação.

— O mais apropriado teria sido que me enviasse uma nota e eu mesmo teria ido visitá-la na casa de sua tia, — ele protestou, preocupado pelo que sua presença em sua casa suporia para ela.

— Acredite Excelência, que minha visita não foi por iniciativa própria, — protestou Amelia. — Trago uma mensagem de outra pessoa.

Harry piscou surpreso pela resposta. Então a gatinha possuía unhas, além de um corpo espetacular, a julgar pelo que deixava à vista, o vestido que usava.

— Imagino que a culpada deste desatino seja lady Elisabeth, mas era sua responsabilidade se negar a incorrer em semelhante falta de decoro.

Amelia avermelhou, consciente de que a reprimenda era justificada.

— Embora agora isso não tenha muita importância, visto que já está aqui, — ele fez uma pausa para serenar-se, — se importaria de continuarmos em meu estúdio? Vejo que a senhora Barry se ocupou de você — apontou olhando a taça, — mas tenho certeza de que estaremos mais cômodos lá.

— É claro, Excelência.

Ele lhe fez um sinal para que passasse diante dele e sentiu como a puxava pela cintura para lhe indicar o caminho que devia seguir. O contato foi tão ligeiro que apenas notava seus dedos. Porém, saber que estava tão perto dele fez com que ficasse tonta.

Durante o tempo que demoraram para chegar ao estúdio dele, atravessaram toda a parte traseira da casa, mas Amelia estava tão preocupada com suas sensações, que não se deu conta do que a rodeava.

Harry a soltou quando se detiveram em frente à porta do que supôs Amelia era seu estúdio particular.

Com toda a galanteria que o caracterizava, o duque abriu a porta e insistiu que ela passasse antes dele.

— Por favor, tome assento.

Nervosa como estava, ela se aproximou de uma das cadeiras que havia frente a sua escrivaninha. Deteve-se o escutar o protesto de Bollingbroke.

— Acredito que estaremos melhor no sofá e, para que fique tranquila, deixei a porta aberta. Não tem nada a temer estando comigo.

— Eu sei, Excelência.

— Quando terminarmos me certificarei que alguém a leve para casa.

— Isso não será necessário, nem prudente.

— Tampouco o é sua presença em minha casa, milady. Assim, goste ou não, minha carruagem a levará de volta. Mas se houver algo pouco prudente nesta história é o modo como está vestida. De onde tirou isso? Não deixa nada à imaginação, — ele disse assinalando-a.

— Foi ideia de Elisabeth. Queria que eu passasse despercebida.

— Pois sua tática causou justamente o efeito contrário. E agora, me diga, sem mais demora, qual é o assunto urgente que a trouxe até minha casa?

— Imagino que estará a par da aposta que circula por Londres.

— Se está a se referir à aposta no White's, é obvio que a conheço, já que fui eu quem a propiciou. Agora lhe rogo que relate para Elisabeth que preciso que ela atue com normalidade e que amanhã pela tarde passarei para buscá-las para um passeio. Naquele momento eu explicarei tudo.

Amelia se deu conta de que ele não lhe perguntava se desejava unir-se ao grupo, mas, sim, a acrescentava sem lhe dar opção de negar-se. Sentiu uma fúria irracional que nunca antes experimentara.

Como se atrevia a lhe ordenar alguma coisa? Por acaso a via como a simples acompanhante de sua prima? Uma mulher boa para nada, carente de outras propostas mais atraentes do que de sair para passear com sua prima e seu pretendente?

Indignada ela se levantou de um salto. O que obrigou o duque a fazer o mesmo.

— Sinto muito, Excelência, mas embora lhe pareça incrível tenho meus próprios planos para amanhã pela tarde. Se for amável, aceitarei sua carruagem para voltar para casa agora, obrigada.

Harry ficou imóvel e em silêncio durante os segundos que demorou para assimilar que a ratinha acabava de rechaçar seu convite, além de lhe dar uma ordem velada.

Sorriu quase sem se dar conta.

— Imediatamente, milady, — ele anunciou e chamou o lacaio que estava na porta para que pedisse a carruagem. — Só uma coisa mais, mude seus planos. Buscarei você amanhã, junto com sua prima.

Bollingbroke estava terminando de escrever sua nota quando a porta de seu estúdio se abriu de repente e Colin entrou, sem anúncios, nem olhares.

— Bem-vindo, irmão, acaba de inutilizar isto, — ele disse enrugando o papel no qual estivera escrevendo.

— Sou tão eficiente que vim antes de que me convoque, — ele disse tomando assento em frente a escrivaninha que em outro tempo pertenceu a seu pai, e me diga, para que sou necessário?

Harry não se deixou enganar.

— Estou seguro de que seu interesse em me ver se deve ao mesmo motivo.

— Nesse caso serei direto. Quais são suas intenções com lady Elisabeth?

— Muito direto, sim senhor.

— Então? Estou esperando uma resposta.

— É possível que tenha decidido me casar e é possível que Elisabeth seja minha primeira opção. Por quê? Você também está interessado nela? Se for o caso me retirarei discretamente.

Colin se inclinou sobre a escrivaninha e fulminou seu irmão com o olhar.

— Está tentando fazer com que eu lhe bata? Porque, pode ser que seja o irmão mais velho e herdeiro, mas lhe asseguro que sou capaz de o tombar com um murro.

Harry riu, encantado.

— Não desejo comprovar o que afirma, irmão. Somente digo que se Elisabeth for de seu agrado estou disposto a me retirar e lhe deixar a via livre com ela. Apesar de tudo sempre estive mais unido a ela do que eu.

— Não tenho nenhum interesse em Elisabeth, mas, mesmo que tivesse, seu pai jamais me concederia sua mão. E, tampouco estou seguro de que ele vá conceder a você, por mais duque que seja.

Durante alguns segundos nenhum dos dois acrescentou nada. Depois do breve silêncio, Harry se levantou e se aproximou da mesa das bebidas.

— Brandy?

— Que seja duplo, por favor. E agora me diga, como vai solucionar o problema em que colocou Elisabeth? — Ele insistiu. —

No clube não se fala de outra coisa. — Calou-se ao mesmo tempo que aceitava a taça que seu irmão lhe estendia.

— Do modo como se solucionam sempre estes assuntos, vou me casar com ela o quanto antes.

—

Capítulo 7

Pela primeira vez desde que começou a temporada Elisabeth não tinha vontade de dançar. Por isso alegou que torceu o tornozelo e se sentou junto a Amelia na área das solteironas, como sua amiga a chamava. Por essa falsa indisposição precisou suportar o sermão de sua tia, que a repreendeu por não mostrar-se mais feliz com o cortejo do duque e fazer saber a seus congêneres. Entretanto, nem o cortejo estava claro, nem Amelia e Elisabeth conseguiram falar entre elas, depois da visita ao duque.

Em várias ocasiões tentaram tratar do assunto sem testemunhas, mas em sua casa se viram apressadas por sua tia para que se preparassem para à festa, e ao chegar a ela se encontraram rodeadas de cavalheiros, preocupados com o estado de saúde de Elisabeth, e por damas que queriam saudá-la.

Não foi necessário que Amelia e Elisabeth falassem sobre o inesperado interesse que a alta sociedade estava outorgando a esta última, as duas eram conscientes de que o suposto cortejo do duque de Bollingbroke era o causador de semelhante rebuliço.

Infelizmente, nem o culpado de sua recém estreada fama, nem seu irmão, consideraram adequado comparecer ao baile, por isso, a

indisposição de Elisabeth foi tomada como um gesto premeditado da jovem, que se negava a dançar se o duque não comparecesse à festa.

— Amelia, querida, está pálida, sente-se indisposta? — Perguntou Elisabeth, desejando que sua amiga compreendesse sua tática.

— A verdade é que me dói a cabeça.

— Tia, — chamou Elisabeth com suavidade. A mulher estava sentada duas cadeiras mais à frente falando com lady Josephine Rusell, uma das damas cuja filha se apresentava esse ano, na sociedade, — Amélia não se sente bem e eu não posso dançar, acredita que poderíamos nos retirar cedo esta noite?

Tal e como havia esperado, lady Margareth se levantou a toda pressa. Preocupada com a saúde de suas pupilas.

— Meninas, vocês estão bem? — Não deu opção a nenhuma delas de responder. — É obvio que não estão. Tantas festas, tantos eventos... precisam descansar, queridas. Vou procurar um laçao para que peça nossa carruagem e retornaremos para casa para que tomem um chocolate quente e se metam na cama.

— Obrigada, tia. — Elisabeth sorria interiormente ante o êxito de sua traquinagem.

— Vamos, meninas. Em seguida se sentirão melhor, — comentou a mulher preocupada.

Amelia olhou Elisabeth com curiosidade, mas não se atreveu a perguntar nada para sua amiga por temer a resposta.

Meia hora mais tarde as três entravam na casa que sua tia Margareth herdara de seu falecido marido no Grosvenor Square, em Mayfair. Antes de se ver submetida à carinhosa preocupação de sua parente, Elisabeth escapou até seu dormitório. Consciente de que não poderia escapar de sua família tão facilmente, ela trocou de roupa, como se tivesse intenção de meter-se na cama, e esperou a primeira visita, que tal e qual pensava foi Amelia.

O olhar de sua amiga a fez fraquejar, contudo, seu desejo de saber a verdade ia mais à frente do temor de ser descoberta, que tanto preocupava a Amelia.

— Por favor, me diga que não vai cometer nenhuma loucura, — ela pediu. Embora Elisabeth não houvesse lhe contado seus planos, Amelia a conhecia o suficiente para adivinhar o motivo oculto atrás de seu inesperado desejo de retornar para casa.

— Direi a você, mas somente se não se importar de mentir.

— Elisabeth, não pode por uma vez, se sentar e esperar que o duque lhe dê a explicação que prometeu? São somente algumas horas a mais...

— E enquanto isso, o quê? As pessoas acreditam que vou me casar com ele e quando passar o tempo e virem que não é assim, me converterei em fofoca, ainda maior do que já sou agora. Preciso cortar isto, antes que seja muito tarde.

Amelia permaneceu em silêncio por alguns segundos.

— Nesse caso eu a acompanharei. Não vou deixá-la ir sozinha.

— Obrigada, mas preciso que entretenha a tia Margareth esta noite. Tem que impedir que ela entre em meu dormitório e ambas sabemos que vai ser difícil porque quererá assegurar-se de que estou bem. — Amelia abriu a boca para protestar, mas Elisabeth se adiantou a suas palavras. — Prometo que não vou sozinha. Vou levar Riona e um laçao que anda meio apaixonado por ela. Nenhum dos dois dirá nada.

Sua prima suspirou resignada.

— De acordo, mas tome cuidado.

— Terei, — ela assentiu abraçando-a.

Se evitasse pensar no ínfimo detalhe de que seu irmão pretendia desposar Elisabeth Masterson, a noite estava sendo bastante agradável. O momento inclusive lhe dera oportunidade de que brincasse com seu correto irmão sobre o disfarce que ambos usariam na festa de máscaras que seu amigo comum, o marquês de Wimsey, queria dar para celebrar o aniversário de sua esposa. A festa teria lugar na noite seguinte no Vauxhall e era das mais exclusivas da temporada.

Wimsey prometera a Pippa, ao se casar, que faria de sua vida em comum uma surpresa constante e, pelo visto, estava cumprindo.

Colin relaxou na poltrona. Fazia muito tempo que seu irmão e ele não passavam um tempo, juntos. Harry estava muito ocupado com as responsabilidades inerentes ao título. Por sua parte, Colin se negava a o ajudar naqueles assuntos, principalmente porque fazendo assim, se esquecia de que era o herdeiro de seu irmão.

Se aceitasse seu papel como tal, precisava aceitar, também, que seu irmão podia morrer, tal e como haviam morrido seus pais, e nesta ocasião, se seu irmão o deixasse antes do previsto, então sim, ele ficaria completamente sozinho no mundo.

Seus funestos pensamentos foram interrompidos pela inesperada aparição de Perkins, que sempre se aproximava com um sigilo impróprio de um mero criado.

— Excelência, lamento incomodá-lo, mas tem uma visita.

— A estas horas? — Perguntou Harry surpreso.

Perkins se ergueu mais, se era possível. Ao compreender a velada censura do duque por ter permitido que o inesperado visitante cruzasse a soleira de sua casa.

— Não podia negar a entrada para uma dama, Excelência. Não importa a hora que seja.

Harry se levantou a toda pressa.

— Outra dama, Perkins? Não será a mesma desta manhã? — Perguntou com mal dissimulado interesse.

— Então está solicitado, irmão, — zombou Colin ao escutar sobre a visita. — Não me diga que as mulheres o assediam.

— É uma dama diferente, Excelência. Embora...

— O que acontece, Perkins? Fale abertamente.

— Se não me equivoco, ambas as damas, estão aparentadas.

Harry se deixou cair na cadeira, um pouco menos tenso.

— Por favor, Perkins, acompanhe lady Elisabeth até aqui e depois peça que tragam um refresco para ela. Suponho que ela escapou de algum dos bailes que dão esta noite, — explicou para Colin que parecia a ponto de explodir de raiva.

O mordomo pareceu relaxar ao notar que o duque não parecia nem assombrado, nem contrariado.

— Em seguida, Excelência.

Foi Colin quem, nessa ocasião, ficou de pé de um salto.

— O que faz Elisabeth nesta casa e a estas horas, Harry? — Ele perguntou em um tom furioso.

— Não sei, mas estou seguro de que averiguaremos, os dois, em alguns segundos.

O duque também ficou em pé quando escutou passos se aproximando pelo corredor. Perkins foi o primeiro a aparecer pela porta.

— Lady Elisabeth, milordess, — ele anunciou com formalidade e para Harry não escapou o brilho de surpresa que iluminou os olhos de Elisabeth quando se deu conta de que ele não estava sozinho.

Porém, ela se recompôs com facilidade e entrou no estúdio com as costas eretas e o olhar desafiante, como se esperasse ser

repreendida.

— Boa noite, — ela saudou com um sorriso que pretendia ser de confiança.

— Você veio sozinha até aqui? — Perguntou Colin, antes que o duque pudesse sequer, responder à saudação de sua convidada.

— Vim com minha donzela e com um laçao em um carro de aluguel. Obrigada por seu interesse, milorde.

Colin mordeu a língua. Ele perguntara com a esperança de que ela lhe desse um motivo para repreendê-la, além, é claro, do fato de que estivesse na casa de um homem a essas horas da madrugada.

— Em qualquer caso, demonstrou que é uma insensata por vir até aqui. Por acaso não tem juízo?

— De novo agradeço seu interesse, lorde Colin, mas o motivo pelo qual vim até aqui não é para responder a suas perguntas, mas sim porque desejo falar com seu irmão, a sós, por favor, — ela disse desafiante.

— Somente por cima do meu cadáver. Agora mesmo virá comigo. Vou levá-la para sua casa e reze para que ninguém a tenha visto entrar aqui ou estará perdida para sempre.

— Não acredito. Se alguém me viu, coisa que duvido, estou segura de que Harry se casará comigo e minha reputação voltará a

ser tão decente quanto foi até agora.

— É claro, Elisabeth. Alegro-me que toque no assunto porque...

— Basta! Vamos daqui imediatamente, — cortou Colin impedindo a declaração que estava seguro viria a seguir.

— Não penso ir com você, Colin. Nem sequer entendo por que está falando comigo. Não era uma decisão firme me ignorar completamente? — Atacou ela. — Ou somente quando lhe convém?

O duque, que estava tratando de ocultar a ambos quão encantado estava com a situação, decidiu que o mais acertado nesse momento era ficar do lado de seu irmão, pelo que interveio com esse fim.

— Amanhã pela tarde passarei para buscá-la, minha querida. Podemos ir tomar um sorvete e dar um passeio, tal e como havíamos planejado.

— Harry, não acredito que seja boa ideia o que propõe. Se continuarem assim, a sociedade vai esperar o anúncio oficial de suas bodas no *Time*.

— Parece-me uma ideia maravilhosa, Harry. Espero você amanhã, boa noite querido, — assentiu Elisabeth, embora por dentro fervesse de indignação. Primeiro porque sua saída não

servira para seu fim, e segundo porque a atitude de Colin a tirava do prumo. Não era bastante duro que ele não a considerasse o bastante boa para ser sua amiga, mas sim tampouco a considerava à altura de seu irmão?

Instintivamente ficou rígida quando notou que ele a agarrava pelo braço para acompanhá-la até a saída.

— Falaremos amanhã, Harry. Vou levar Elisabeth para casa e me assegurar que fique ali até amanhã, — ele disse zangado.

— Devo lhe recordar que eu sou o irmão mais velho, além disso, o duque? — Cravou Harry, — seu comentário me recordou o tom que nosso tutor usava, quando nos fazia entrar em seu estúdio para nos reprimir pela nossa falta de interesse nos estudos.

— Não brinque com fogo, duque. Agora mesmo estou muito furioso com os dois para me conter.

— Não vejo por que se importa com o que eu faça, — queixou-se Elisabeth.

Colin virou-se como uma mola para olhá-la com cara de poucos amigos.

— Elisabeth, — advertiu Harry, — nos veremos amanhã. Ela decidiu que o melhor seria aceitar que sua aventura

havia fracassado e permitiu que Colin a tirasse da casa. Manteve-se em silêncio enquanto ele despedia seu lacaio e a sua donzela, que tiveram que retornar para casa a pé, e aceitou sua ajuda quando chegaram a sua carruagem. Consciente da tensão que reinava no ambiente ela se manteve em silêncio os próximos minutos. De fato, foi Colin quem decidiu rompê-lo.

— Jamais pensei que você fosse daquelas mulheres que acreditam que o silêncio é um castigo para um homem. Mas, é uma bênção que uma dama se abstenha de falar de banalidades durante alguns minutos.

Ela o olhou com fingida indiferença.

— Não será melhor se você iniciar uma simples conversa, com uma simples dama, talvez eu seja capaz de segui-lo e inclusive lhe responda com certa lucidez.

— Não disse... por que você distorce tudo o que digo?

— Você acredita nisto?

— Nesse caso deve ser verdade. Você é o inteligente aqui.

Colin suspirou cansado.

— Não podemos tentar nos dar bem? Antes éramos amigos...

Os olhos de Elisabeth se acenderam como o carvão nas brasas. Colin viu como o fogo os consumia. Teve consciência, então, de que seu comentário acendera os rescaldos que ainda restavam de seu último encontro.

— Como você se atreve a me pedir isso agora? É você e só você, quem se nega a ser meu amigo. Foi você quem me deu deliberadamente as costas, o...

Não conseguiu continuar falando, pois a boca de Colin esmagou a sua com ferocidade. Não era a primeira vez que um homem a beijava, porém, esta sim, era a primeira vez que ela desejava, de verdade. Notou como Colin suavizava a pressão e abriu a boca para se queixar. Momento que ele aproveitou para acariciá-la com a língua. Suas mãos se agarraram à nuca dele, maravilhando-se com a suavidade de seu cabelo. Ele a reclinou com cuidado no assento, de maneira que os seios dela roçavam com o peito dele. Uma de suas mãos acariciou sua perna por debaixo da saia e instintivamente ela se aproximou mais a ele...

Seu gesto tirou Colin do sonho em que estava. De repente teve consciência do que estava fazendo. Endireitou-se e se afastou dela a toda pressa, ainda com seu sabor nos lábios.

Durante alguns segundos nenhum dos dois falou, nem sequer se olharam.

— Por quê? — Perguntou ela quando, enfim, se sentiu proprietária de si mesma.

Sacudiu quando a carruagem se deteve na esquina de sua casa.

— Não encontrei outra forma mais efetiva de fazê-la se calar,
— ele disse, como se o beijo não tivesse significado nada para ele,
— já lhe disse que os homens valorizam o silêncio.

Elisabeth o olhou com uma intensidade que incomodou Colin.

— Espero que a próxima vez que se incomode com minha conversa intransigente, se limite a me pedir que guarde minhas opiniões para mim mesma. Duvido muito que seu irmão aprove que você beije sua esposa, embora o motivo seja tão lícito quanto o seu, boa noite.

Colin não respondeu. De fato, não voltou a falar até que ela cruzasse a soleira de sua porta, nem sequer para indicar ao cocheiro onde devia levá-lo.

Uma vez que Elisabeth estava a salvo em seu lar, deixou escapar sua frustração amaldiçoando tudo o que lhe ocorreu naquele instante.

Capítulo 8

— Se não a conhecesse eu acreditaria que você está mentindo para me impressionar. Mas sei que não deseja minha aprovação, então estou certo de que é verdade o que me conta.

— Sempre soube que você era o irmão inteligente, — Elisabeth riu enquanto passeava por seu braço, — por isso eu gostaria de esclarecer de uma vez por todas o assunto sobre nossa relação.

— Adiante — convidou o duque.

— Sei que você não deseja se casar comigo.

— Subestima-se, Elisabeth. Qualquer homem gostaria de se casar com você. Não pode fingir que não sabe.

Ela o olhou zangada.

— De acordo. Deixe que eu reformule a frase: sei que não deseja se casar, nem comigo, nem com ninguém. De modo que...

Harry sorriu, encantado.

— Gostaria de descansar alguns minutos? — Ele perguntou apontando um banco afastado. — Andamos muito.

Tal e como havia prometido, Harry se apresentou na casa de Elisabeth à hora acordada, para levá-la para tomar um sorvete e a

passar e, tal e como jurara Amelia, ela não estava disponível para acompanhá-los na saída. Sua rebeldia agradara a Harry, que não esperava semelhante reação.

— Seria muito agradável, obrigada.

Consciente de que Harry não diria nada, até que estivessem completamente a sós, se deixou guiar até o banco e esperou que ele voltasse a puxar o assunto.

— Preciso lhe confessar algo, se eu pretendo que entenda minha postura, — ele disse com certa vergonha.

— Diga.

— Vi você aquela noite, no balcão, com Rochdale e também vi Colin espioná-la.

— Imaginei que você nos viu, a julgar pela inesperada aparição de Sarah Danvers no balcão.

— Com isso eu não tive nada a ver. Sarah apareceu por sua conta, de fato não soube que ela também os tinha visto, até que a própria Sarah me contou, — disse isso sorridente. — Seja como for, surpreendeu-me ver meu irmão tão interessado por alguém, e se é possível, pensei que ele necessitava de minha ajuda.

— Sua ajuda?

— Para decidir-se a cortejá-la. Acreditei que se visse meu interesse por você, talvez se desse conta do que sente por você — ele confessou.

— Se estivéssemos realmente sozinhos eu lhe daria um abraço — confessou ela. — E agradeço seu interesse, Harry, mas lamento lhe dizer que você está completamente, equivocado. Colin não sente nada por mim. Nem sequer deseja ser meu amigo.

— Nisso acredito que é você que se equivoca. Seja como for, acredito que é possível que eu tenha levado minha farsa além do limite e pode ser que nos vejamos na obrigação de casar. Sei que não sou o marido que você deseja, mas não posso deixá-la sozinha, quando toda esta folia foi por minha culpa.

Elisabeth esticou o braço para tocar o duque, muito emocionada para que se importasse de ser observada.

— Agradeço-lhe muito, Harry. Não sabe o que significa para mim retomar nossa amizade. Durante os anos que seguiram à morte de meu irmão eu me senti sozinha. Se não tivesse Amelia comigo, não sei como teria sobrevivido à solidão e à dor. E saber que você está disposto a renunciar a sua felicidade para se casar comigo, me honra, mas eu não poderia me casar com você, amando como eu amo seu irmão.

— Nesse caso, querida, você vai precisar ser mais contundente com ele porque esta mesma manhã recebi uma nota de seu pai para que eu vá visitá-lo.

— Meu pai não sabe. Ele...

— Ele está a par de tudo que acontece, minha querida. Pode ter certeza.

O duque de Bollingbroke não precisava se inclinar diante de ninguém mais que o rei, ou o príncipe regente em sua ausência, de modo que por mais que lhe doesse a evidente deterioração do conde de Waverly, ele se mostrou tão régio e formal quanto se esperava dele.

Seguiu o mordomo até o escritório de seu anfitrião, sem saber que quatro anos antes, nesse mesmo lugar, seu irmão, e inclusive ele mesmo, haviam sido convidados a se esquecerem da relação que, antigamente, unira ambas as famílias.

O conde não se levantou para recebê-lo e Harry hesitou pensando se ele pretendia ofendê-lo com o gesto, ou se estava tão mal, a julgar por seu aspecto, que não conseguia se manter em pé.

Embora ele estivesse desalinhado, em mangas de camisa e com o lenço meio solto, seu escritório mostrava um aspecto tão

impoluto quanto sempre fora. Notava-se com isso a lealdade que seus criados ainda lhe professavam.

— Bollingbroke — ele saudou cortante, — sente-se. Definitivamente, ele desejava ofendê-lo, decidiu Harry. Ou, talvez, lhe recordar que durante um tempo ele fora uma autoridade para ele, visto que ele foi seu tutor até que chegou à maioridade.

De qualquer maneira se sentou sem lhe agradecer o convite.

— Acredito que o melhor seja irmos diretamente ao ponto — apontou o pai de Elisabeth.

— Estou completamente de acordo. Então me diga por que eu estou aqui? Se bem me recordo, minha família tem o acesso proibido a esta casa.

Notou como ele se removia incômodo em sua cadeira e se fixou em quão enrugada estava sua camisa, como se tivesse dormido com ela. Sua jaqueta, igualmente enrugada, descansava sobre o sofá, e em seu afã por ofendê-lo, nem sequer se incomodou em vestir-se decentemente para recebê-lo.

Suas bochechas ruborizadas e os olhos frágeis lhe davam a entender que estivera bebendo por horas.

— Também os proibi, a seu irmão e a você de se aproximarem de minha filha e, entretanto, chegou a meus ouvidos

que você está pensando em se casar com ela. O que me confunde, porque você nem sequer teve a decência de me pedir permissão para cortejá-la.

— Equivoca-se, — ele respondeu sem perder a formalidade.

— Não vim falar com você, porque não sou eu quem se casará com Elisabeth, mas, sim, meu irmão. E, se bem me recordo, ele tampouco, tem permissão para pisar nesta casa.

O conde se levantou com mais agilidade do que aparentava possuir e fulminou seu convidado com o olhar.

— Do que você está falando, Bollingbroke? As intrigas falam de você e de minha filha, seu irmão não figura em nenhuma deles.

— As intrigas são errôneas. Já deveria saber que quase nunca são verdadeiras.

O conde ficou vermelho de raiva.

— Somente por cima do meu cadáver. Seu irmão jamais desposará minha filha. Não depois de ser o culpado pela morte de meu herdeiro. Não o permitirei jamais!

Harry não conseguiu suportar mais e se levantou até ficar á altura do velho a quem antigamente tanto tinha respeitado.

— Meu irmão não foi o culpado de nada. De fato, foi o único que fez alguma coisa para impedir aquele duelo, enquanto você

ficou sentado esperando que alguém solucionasse seus problemas. Não se atreva a culpar Colin, quando o único culpado foi você, ao ter deixado dois jovens solucionarem o problema que você teria resolvido com um único movimento de adulto. E lhe digo que aceite o casamento entre sua filha e meu irmão porque, não só é iminente, mas sim, absolutamente necessária, se você pretende que sua filha seja bem recebida entre a alta sociedade. — Ele se deteve por um segundo para recuperar a serenidade. — Boa tarde, — ele se despediu sem dar condições para que o conde replicasse.

Ao chegar em sua casa estava mais calmo.

Sentou-se em seu escritório e escreveu uma nota para Elisabeth. Inicialmente pretendia lhe contar como fora a conversa com o pai dela, mas quando já havia molhado a pluma no tinteiro mudou de opinião e escreveu uma única frase nela:

Baile de máscaras no Vauxhall.

Estava convencido de que sua amiga compreenderia a mensagem e atuaria como se esperava dela. Elisabeth precisava

colocar as cartas sobre a mesa para Colin, ou seu irmão nunca jogaria a partida, por mais vencedor que fosse.

Capítulo 9

Elisabeth começava a duvidar de que visitar Vauxhall essa noite tivesse sido uma boa ideia. Sobretudo porque colocara o vestido que encomendara, somente uma semana antes, para madame Lambert, e que havia guardado no fundo do armário quando o pacote chegou em casa. Não pode mais do que se sentir envergonhada quando o provou, a sós, em seu quarto. O decote era tão pronunciado que temia mover-se, já que qualquer movimento involuntário podia deixar descobertos, seus encantos, e a cor, embora favorecedora, era de um vermelho tão intenso, que era impossível passar despercebida com ele.

Sua intenção ao encomendá-lo havia sido provocar uma reação em Colin. Que ele a repreendesse por se exhibir daquele modo tão vulgar, ou que ele lhe pedisse uma dança, seduzido pela pele que o modelo deixava descoberto. De alguma coisa teria servido, se com isso conseguisse seu objetivo, que Colin voltasse para sua vida ou, que ao menos, deixasse de fazê-la sentir-se invisível.

Contudo, uma vez que o vestiu não se atreveu a se mostrar em público com ele. Nem sequer seu desejo de forçar uma reação em

Colin a animou a colocar o ditoso vestido.

Inclusive a famosa costureira a olhara com reprovação, quando Elisabeth aproveitou um descuido de sua tia e de Amelia para lhe solicitar o modelo.

Entretanto, essa noite as circunstâncias mudaram e ela enfrentou seu pudor e estava decidida a cumprir com seu objetivo. Não importava que ela não tivesse sido convidada à festa particular, como tampouco lhe importava estar ali sozinha, sem par, nem acompanhante.

Porque essa noite ela não era lady Elisabeth, filha de um conde, irmã de um visconde e neta de um duque, mas sim, pretendia ser uma mulher anônima. Uma mulher livre para escolher sua roupa e também seu destino. Talvez uma das formosas mulheres que nesse instante dançavam no reservado, onde se desenvolvia o baile. Mulheres que inclusive atrás de suas máscaras conseguiam atrair a atenção dos homens.

Elisabeth se fixou na homenageada, lady Phillippa Clarendon, marquesa de Wimsey, cujo disfarce de Cleópatra estava monopolizando a atenção dos convidados. Verdade que ela não era a única dama que havia escolhido à rainha egípcia para essa noite, porém, era a mais acertada. Diferente delas, não usava uma

máscara que cobrisse seu rosto e, mesmo assim, precisaria se fixar bem para compreender que ela substituíra a máscara imprescindível em um baile de máscaras, por maquiagem.

Se viu obrigada a interromper seu escrutínio quando notou uma mão enluvada sobre seu cotovelo.

— Não posso acreditar que esteja aqui, — disse o bandoleiro mascarado que se deteve a seu lado.

Ela o olhou atentamente antes de se dar conta de quem estava atrás do disfarce.

— Foi ideia sua — ela se queixou.

— Sem dúvida foi a pior que tive em toda minha vida. Eu a descobri assim que a olhei duas vezes. Do que se supõe que está disfarçada? Vou precisar estar atento a você por toda a noite ou se verá assediada por todos os homens da festa.

— Você é muito amável.

— Não pretendia ser. Para que fique claro, estava a repreendendo. Deveria ter um pouco mais de juízo. Está aqui para falar com meu irmão, não para seduzi-lo, nem para desatar uma briga de admiradores.

Elisabeth riu, nervosa.

— Não pretendo outra coisa mais do que falar com Colin Harry, sempre desejei.

— Sei. Mesmo assim, o melhor será que não se distraia e que fique onde eu possa vê-la. Seu vestido é muito tentador, — ele suspirou, pensando em sua imprudência ao acreditar que se ambos falassem abertamente sobre o que acontecia, conseguiriam arrumar a ofensa. — Se Colin não repensar sobre sua atitude com você eu mesmo a levarei para casa.

— Acredito que me alegro de que o faça. Dá um pouco de realidade a esta situação.

Harry relaxou um pouco e se aproximou mais dela. Possivelmente para protegê-la ou talvez, para dar a entender a outros homens que ela já havia encontrado um par para essa noite.

— Sinto muito, minha querida. Não deveria ter lhe enviado aquela nota. Ou, talvez sim, e o problema seja o disfarce que você escolheu. Se tivesse sido mais sutil não haveria nenhum problema.

— Você não gosta das cortesãs?

Harry lhe lançou um olhar carregado de reprimenda que fez Elisabeth sorrir. A máscara e o disfarce de bandoleiro minavam um pouco a majestade do duque, mas sua atitude continuava sendo a mesma.

— Seja como for você está aqui e se a descobrirem eu mesmo direi que a convidei para me acompanhar. Afinal todos supõem que eu a estou cortejando, ninguém verá nada de mal nisso.

— Você acredita? Parece-me uma reunião bastante íntima. O duque encolheu os ombros.

— Wimsey está louco por sua esposa ou possivelmente esteja somente louco. O caso é que ele queria celebrar o aniversário de Phillippa de um modo excêntrico e preciso admitir que ele conseguiu. A festa é... original?

— Por uma vez, estou de acordo com você.

— Não tente a sua sorte ou a meterei em minha carruagem e a levarei para casa antes que você possa dizer: sinto muito.

— Não vou a... De acordo. Sinto muito. Contente?

— Seria melhor dizer preocupado. O melhor será que me afaste de você alguns metros, se continuarmos nesta conversa chamaremos a atenção dos convidados. Aproxime-se da mesa de refrescos e asseguro que alguém lhe pedirá uma dança. Eu a vigiarei para que esteja segura.

Não teve oportunidade de replicar que não corria perigo entre a flor e nata da alta sociedade porque, antes que abrisse a boca,

Harry já tinha desaparecido de seu lado.

Pouco disposta a incomodar o duque, seguiu seu conselho e se encaminhou até a mesa de bebidas. Não chegara, nem sequer a seu destino quando o marquês de Wimsey a interceptou. Seu disfarce de imperador romano deixava à vista seus musculosos braços, modelados a base de esgrima.

— Milady, seria amável de me conceder esta dança? — Ele perguntou parando em frente a ela e lhe cortando qualquer possibilidade de escape.

— Será uma honra, — ela disse em apenas um sussurro. Ela falara poucas vezes com o marquês, e a maioria delas foi quando Lucien estava vivo, já que o marquês fazia parte do grupo de amigos de seu irmão. Por outro lado, embora a máscara deixasse seu cabelo descoberto, a cor não possuía nada de exclusivo. O único traço que poderia alertar os convidados sobre sua identidade eram seus olhos, não por sua cor, que embora verdes eram bastante comuns, mas sua forma, e graças a Deus ela ficava oculta atrás da máscara que usava.

Mesmo assim, e apesar do tempo transcorrido, sem falar com o marquês, Elisabeth estava disposta a fingir ser outra pessoa já

que não queria se arriscar que a descobrissem antes de falar com Colin.

ocultar sua identidade, se de algo estava certa, era que o marquês não permitiria que ficasse sozinha e sem acompanhante, nem só um minuto mais.

Wimsey lhe ofereceu seu braço, embora sua expressão continuasse a mesma, e se dirigiu com ela à pista de dança.

Durante os primeiros segundos nenhum deles disse nada, até que ele abordou o motivo do convite.

— Sabe? Pippa tem certeza de que você não é uma de suas convidadas, por isso devo deduzir que é das minhas, — sorriu ele, embora o gesto não enganou Elisabeth, que estava consciente, de que ele pensava que ela penetrara sem convite.

— Na realidade vim acompanhada por um de seus convidados.

Ele pareceu relaxar.

— Magnífico. A qual deles devo agradecer sua presença aqui?

De fato, antes de lhe confessar quem era, estava decidida a dançar com ele, embora até o momento, nem sequer fora capaz de encontrá-lo entre as pessoas. Terminasse como terminasse a noite,

era muito cedo para se ver obrigada a voltar para casa. Continuou sorrindo atrás do disfarce.

Elisabeth riu coquete.

— Isso não posso dizer milorde. Qual seria o encanto de uma festa de disfarces se eu revelar o nome de meu acompanhante? Conforme-se sabendo que não sou penetra em seu baile, — brincou ela. — Seria uma completa falta de decoro se tivesse aparecido sem ser convidada.

— A uma mulher como você, se perdoa tudo milady. Inclusive se tivesse chegado sem convite.

A dança seguiu seu curso com uma conversa mais informal e, quando se separaram, ele a deixou onde a encontrara, junto à mesa das bebidas. Depois disso ele se aproximou de sua esposa, que parecia contrariada e certamente o estava repreendendo por não ter descoberto seu nome para ela.

Elisabeth riu para si mesmo. Definitivamente, Wimsey estava louco por sua esposa, nisso Harry tinha razão. O pobre homem a tirara para dançar para agradar à marquesa, a quem certamente prometera o nome da mulher que se ocultava atrás do descarado vestido carmesim.

Ainda não havia conseguido localizar Colin quando um bonito gladiador se aproximou para convidá-la a dançar. Elisabeth sorriu, consciente de que, ao não ter atingido seu objetivo através de seu marido, lady Phillippa enviara outro emissário, lorde James Herrius, visconde de Torrington, quem era tão bonito quanto Colin e totalmente encantador. E sabia, porquê de todos os amigos de Lucien, lorde James era o único que a tirara para dançar em diversas ocasiões, desde que retomou seu lugar entre a alta sociedade, depois do luto. Por tudo isso, Elisabeth estava alerta de não falar mais da conta e se entregar.

— Uma festa excelente. Não acredita, milady? — Perguntou o visconde com um sorriso.

Elisabeth compreendeu nesse momento por que as damas suspiravam por ele. Não só era atraente, com título e com dinheiro, mas, além disso possuía um encanto especial, que consistia em conseguir que as mulheres se sentissem admiradas a seu lado.

— É claro, milorde.

— Vejo que é uma mulher de poucas palavras, — ele disse com um sorriso deslumbrante. — E me diga, formosura. Por que tenho a sensação de conhecê-la?

Ela riu, divertida pelo torpe intento do visconde de descobrir sua identidade.

— Certamente porque nos vimos em alguma outra ocasião, é evidente que frequentamos as mesmas festas.

— Deve ser esse o motivo, já que você assegura que não nos conhecemos. — O tom malicioso que ele deu a suas palavras voltou a fazer Elisabeth sorrir.

— Eu não asseguro nada, visconde. Simplesmente aproveito a temática da festa.

Ele sorriu ao ouvi-la lhe chamar por seu título. Conheciam-se, estava claro.

Duas danças mais tarde, e sem ter tido a oportunidade de beber um copo de limonada, finalmente teve lugar o encontro que ela esperara desde que chegou.

Sedenta como estava voltou a fazer um novo intento de chegar até a mesa das bebidas, e se deparou com o sorriso travesso de Colin embelezado com uma coroa dourada e uma capa ricamente bordada.

— Estive observando-a, — ele disse sem preâmbulos.

— Sério? — Ela perguntou com um fio de voz. As pernas lhe tremiam perigosamente e não se devia ao esforço das danças, mas, sim, pela reação de seu corpo a sua proximidade.

— Acredita que eu deveria estar preocupada por isso? Vossa majestade não tem precisamente boa fama com as mulheres.

Ele assentiu rindo.

— Minha má fama é com as esposas, não com as mulheres em geral, — ele disse lhe oferecendo um sorriso tentador. — Em qualquer caso, as trato melhor do que suas amigas trataram você.

— Você acredita, majestade? — Ela voltou a perguntar no mesmo tom baixo para que ele não reconhecesse sua voz.

Resultava intrigante que Colin tivesse escolhido o disfarce de Henrique VIII. Estaria pensando talvez em se casar? Era uma declaração de intenções? Ou uma simples casualidade?

A ideia de vê-lo casado com outra lhe arrepiou a pele e lhe retorceu o estômago.

— Tenho certeza, — ele afirmou, ao mesmo tempo que pegava uma taça de champanha e lhe estendia. — Como vê, eu não sou como eles.

Ela riu. Sim, ele devia tê-la observado e se dera conta de que ela estava com sede.

— Prefiro a limonada. Tal e como adivinhou, estou sedenta.

— Tem certeza?

— Que prefiro a limonada? Completamente.

Ele soltou uma gargalhada e trocou a taça, por um copo. — Talvez aceite dar um passeio comigo pelos jardins, —lançou ele. — Imagino que além de sedenta esteja cansada de tanto dançar. Podemos nos sentar em um dos bancos do outro lado do jardim.

— Acreditei que a festa era nesta área, não imaginava que abrangesse tanto espaço.

Colin a olhou fixamente e Elisabeth ficou tensa. Pode ser que usasse uma máscara, mas precisa ter cuidado se não quisesse se delatar muito cedo. Primeiro precisava falar com ele, ganhar seu interesse para depois lhe dizer quem era.

— Desculpe-me, — ele pediu, mas algo em seu tom indicava que era mera formalidade. — Imaginei que possivelmente desejava dedicar alguns minutos para se recompor da dança.

— Acredito que seria muito agradável, obrigada.

Colin não disse nada, limitou-se a lhe oferecer o braço para que ela pousasse sua delicada mão enluvada sobre ele.

Capítulo 10

Vauxhall era formoso tanto de dia quanto de noite. Os caminhos mais transitados foram iluminados com tochas e inclusive os mais íntimos possuíam certa luminosidade que impedia os amantes, que procuravam a intimidade, tropeçar e cair.

Como era de se esperar, Colin escolheu um dos caminhos intermediários. Nem o mais iluminado, nem o mais afastado das pessoas, um bastante discreto para que pudessem falar sem serem escutados.

Escoltou-a em silêncio e, tal como prometera, convidou-a para se sentar em um dos bancos do passeio.

— Desculpe meu atrevimento, mas você me parece muito familiar. Apresentaram-nos anteriormente? — Ele perguntou com perspicácia.

Elisabeth se viu obrigada a dissimular a surpresa com um sorriso que pretendia ser coquete.

— É evidente que nos movemos pelos mesmos círculos. Já que ambos estamos aqui esta noite, — respondeu ela, evasiva. Era muito cedo para ser descoberta. Primeiro, precisava cercar uma conversação para que Colin se sentisse cômodo a seu lado.

— Isso não foi o que lhe perguntei. Ou por acaso está tratando de aumentar meu interesse, ao não me confiar seu nome.

Elisabeth sentiu que o temor de ser descoberta se instalava em seu estômago. Puxou uma baforada de ar e tratou de relaxar.

— Não sabia que era meu nome o que pretendia de mim esta noite, — ela se atreveu a responder.

— Beleza, eu pretendo muitas coisas e, se precisar justificar, seu nome não é o que mais me interessa neste momento.

— E o que seria então?

— Seus lábios — disse ele ao mesmo tempo que elevava uma mão para acariciá-la. — Seu toque... tudo o que você estiver disposta a me conceder.

— Você não vai muito depressa, majestade? — Ela perguntou tomando um pouco de distância.

Por alguma razão, incomodava lhe que Colin fosse tão amável com uma completa estranha, embora a estranha em questão fosse ela mesma. A quantas mulheres ele teria levado ao terraço, ou a um lugar escuro para beijá-las? Parecia ter muita prática em sedução. Por mais estranho que fosse, Elisabeth se deu conta de que estava profundamente ciumenta... de si mesma.

Seus pensamentos foram interrompidos pelas desculpas que seu acompanhante estava lhe oferecendo.

— Tem razão e me desculpo por minhas palavras. Não pretendia ofendê-la. É possível que tenha me deixado levar e esqueci por um segundo que seu traje desta noite não é mais que um disfarce.

— Oh!

— Não parou para pensar no que os homens deduziriam de uma mulher que comparece sozinha a uma festa vestida desse modo? Qualquer um pensaria que está procurando um novo protetor.

— A verdade é que não pensei, — ela se defendeu, assombrada pelo fato de que ele a estivesse repreendendo.

Colin fingiu surpresa.

— Tenho certeza de que se deu conta do interesse que despertou esta noite, entre meus congêneres. Não deixou de dançar desde que chegou. Inclusive a vi falando com o duque de Bollingbroke.

— O duque é um velho conhecido e, para ser sincera, tampouco ele estava de acordo com o vestido que escolhi.

— Sério? — Ele perguntou com interesse.

Elisabeth não estava segura de ter sido descoberta. Apesar de tudo, parecia que Colin a estivesse repreendendo. Como se suas palavras pretendessem lhe fazer notar a loucura que era sua presença na festa.

— Assim é.

— Nesse caso o duque não é o caipira que eu acreditava que fosse e, por outro lado, tenho quase certeza de que nos conhecemos. O duque e eu também somos velhos conhecidos.

— Não posso afirmar, majestade. Não sei quem se esconde atrás de sua máscara.

— Ao contrário sim, você reconheceu o duque? — Ele insistiu.

— Já lhe disse que o duque é um velho conhecido. E, em qualquer caso, reconhecemo-nos mutuamente.

— Um tipo afortunado.

Ela sorriu sem saber muito bem o que dizer a seguir. Estava a sós com Colin e alguns minutos antes, ele falara em beijá-la, e ela, em vez de lhe fazer saber que não lhe desagradava a ideia, terminaram falando de Harry.

Mas tampouco arriscara sua honra para ser beijada por Colin, mas sim, para falar com ele e fazê-lo ver que nasceram um para o outro. Ela chegara até ali disposta a tudo, inclusive a confessar o

que sentia por ele, não podia permitir-se deixar-se levar por seus sentimentos, precisava usar a razão.

— Acredito que o melhor será que retornemos à festa. Espero que tenha descansado o suficiente.

Elisabeth se assustou ao escutar seu pedido para retornar ao baile. Compreendendo que se não fizesse alguma coisa perderia a oportunidade de falar com Colin.

— Tão cedo você se esqueceu de meus lábios? — Estava tão nervosa que nem sequer soube como foi capaz de pronunciar a frase completa sem titubear. A ideia original era falar com ele, porém, um beijo seria igualmente eficaz, para lhe demonstrar quão perfeitos ficavam juntos.

Ele a olhou tratando de adivinhar seu jogo.

— Faz um instante se queixou de que eu estava muito rápido e agora...

Ela o interrompeu.

— Agora mantivemos uma conversa agradável e não será mais do que um beijo entre dois desconhecidos, em uma festa. O que pode ter que mal nisso?

Ela não permitiu que ele respondesse. Com um aprumo que não sabia que possuía se inclinou para ele e colocou seus lábios sobre

os dele.

Antes de que se desse conta do que acontecia, Colin a estava acariciando com a língua, obrigando-a a se entregar, completamente a ele. Exigindo que se rendesse, que lhe permitisse explorar sua boca a bel prazer.

Seus lábios eram insistentes, mas suaves, a doçura de sua boca e a certeza de estar entre seus braços fizeram Elisabeth tremer, quase não sendo mais capaz de discernir um pensamento com sentido.

As mãos de Colin deslizaram por seus braços nus e seus lábios voaram até seu decote, onde se entretiveram até que seus mamilos se endureceram pela atenção recebida. Elisabeth sentia o frio da noite na pele, mas seu corpo ardia por dentro. Estava tão sufocada que somente as carícias de Colin a aliviavam o suficiente para lhe permitir respirar.

— Deixe-me agradá-la — Ele pediu, em um sussurro rouco. Ela não conseguiu responder.

Então, ela notou sua mão subindo pelas coxas e se deixou levar quando ele a recostou sobre o banco, lhe permitindo o acesso completo a seu corpo, consciente de que a conversa que planejara nunca seria travada.

— Você é linda, — ele murmurou sobre seu pescoço. — Você sempre foi linda.

— Não consegue me ver, — replicou ela, com o último pingo de consciência que restava.

Ele sorriu sobre sua pele quente e agradeceu que o vestido deixasse tanta pele descoberta, visto que era mais fácil chegar a ela, acariciá-la, lambê-la e senti-la ardendo debaixo dele.

— Eu também quero tocá-lo, — pediu Elisabeth, a cada segundo mais possuída pelas sensações. Inconsciente de onde o momento os levaria.

Ela permitirá que um ou dois pretendentes a beijassem e inclusive ela beijara o marquês de Rochdale, porém, jamais teria imaginado que estar com alguém a quem amasse, despertasse tantas sensações agradáveis e prazerosas.

— Pois me toque, — aceitou Colin, tirando o casaco e permitindo que ela lhe desabotoasse a camisa.

Suas mãos tremiam e seus dedos não atinavam com as casas, mas ela estava decidida a sentir o calor de sua pele nas pontas dos dedos.

Sobressaltou-se quando notou o ar fresco nas pernas e sentiu a carícia da boca de Colin em seu centro.

— Que doce! — Murmurou ele fazendo-a estremecer.

— Não, por favor, — ela pediu, assustada pelo que estava acontecendo.

Colin elevou a cabeça e a obrigou a olhá-lo.

— Deixe que eu a saboreie. É uma tentação e não consigo resistir a você. Prometo que não lhe farei mal. Confie em mim, querida!

Ela assentiu, e Colin voltou a centrar sua atenção na parte mais delicada de seu corpo.

Cada carícia era mais intensa que a anterior, cada roçar a inflamava mais. Seu corpo estava ardendo, sentia-se ansiosa, estava consciente de que lhe faltava algo, de que precisava de mais, embora não soubesse o que era.

— Desejo-a, você me deseja? — Perguntou Colin, com a voz tão rouca que Elisabeth não conseguiu reconhecê-la.

— Sim. Acredito que desejo.

Ele sorriu ao vê-la tão confusa. Com cuidado se colocou sobre ela e começou a penetrá-la. Com cuidado, quase como se soubesse que era desse modo como devia fazer, para não machucá-la.

A sensação não era tão prazerosa quanto antes, mas ela se sentia bem, pensou Elisabeth. Colin continuou beijando-a,

acariciando-a... tranquilizando-a.

A boca dela emitiu um grito ao sentir uma dor aguda que lhe cortou por um segundo a respiração. O som tirou Colin de seu entusiasmo.

Sem se mover um centímetro de onde estava, ele esticou uma mão e a despojou da máscara que ela ainda usava.

Ela se remexeu, inquieta, assustada de qual seria sua reação quando compreendesse a quem ele estava fazendo amor.

— Por favor, Colin, já passou. Eu sabia que doeria, foi somente a surpresa. Não pare. Por favor, por favor. Não me deixe assim. Eu... Eu...

Colin sentiu vontade de gritar. De afastar-se dela e partir dali a toda pressa, mas sabia que não poderia fazê-lo. Seu corpo se negava a se afastar de Elisabeth, nunca conseguira se afastar, completamente dela, nem sequer quando lhe proibiram que a visse. Por esse motivo se limitou a parar de pensar e a deixar-se levar pelo que sentia.

Beijou-a novamente, desta vez com raiva, sem se preocupar em lhe machucar ou não, e começou a se mover em seu interior. Elisabeth não protestou, adaptou-se a ele e quando ela chegou ao clímax afogou um grito com a cabeça enterrada em seu pescoço.

Foi então que Colin permitiu a si mesmo a liberação. Foi mais longa e intensa do que teria acreditado que pudesse ser, e soube, nesse instante, que Elisabeth sempre teria poder sobre ele. Se ele deixasse, sempre seria uma marionete em suas mãos.

Durante alguns segundos permaneceram abraçados em silêncio. Depois, com uma rapidez que desconcertou Elisabeth, separou-se dela, tirou um lenço do bolso e a limpou com cuidado, consciente pela primeira vez em que fizera mal, ao perder o controle.

Depois desse instante em que se permitiu sentir, recolocou suas roupas e a ajudou a arrumar seu traje.

— Vamos! — Ele ordenou. — Vou levá-la à sua casa e depois matarei meu irmão.

— Ao Harry? Por quê? — Sua voz soou espantada e Colin amaldiçoou a si mesmo por tê-la assustado de novo.

— Por não ter enviado você para casa assim que descobriu que você estava aqui.

Elisabeth não se atreveu a replicar. Colin estava muito zangado. Além disso, ela mesma se revelara quando lhe contou que conhecia o duque há muito tempo. Nesse instante não podia se

retratar e lhe dizer que ele não a reconheceria e que por esse motivo não a enviara para casa.

Além disso, devia ao Harry o que acabava de acontecer e, embora uma parte dela queria se sentir envergonhada por ter chegado até o extremo de enganar Colin para que ele estivesse com ela, a outra parte, menos lícita, estava encantada de saber que conhecia sua paixão. De conhecer o prazer que podiam lhe oferecer suas carícias, seus beijos...

— Coloque a máscara. Não quero que ninguém saiba que você esteve aqui esta noite. Esperemos que ninguém mais a tenha reconhecido, — resolveu cortante.

Seguiram pelo passeio mais escuro até que chegaram à rua, cheia de carruagens com brasões que esperavam seus distintos donos. Colin a mantivera agarrada pela cintura durante o trajeto, preocupado de que ela tropeçasse e caísse, porém, soltou-a assim que chegaram à rua iluminada.

Colin procurou seu cocheiro e a ajudou a subir à carruagem.

Sentou-se em frente a ela, como se não desejasse tocá-la novamente, e não disse nada até que chegaram à casa de sua tia.

— Colin, sinto muito. Não pretendia... — Elisabeth se calou. O que podia lhe dizer, que não pretendia chegar tão longe, que não

fora até lá com o desejo rápido de falar com ele... De convencê-lo de que o amava.

Ele a olhou com uma expressão indecifrável no rosto.

— Será melhor que eu a acompanhe para dentro. Preciso falar com sua tia.

— Não acredito que...

— Não acredita que seja necessário, Elisabeth? Desonrei-a completamente. Seu irmão se levantaria da tumba para me matar se não fizesse o correto com você. — Ele se deteve alguns segundos para ordenar seus pensamentos. — Eu desejo fazer o correto.

Não deixou que ela replicasse ou se desculpasse outra vez. Desceu de um salto da carruagem e lhe estendeu a mão para ajudá-la a descer.

Apesar da hora, o mordomo abriu a porta, assim que pisaram no último degrau.

Amelia notara sua ausência e preocupada alertou o serviço e sua tia do desaparecimento de Elisabeth, que se lamentou, interiormente, por não ter colocado sua prima a par de seus planos. Entretanto, sabia que, se tivesse dito, Amelia a teria dissuadido, alegando que era uma loucura, e como sabia que sua prima teria razão, teria ficado. Atuara por sua própria conta e risco.

Fosse como fosse, dois minutos depois de ter entrado na mansão, os quatro estavam sentados no salão familiar de sua tia para que Colin as informasse que se casariam na próxima quarta-feira, na casa do duque de Bollingbroke.

— Quarta-feira? — Perguntou Elisabeth entre surpresa e desiludida.

Tampouco é que lhe tivesse dado tempo de pensar no que aconteceria, entretanto, assim que Colin anunciou seu compromisso, ela imaginara que ele duraria, ao menos, algumas semanas para que a alta sociedade os visse em público juntos, e sossegassem os rumores sobre o possível compromisso com seu irmão.

— Tem algum problema com a data?

— Por que não na sexta-feira da próxima semana? Não tenho nenhum vestido para me casar. Além disso, ninguém nos viu juntos. As pessoas vão pensar que nos casamos, tão apressadamente, porque aconteceu...

Elisabeth se calou assim que se deu conta do que estava dizendo e Colin teve a deferência de não fazer nenhum comentário a respeito.

— Não se preocupe com isso, o casamento vai ser o mais íntimo possível. Pouca gente vai vê-la vestida de noiva e quando souberem de nosso enlace qualquer rumor sobre você e meu irmão ficará relegado ao esquecimento.

A tia, embora temerosa decidiu intervir em favor de sua sobrinha, preocupada com o que um casamento apressado podia gerar entre os fofoqueiros da alta sociedade.

— Não acredito que alguns dias sejam um problema, milorde. Além disso, estamos em plena temporada.

— Sinto muito, milady, mas me mantenho firme em minha decisão. Será na quarta-feira, na casa de meu irmão. Boa noite — ele disse ao mesmo tempo em que se levantava.

— Amanhã pela tarde, o esperaremos milorde? Acredito que seria boa ideia se vissem Elisabeth passeando pelo seu braço. Apesar de tudo, somente a viram com o duque, — disse Amelia, ansiosa por ajudar sua amiga. E um pouco culpada pelo enredo que fora organizado nessa noite.

— Sinto muito, mas tenho a semana muito ocupada e não estarei livre até quarta-feira. Nos veremos no casamento. Depois haverá tempo de que nos vejam, juntos, em numerosas ocasiões.

Elisabeth aguentou o desprezo com dignidade e não disse nada.

Foi sua tia que deu o golpe final, quando finalmente ficaram as três sozinhas.

— Minha querida menina, ainda está em tempo de cancelar essa loucura de casamento, não acredito que vá ser feliz com um homem como esse.

— Mas tia, já sabe que eu...

— Prefiro vê-la desonrada a desventurada pela vida. Pouco me importa o que seu pai diga a respeito. A honra não serve de nada para uma mulher infeliz.

Elisabeth não teve coragem para corrigi-la. Seu protesto não era porque estivesse desonrada, mas, sim, porque o amava, embora ele não se importou de pedi-la em casamento.

Capítulo 11

— Você é um maldito canalha, — disse Colin assim que entrou no escritório de seu irmão que, de roupão, repassava alguns assuntos pendentes antes de ir à cama.

— Eu também me alegro de sua visita, irmão.

Harry se deu conta de que ele continuava vestido com o disfarce que usara no baile e temeu que algo grave tivesse acontecido.

— Como pode permitir, — gritou Colin do outro lado da escrivaninha.

— Talvez se me explicasse do que está falando poderia lhe dar minha versão do assunto, — comentou Harry, que embora fingisse ignorância era consciente ao que se referia seu irmão, e o temor de que tivesse acontecido algo que teria que lamentar se apoderou dele.

— De Elisabeth. Da festa de Wimsey. De Elisabeth vestida como uma cortesã.

— Será melhor que se sente e me explique bem. Não consigo seguir seu raciocínio. — Assinalou a cadeira em frente a sua

escrivaninha ao mesmo tempo em que se levantava para servir duas taças de brandy.

— Como se você não soubesse, — disse Colin, embora sua atitude beligerante parecia ter perdido força. — Eu o vi falando com ela. Não se atreva a negar.

— É verdade que a vi na festa e também é verdade que a vigiei até que me dei conta de que ela estava com você. Possivelmente você tenha razão e eu deveria tê-la metido em uma carruagem e tê-la enviado para casa, mas acreditei que você se ocuparia disso.

Colin aceitou a taça que seu irmão lhe estendia e a tomou de um só gole.

— Pois lamento lhe informar de que não fiz nada disso. Harry o olhou à espera de uma explicação.

— Vai ser meu padrinho nesta quarta-feira? — Ele perguntou com a voz calma

Harry se levantou tão rápido da cadeira que esta se derrubou atrás dele.

— Pelo amor de Deus, Colin. Está louco? Um duelo? Será que já não aprendeu que estes assuntos sempre terminam em desgraça? E se pode saber a quem você desafiou e por quê.

Colin se manteve em silêncio saboreando sua pequena vingança. Durante alguns segundos pensou em continuar calado, desforrando-se pelo acontecido no Vauxhall. Porém, sua consciência o impediu.

— Não estou lhe pedindo que seja este tipo de padrinho. Foi a vez de Harry beber a taça de brandy.

— Você vai se casar?

— Na quarta-feira, para ser exato. E se não se importa eu farei nesta casa.

— É também sua casa, já sabe.

— Obrigado. Não vai me perguntar com quem me caso?

— Acredito que tenho uma ligeira ideia de quem é a noiva. Deixe-me felicitá-lo por isso, — disse Harry estendendo a mão a seu irmão.

— Maravilhoso! — assentiu Colin. — Agora somente resta que o pai dela me conceda sua mão. Sem dúvida a parte mais fácil de todas, — comentou com certo sarcasmo — depois de ter lhe roubado a virtude.

Harry, que já suspeitava o que havia acontecido, teve a certeza nesse instante.

— Quer que eu o acompanhe para falar com o conde?

— Agradeço isso, mas será melhor que eu vá sozinho. Eu não gostaria que você se encontrasse sendo cúmplice de um assassinato.

Harry tratou de não sorrir ao notar que Colin voltara a ser o mesmo de sempre.

— Será melhor que se contenha ou seu matrimônio será um pesadelo.

— Quem lhe disse que não vá ser? — Perguntou Colin mais a si mesmo do que para seu irmão.

Entrar no escritório do conde de Waverly sempre fora para Colin um motivo pouco agradável. Quando menino era o lugar onde o conde os repreendia por sua má conduta, ou por sua falta de interesse em alguma matéria, e quando adulto as lembranças eram piores.

Contudo, nesta manhã era portador de boas notícias. Ou, seria, se não fosse porque estava certo de que o conde teria preferido ver sua filha casada com um comerciante do que com ele.

— O conde o receberá. — Anunciara o mordomo e Colin compreendera que, embora isolado da sociedade, seu velho tutor

estava a par de cada uma das intrigas que pululavam entre a alta sociedade.

O escritório do qual, quatro anos antes, havia saído com o coração destroçado, estava tal e como o recordava. Sentiu uma pena que não havia esperado sentir, ao comprovar que não se podia dizer o mesmo da pessoa que o ocupava.

O conde não se levantou para lhe estreitar a mão, por isso Colin não seguiu as regras da cortesia e tomou assento em frente ao conde antes de ser convidado a fazê-lo.

— Acredito que se recorda que o proibi, expressamente, de chamar a minha porta, — ele falou pela primeira vez, sem afastar o olhar dos papéis que estavam sobre a mesa e que, Colin tinha certeza, que ele nem sequer estava interessado neles.

— Assim é, entretanto, não só eu chamei como, além disso, você me permitiu entrar.

O velho elevou a cabeça para olhá-lo e Colin sentiu que ele o estava avaliando. Decidido a não mostrar debilidade sustentou o olhar, sem se deixar intimidar por seu antigo tutor.

— E a que se deve sua visita?

— Vim para pedir a mão de sua filha. O conde nem sequer piscou.

— Pensei que era seu irmão quem a estava cortejando.

— Pensou errado. É comigo com quem ela vai se casar, — ele anunciou possessivo.

— Prefiro seu irmão, — ele disse se levantando para servir uma taça, — não é que eu goste de vocês dois, mas se precisar escolher um Strafford fico com Harry, ele sempre foi mais sensato e formal.

— Que ele seja um duque não inclina a balança a seu favor, não é verdade? — Ele perguntou com malícia.

— Isso também.

Colin o observou beber. Quando não fazia mais que uma hora que as pessoas de bem tomaram o café da manhã, o conde estava se servindo de sua... terceira taça? Inexplicavelmente sentiu dó daquele homem que acabava de insultá-lo e de renegá-lo.

— É uma pena que não sirva de nada a quem você prefere. Minha visita é uma mera formalidade, Elisabeth e eu vamos nos casar nesta quarta-feira, na casa do meu irmão. É claro, você está convidado se deseja assistir, embora não seja imprescindível sua presença.

— Você é um descarado, sempre foi. Menos mal que foi Harry quem herdou o título, com você ele estaria cheio de infâmia.

— Como não tenho nada mais a dizer, retiro-me, — ele anunciou levantando-se.

— Ainda não lhe concedi a mão de minha filha.

— Como acabo de lhe dizer, esta visita é uma mera formalidade. Elisabeth deve se casar comigo. — O comentário velado supôs a primeira reação do conde, que atirou o copo vazio na parede em frente.

Colin supôs que não era a primeira vez que ele o fazia, porque nenhum lacaio, nem sequer o mordomo, se fez presente depois do estrondo.

— Suponho que esperará um bom dote.

— Supõe mal. Nem espero, nem necessito um dote. Sou perfeitamente capaz de manter Elisabeth sem necessidade de ajuda.

— Minha filha terá dote e você o aceitará. O que faça com ele é coisa sua. Nego-me que se fale disso nos salões. Você e seu irmão já mancharam bastante a honra de Elisabeth.

Colin mordeu a língua para não responder como ele merecia. Apesar de tudo ele era um homem mais velho, estava doente e seria seu sogro.

— Que assim seja, — ele assentiu.

O dote de Elisabeth seria guardado para seus futuros filhos. Não pensava em tocar em um centavo daquele dinheiro.

Colin o viu se aproximar novamente das bebidas e voltar a servir uma taça, que saboreou, tranquilamente, antes de responder.

— Assim é como atuam os Strafford: tomam o que desejam sem se importar a quem machucam com isso, — ele acusou. — Parece que sou o mais prejudicado por vocês... Um Strafford tirou meu filho, meu herdeiro, e agora rouba minha filha.

Colin apertou os dentes com tanta força que sentiu dor na mandíbula.

— Alegro-me que finalmente tenha aceito que Elisabeth vai ser minha esposa. Suponho que isso signifique que vamos contar com sua presença no casamento, embora, como já lhe disse antes, não é imprescindível nela. — E antes de escutar uma resposta ele deu a volta e partiu dali com a cabeça bem alta, e o humor pelo chão.

—

Capítulo 12

O dia do casamento chegou tão rápido que Elisabeth quase nem teve consciência de que sua vida mudaria, e não precisamente do modo como ela sonhara que mudaria.

A quarta-feira chegou e o frenesi das donzelas encarregadas de seus baús e da costureira que enfrentou o milagre que se supunha cortar e costurar um vestido de noiva, em quarenta e oito horas, não permitiu que Elisabeth entrasse em pânico.

De sua parte, Colin, tal e como prometeu, não foi visitá-la nos dias posteriores a seu compromisso. De fato, o anel lhe chegou através de seu futuro cunhado. Harry parecia tão desiludido quanto ela própria, quando lhe deu a formosa joia que pertencera à mãe de ambos. Uma esmeralda rodeada de brilhantes que Elisabeth acreditou ser um símbolo do que seria seu matrimônio: seus olhos verdes, sempre rodeados de lágrimas...

— Sinto muito, querida. Colin queria lhe trazer isso, mas está muito ocupado agora que precisa adequar seu lar para uma esposa.

Elisabeth lhe sorriu com afeto. Agradecida porque ele inventava uma desculpa para justificar o desinteresse do noivo. Mesmo assim, não lhe contestou. O modo como Colin se despediu

dela e como atuou durante o trajeto até a casa de sua tia, como se temesse voltar a tocá-la, alertou-a de que sua vida de sonho ao lado dele, não era mais que uma estúpida fantasia que nunca se tornaria realidade.

Preocupada com seu futuro Ihe escreveu várias notas, Ihe rogando que fosse vê-la, ou que a levasse para passear antes que o anúncio de suas iminentes bodas aparecesse no Time, porém Colin se desculpou alegando que o anúncio já aparecera e que estava muito ocupado para ir vê-la, por mais que o desejasse.

Assim, chegou o dia do enlace e o noivo, embora educado, não se mostrou nada mais que atento ou quando muito cortês. Ninguém, dos poucos convidados, cometeu o desatino de pensar que aquele era um matrimônio por amor.

O café da manhã das bodas foi tão magnífico quanto tudo o que o duque de Bollingbroke oferecia em sua casa, uma pena que os noivos não estivessem à altura de seu anfitrião, compareceram os amigos mais próximos que assistiram ao casamento essa manhã.

O único ponto destacável em dito café da manhã foi a inesperada presença do pai da noiva, que, contra todo prognóstico abandonou sua casa e seus entretenimentos para acompanhar sua

filha até o altar e inclusive soube se mostrar satisfeito com o acontecimento.

Tal presença e o aspecto do conde que, embora mais magro, se vestia impecável, serviram para sossegar temporariamente os rumores sobre sua má saúde. O que fez com que a noiva tivesse um motivo real para sorrir naquela manhã.

Para trás ficou a afrontosa aposta: se lady Elisabeth aceitaria o duque como marido, e se o conde permitiria dito enlace. Graças a uma inesperada aliada, lady Phillippa Clarendon, que ajudada por suas amigas se dedicou a expandir o rumor de que a aposta conseguira abrir os olhos de Colin, que estava há muito tempo apaixonado por Elisabeth e que, ao descobrir o interesse de seu irmão pela mesma dama, tomara a dianteira e a cortejara, ganhando assim seu amor.

Que o casamento tivesse sido celebrado na casa do duque deixava claro à alta sociedade que entre os dois irmãos não havia rancores e que Bollingbroke aceitara sua nova cunhada na família, com os braços abertos.

Elisabeth se perguntou se a atitude intransigente de Colin sobre quando e onde deviam ser celebradas as bodas havia sido para protegê-la de possíveis falatórios e se teria sido ele quem pediu à marquesa que lançasse o rumor de que era um matrimônio por amor. Entretanto, a ilusão durou pouco.

E não demorou para descobrir qual seria o lugar que ela ocuparia na vida de seu marido.

— Acompanharei você aos seus aposentos e deixarei que se instale. Mais tarde a senhora Smith, a ama de chaves, lhe mostrará a casa encantada — ofereceu Colin.

Uma vez que se despediram dos convidados e que chegaram à casa que Colin possuía em Brook Street, a somente algumas ruas da casa do duque, sua atitude com ela se tornou cortês, embora mais distante do que o habitual. Elisabeth compreendeu que já não havia testemunhas aos quais enganar.

— Meus aposentos? Não serão os mesmos que o seu? Colin parou na metade das escadas para olhá-la, obrigando-a a fazer o mesmo.

— Acreditei que o melhor para ambos seja que disponhamos de nossos próprios aposentos. Além disso, não deve se preocupar com nada. Esta casa me foi deixada por minha tia avó

lady Randall, por isso pode redecorar suas dependências do modo como desejar. De fato, pode redecorar a casa inteira se isso a fizer feliz. A única dependência que lhe peço que deixe de fora é meu estúdio, eu gosto dele, tal qual está.

— É claro, — ela assentiu com os dentes apertados pela raiva.

Estava lhe dando o lugar de senhora da casa, contudo, ele se recusava a lhe dar seu lugar como esposa.

— E aqui está seu dormitório, — disse Colin abrindo a porta.

Elisabeth ficou maravilhada pelo que estava a sua frente. Estava claro que o dormitório havia sido usado por uma mulher.

Tanto o tapete quanto as cortinas eram de um esmaecido cor rosa. A cama era enorme e presidia o aposento com seus quatro pilares cobertos de delicada gaze. Em uma lateral destacava-se a penteadeira, mais bonita e grandiosa que Elisabeth já vira, o espelho era tão grande que praticamente podia ver-se inteira.

A lareira estava acesa, o que dava um toque de calor ao dormitório. A mesa de chá e as poltronas eram tão delicadas e preciosas que Elisabeth soube, imediatamente, que deixaria o aposento conforme estava. Alegrava-se de que lady Randall tivesse tão bom gosto, a julgar pelo que vira até esse momento, assim

economizaria a tarefa de redecorar que, embora parecesse, à maioria dos homens pensava que era um trabalho que entretinha e alegrava às mulheres, lhe parecia estressante e incômodo ter que escolher entre uma infinidade de cores e tecidos.

Perguntou-se se o aposento de Colin seria tão bonito quanto o seu, o que a levou a se dar conta de que ela nem sequer sabia onde era.

— E onde está seu quarto? — Ela perguntou com tanto interesse quanto descaramento.

Colin nem sequer se alterou ao responder.

— Justamente ao lado. Aquela porta, — ele assinalou a parede da esquerda. — Conecta-se com meu dormitório. Estarei perto se por acaso você precisar de algo. Agora a deixarei sozinha para que se instale.

— Obrigada, marido.

Ele estava se afastando quando se voltou ao recordar que não lhe havia dito algo.

— Esta noite não jantarei com você, tenho coisas importantes a tratar, então jantarei em meu escritório. Se preferir pode pedir que lhe subam uma bandeja e coma aqui, — ele

ofereceu, consciente de que não conhecia os criados e que seria incômodo para ela jantar sozinha, no grande salão.

— Obrigada por me informar. Espero que possa solucionar os problemas que o impedem de cumprir com sua obrigação.

Ele iria dizer algo, mas se conteve a tempo, limitando-se a assentir com a cabeça e antes de Elisabeth pudesse reagir ele já havia abandonado o quarto.

Se deixou cair sobre a cama, muito esgotada para fazer algo mais que refletir sobre o que acabara de acontecer. Colin a notificara que não jantaria com ela, mas isso não incluía que não fosse visitá-la naquela noite. De fato, era sua noite de bodas, o momento com o qual todas as noivas sonhavam, embora ela não fosse uma noiva comum, já que havia desfrutado de uma noite especial, antes que um sacerdote benzesse sua união.

A ideia lhe deu forças renovadas.

Colin a visitaria, precisava vir, era a tradição. Tomaria um banho e pediria a sua donzela que tirasse sua camisola nova dos baús.

Demonstraria ao Colin que não só seria uma boa senhora, mas, sim, também intencionava ser uma esposa excelente.

Capítulo 13

— Não, Amelia. Não vai conseguir me convencer. Estou cansada de ser ignorada e estou farta de permanecer aqui, encerrada como se fosse um segredo que ele precisa esconder.

— Elisabeth, não pode comparecer sozinha a uma festa. As damas decentes não agem desse modo.

— Pode ser que as debutantes não façam, mas agora sou uma mulher casada e posso fazer o que eu desejar ou, ao menos, quase tudo o que eu desejar. Já vi que não posso ganhar nem o respeito, nem o amor de meu marido, mas tenho certeza de que posso comparecer a uma festa.

— Oh! querida. — Amelia se levantou de um salto e se aproximou da poltrona de sua amiga para abraçá-la.

Estavam sozinhas na salinha amarela da casa de Colin. Uma casa que Elisabeth ainda não sentia como sua. Pode ser que o serviço fosse amável, mas o desapego que viam em seu marido, repercutia no seu trato para com ela.

De fato, Elisabeth sempre estava sozinha.

Amelia fora visitá-la todos os dias desde que ao terceiro dia depois de seu casamento, recebeu uma nota para que fosse vê-la.

Amelia havia decidido esperar uma semana, para dar tempo a Elisabeth e a Colin, a se adaptarem a sua nova condição, entretanto, a chamada de sua amiga acelerou seus planos e lhe rompeu o coração.

Nem Elisabeth era tão feliz quanto ela imaginara, nem os Strafford eram tão honráveis quanto ela, erroneamente, havia acreditado.

— Não sei o que tenho feito de mal, — se lamentou Elisabeth.
— Acredito que guarda rancor por ter se visto obrigado a casar comigo.

Estavam casados a uma semana, e nesse tempo Elisabeth só vira seu marido em três ocasiões. E nenhuma delas foi em sua noite de bodas. Elisabeth o esperara durante horas e, quando, finalmente, se decidiu a buscá-lo ela mesma, e tentou abrir a porta que comunicava ambos os aposentos, comprovou com horror que a porta de seu marido estava fechada a chave.

A descoberta a deixara destroçada e envergonhada, em partes iguais. Colin se casara com ela por obrigação e não possuía nenhum interesse em tratá-la como a uma esposa. O absurdo engano que o havia forçado a se casar com ela, havia arruinado seu matrimônio, antes sequer que este começasse.

— Você não fez nada de mal. Não deve se preocupar com isso, — Amélia a tranquilizou.

— Sim, que o fiz, Amélia. Sim, eu o fiz. Fingi ser outra pessoa para que ele se deitasse comigo e quando o fez praticamente o obriguei a que fizesse o correto e se casasse comigo.

— Você não o obrigou a nada e tenho certeza de que tampouco o enganou. De verdade você acredita que ele não a reconheceu? Isso é impossível, Elisabeth. O duque a reconheceu assim que a viu, por que enganaria Colin se não conseguiu enganar o duque? Além disso, foi ele quem falou de beijos, não você.

— Isso é diferente, Harry sabia que eu estaria lá e Colin não. E se falou de beijos foi precisamente porque não sabia que era eu a mulher que estava a seu lado.

Amelia decidiu que o melhor era se dar por vencida nesse ponto. Porém, não pensava desistir no mais importante.

— Arrume-se para esta noite. Eu mesma a acompanharei à festa se for preciso.

Foi o primeiro sorriso de Elisabeth que Amelia vira em dias.

— Eu sou a mulher casada. Eu deveria ser sua acompanhante, não você a minha.

— Seja como for. Esta noite você não vai sozinha a nenhuma festa. Agora a deixo, tenho coisas a fazer. Virei mais tarde para acompanhá-la.

Amelia estava fervendo de raiva.

Estava tão alterada que nem sequer se importou que alguém pudesse vê-la plantada no meio da Grosvenor Square chamando às portas do duque de Bollingbroke.

Estava tão zangada que não se escondeu, nem sequer hesitou sobre o que devia fazer.

Chamou com força à porta e esperou impaciente para lhe gritar na cara tudo o que estava há dias, acumulando.

O mordomo teve a decência de reconhecê-la e de não se alterar por sua presença.

— Lady Amelia, por favor, me acompanhe. O duque ficará encantado de recebê-la — apontou Perkins, com descaramento.

— Suponho que o que quer dizer é que se alegrará de que nesta ocasião eu tenha usado a porta principal.

Perkins se deteve para olhá-la com admiração.

— Se me permitir o atrevimento milady, considero que seria você uma duquesa maravilhosa.

Amelia avermelhou até a raiz do cabelo, mas agradeceu o comentário com um sorriso.

— Obrigada, Perkins. Embora lhe asseguro que não aspiro a isso. Neste momento seu senhor não é precisamente do meu agrado.

— Precisamente por isso seria maravilhosa milady, precisamente por isso.

Continuaram andando até a porta do estúdio do duque. Antes que Amelia tivesse oportunidade de se arrepender, coisa que não faria, o mordomo golpeou à porta e anunciou sua presença.

A coragem que estava a ponto de lhe falhar retornou, com força, quando escutou o duque se queixar de seu pouco juízo e do pouco que lhe interessava sua reputação. Estava argumentando que, se a descobrissem, sob nenhum conceito se casaria com ela, quando Amelia afastou Perkins com uma cotovelada e entrou no estúdio.

— Você, asno insensível. Acredita que me importa minha reputação neste momento, ou que tenho algum interesse em me casar com alguém tão desumano e egoísta quanto você?

Harry fulminou Perkins com o olhar por ele se atrever a sorrir e lhe afastou dali com um gesto de mãos, sem deixar de apertar os dentes.

— Nesse caso milady, se tem tão claro que não se casaria comigo, nem sequer para salvar sua reputação, o que está fazendo novamente, em minha casa, sem acompanhante?

Amelia puxou uma respiração profunda antes de responder.

— Salvando a reputação de Elisabeth.

— Do que está falando? Sua prima está casada com meu irmão, sua reputação não está em perigo. A única que corre perigo é a sua.

— Seu irmão deixou que lado minha amiga completamente. Sai todas as noites sem ela e agora Elisabeth está tão destroçada que pretende comparecer à festa dos Collins, sem acompanhante.

— É uma mulher casada, não necessita de acompanhante. Amelia voltou a se alterar.

— Você é tão tolo quanto parece ou está tratando de me irritar? Elisabeth nunca foi vista com seu marido. Nem sequer foi vista depois de suas apressadas bodas. Esteve encerrada em casa enquanto Colin saiu a seu clube, montou a cavalo no Hyde Park e, definitivamente, manteve a vida de solteiro. Pode ser que Elisabeth

não vá se desonrar se sair sozinha esta noite, mas lhe asseguro que falarão dela se o fizer.

Harry compreendeu que se sentira tão vitorioso ao conseguir que Elisabeth e seu irmão contraíssem matrimônio que não parou para pensar se eram felizes.

— Estou completamente esgotada. Tem intenção de me deixar de pé toda a tarde ou talvez prefira que Perkins me jogue à rua, sem me permitir descansar?

— Desculpe meu tom anterior milady, sente-se, por favor, — ele ofereceu galante. Seu aborrecimento pela presença dela em sua casa havia ficado para trás, — não queria voltar a incomodá-la, mas por que uma donzela não a acompanha?

— Não costumo levar uma donzela para visitar minha prima. Nós vivemos somente a algumas ruas de distância.

— Deduzo então que vem da casa de meu irmão, — ele adivinhou com amabilidade.

Amelia assentiu.

Consciente de que havia muito que ele desconhecia, Harry tocou a campainha para chamar os criados e, quando apareceu o lacaio, pediu chá e bolos para a dama. Depois tomou assento em

frente a ela e aceitou o desafio que lhe foi lançado, tal e como faziam os Strafford.

— O que acredita que eu deveria fazer, Amelia? Acredito que depois de me chamar de tolo e asno insensível, ganhei o direito de chamá-la por seu nome de batismo. De fato, estou completamente seguro de que você ganhou o direito de me chamar de Harry.

— Eu não poderia, Excelência.

Harry riu com vontade.

— Você não quer que eu me sinta insultado, não é verdade, Amelia? Acha perfeitamente normal me chamar de tolo e asno, e tem um problema de usar meu nome?

— De acordo, Harry, acredito que você deveria acompanhar Elisabeth à festa esta noite. Desse modo, embora não seja com Colin, ela aparecerá acompanhada por alguém de sua família e qualquer rumor que pudesse aparecer se extinguirá imediatamente.

— Aceito com uma condição.

— Qual?

— Que você nos acompanhe. Você disse que o ideal é que ela compareça com alguém de sua família e você tem razão, por isso, acredito que você deva vir conosco. Sua presença suavizará o fato de que meu irmão não nos acompanhe.

— Você sabe que não sou realmente da família dela.

— Compartilham a mesma tia.

— Sei, mas não...

— Amelia, de verdade você sente que não é família de Elisabeth?

— Elisabeth é minha prima embora não tenhamos o mesmo sangue, — ela responde, chateada porque ele ganhara com tão poucos argumentos.

— Nesse caso, passaremos para buscá-la esta noite. Se não me equivocar, Perkins já pediu que preparem a carruagem para levá-la para casa. Termine o chá.

— Não se incomoda que seu mordomo tenha feito algo semelhante sem seu consentimento?

— Perkins já era o mordomo desta casa quando meu pai vivia. Sente-se no direito a fazer sua Santa vontade, e me evita o trabalho de fazê-lo. Além disso, gosta de você, e não posso culpá-lo por isso.

Amelia ficou rubra de prazer.

— Suponho que sabe que vivo nesta mesma rua.

— As damas não caminham sozinhas. Nem sequer alguns poucos metros até sua casa, — ele respondeu, decidido a ganhar a discussão.

Capítulo 14

Tal e como o duque esperara, Perkins solicitara a carruagem para que levasse lady Amelia para casa, contudo, uma vez ali, a jovem se deu conta de que não havia informado Elisabeth da mudança de planos, por isso chamou Mary, sua donzela, e se dispôs a sair outra vez.

Colin não havia retornado, nem deixara claras suas intenções, por isso Elisabeth se mostrou encantada, assim que soube que seu cunhado decidira escoltá-las essa noite na festa.

— Vamos precisar estar perfeitas. Acima de tudo, Harry é um duque e deve causar boa impressão. — Ela ficou pensativa por alguns segundos, — Acredito que seria uma boa ideia pedir a Riona que lhe penteasse. Já sabe quão delicadas são as mãos dela.

— Elisabeth, não acredito que seja uma boa ideia, — se queixou Amélia, — eu gosto de meu cabelo como ele está.

— Não, você não gosta. Conheço-a.

— É prático e deste modo não se despenteia. Tenho o cabelo muito encaracolado para que dure algum penteado.

— Isso é um exagero. Além disso, o cabelo que usa é aborrecido e não lhe senta bem. Por outro lado, estou tão deprimida

que a única coisa que me alegraria um pouco seria mudar seu cabelo e, talvez, lhe emprestar um de meus vestidos para esta noite.

Amelia suspirou, exageradamente.

— Você é uma manipuladora. Não posso acreditar que eu esteja fazendo isto.

— Que problema há em desejar que minha prima fique formosa? Amelia, esta noite vamos ser o centro das atenções, queiramos ou não. Minhas apressadas bodas, e o estilo de vida de meu marido vão fazer com que nos olhem com lupa. Só desejo que se sinta cômoda. — E acrescentou com um sorriso travesso: — tenho certeza de que seu amor secreto vai ficar pasmo, quando a vir com o cabelo diferente.

— Não tenho certeza de que ele se dê conta.

— Pode ter certeza de que o fará.

— Tia Margareth não sabe que estou aqui. Talvez eu possa lhe enviar uma nota e lhe dizer que me trocarei aqui, — ela finalmente aceitou.

Elisabeth deu um saltito de alegria.

— Oh! Amelia. Vamos deixá-la maravilhosa, já o verá. Vamos a meu vestidor para que escolha o que vai usar. Mary o arrumará

para que fique perfeito e Riona a penteará. Esta noite não vai parar de dançar.

E antes que pudesse hesitar em sua decisão, sua prima já tinha saído pela porta chamando as donzelas.

— O duque chegou — anunciou com formalidade Hobson, o mordomo de Colin. Que não tinha nada a ver com Perkins. Era tão empertigado e formal que Elisabeth se sentia intimidada por ele.

— Obrigada, Hobson. Por favor, faça-o passar a salinha amarela e lhe ofereça um licor. Nós descenderemos em alguns minutos.

— Como desejar milady.

Assim que o mordomo se retirou, Elisabeth retornou sua atenção a Amelia.

Sua prima estava linda. Usava um vestido verde de Elisabeth que acentuava sua pele sedosa e o vermelho de seu cabelo. Um cabelo que estava recolhido sobre a cabeça e do qual escapavam alguns cachos sedosos, nas têmporas e na parte posterior do pescoço.

Riona elogiara a textura de seu cabelo. Seus cachos naturais eram grandes e manejáveis. Perfeitos para qualquer penteado que

desejasse fazer. Por tudo isso, Elisabeth a obrigara a prometer que não voltaria a se pentear como antes, e Amelia estava tão preocupada com ela que teria aceito qualquer coisa que a fizesse feliz.

O vestido era mais recatado do que se usava nessa temporada, mesmo assim, era muito mais atrevido do que qualquer um dos vestidos marrons de Amelia.

— Descemos? Já o fizemos esperar o suficiente.

Amelia assentiu, não muito segura de que a voz não fosse falhar pelo nervosismo.

— Está linda.

— Sinto-me exposta. Elisabeth sorriu.

— Não acredita que já é tempo de que a alta sociedade veja a quão maravilhosa você é por dentro e por fora?

— Talvez seja tempo, sim, — Amelia riu. — Está claro que não me faço mais jovem a cada temporada.

Elisabeth piscou, surpresa.

— Isso quer dizer que vai procurar um marido?

— Você já está casada. Suponho que é o momento de pensar em mim. Embora não sei se encontrarei algum cavalheiro disposto a se casar comigo.

Elisabeth a abraçou com afeto.

— Você é linda e uma mulher maravilhosa, qualquer cavalheiro se sentiria honrado de ser seu marido, mas..., mas e seu amor secreto?

— Não acredito que esteja interessado nem em mim, nem no matrimônio. Suponho que terei que me abrir para novas possibilidades, — ela disse com um sorriso que não lhe chegou aos olhos.

— Essa é a atitude.

Harry saboreava uma taça de brandy quando as damas entraram na sala. Elisabeth estava muito bela, como sempre, porém, sua atenção se centrou na bela dama ruiva que a acompanhava. Não se recordava de tê-la visto, possivelmente era uma convidada de sua cunhada... se engasgou com o último gole, quando compreendeu que a dama em questão era lady Amelia. Embora na realidade não fosse a lady Amelia que ele conhecia, a mesma que esta tarde lhe colocara em seu lugar. Esta lady Amelia era formosa e tentadora, e possuía o cabelo mais brilhante e magnífico que ele já vira. Harry se perguntou onde ela o estivera

escondendo já que, precisamente, o cabelo era algo realmente difícil de ocultar.

— Sou o homem mais afortunado de toda a Inglaterra, vou acompanhado pelas duas damas mais formosas da ilha. — Fez uma exagerada reverência e tomou a mão de Elisabeth. — Cunhada, está linda. — Beijou sua mão e a soltou para fazer o mesmo com Amelia. — E você, milady, não tive o prazer de conhecê-la. — Amelia e Elisabeth riram com a brincadeira.

— Não é verdade que ela está linda, Harry?

— Amelia, está muito formosa. Vou precisar protegê-la de todos os cavalheiros desta noite. De fato, tenho certeza de que vou passar a noite vigiando a todos os que estarão interessados em vocês duas.

— Que galante você é, Harry. Uma pena que... — Ela se deteve antes de continuar.

Amelia lhe acariciou as costas com afeto.

— Não sei por que, mas esta noite eu gostaria muito de dançar — anunciou Amelia, desejando afastar o interesse de Elisabeth das lembranças dolorosas.

— Nesse caso, me reserve a primeira valsa e talvez a última, — pediu Harry.

— Será um prazer, Excelência.

Elisabeth sorriu. Ao menos possuía um motivo para se sentir feliz nessa noite. E, talvez, também uma nova meta.

Meia hora depois de que saíram para a festa, Colin fez ato de presença em sua casa. Ele jantara no clube e, ao ver como seus amigos se retiravam cedo para acompanhar suas esposas ao baile dessa noite, sentiu-se culpado por ter descuidado, durante tanto tempo, seus deveres de marido e decidiu voltar para casa com a esperança de que Elisabeth desejasse sair essa noite.

Sua esposa merecia que ele a respeitasse, que a levasse em conta. Lucien lhe teria dado uma boa surra se tivesse visto o modo como ele havia tratado sua irmã depois do casamento. Por isso, ele deixou Torrington no clube e se encaminhou para sua casa, disposto a se redimir diante dela e lhe oferecer sua companhia.

Se Elisabeth desejasse, ele a levaria a festa e se não se sentia com vontade de sair, ele lhe pediria que o acompanhasse com uma taça e conversariam. De fato, estava mais que disposto a se desculpar com ela por seu lamentável comportamento no Vauxhall, e depois.

Contudo, quando chegou em casa, Hobson lhe informou que sua esposa saíra com seu irmão e com lady Amelia. Os três tinham intenção de comparecer à festa que os Collins celebravam essa noite.

Mais chateado e ciumento do que jamais esperaria, gritou chamando Sterling, seu ajudante de câmara, para que lhe preparasse uma roupa adequada. Não tinha intenção de perder aquela festa sob nenhuma hipótese.

Capítulo 15

A primeira coisa que Colin viu quando entrou no salão de baile foi sua esposa rodeada de admiradores e Harry, que deveria estar protegendo-a de cuidados indesejados, já que se elegeu seu guardião ao acompanhá-la, estava dançando com uma bonita ruiva vestida de verde.

Centrou toda sua atenção em sua mulher. Ela estava muito bela vestida de azul escuro, com o cabelo recolhido em um elaborado coque de onde alguns rebeldes cachos escaparam e estavam acariciando sua nuca. A raiva e o ciúme, fez com que se visse obrigado a parar, para se tranquilizar.

Harry a levava ao baile para desfazer-se dela em favor da mulher com a qual dançava tão alegremente. Sentiu desejo de enfrenta-lo, mas o pouco juízo que restara nesse instante, o obrigou a aceitar que Harry jamais a teria deixado sozinha se não tivesse considerado que ela ficaria bem.

Entretanto, tomou nota mental da conversa que manteria com seu irmão assim que tivesse oportunidade.

Entretanto, nesse instante, a única coisa com a qual devia se preocupar era com sua esposa e com o grupo de libertinos que

estavam a seu lado brigando por sua atenção.

Embora Elisabeth sempre tivesse contado com um nutrido grupo de admiradores, agora que estava casada, dito grupo se ampliou. Antes de seu matrimônio tinha sido uma beleza vetada, muito pura para ser corrompida. Ao contrário, o matrimônio a colocara no castiçal. Os libertinos não se interessavam pelas debutantes, porém as mulheres casadas e belas eram um estímulo para muitos deles.

— Boa noite, esposa. Cavalheiros, — saudou Colin, inclinando-se para beijar a mão enluvada de Elisabeth.

Notou a surpresa nela. Seu corpo ficou ligeiramente tenso. Não o bastante para que os que estavam a seu redor o notassem, mas sim o justo para que ele o sentisse, ao tomar sua mão.

— Boa noite, marido.

— Espero que meu irmão tenha cumprido sua promessa e tenha acompanhando-a esta noite, — ele apontou, querendo evitar comentários a respeito de sua ausência.

Que não a tivesse acompanhado antes, já teria despertado o interesse das fofoqueiras, de modo que não podia permitir que falassem de seu desinteresse por ela. Precisava proteger Elisabeth de falatórios que pudessem machucá-la.

Já descobrir em primeira mão a dor que lhe causava quando falavam de seu pai e não estava disposto a ver aquela dor em seu rosto, nunca mais.

— Assim foi, — ela lhe disse sorrindo. — Por sua presença aqui esta noite deduzo que conseguiu resolver os problemas que o atrasaram, — ela seguiu o jogo.

— É claro, querida. Obrigado por sua paciência. Quer dançar? Acredito que vai começar uma valsa.

Ela sorriu com fingida tristeza.

— Sinto muito querido, mas prometi a seguinte peça para lorde Huxley, — ela disse olhando para um dos cavalheiros a seu lado, que se enrijeceu consciente da atitude intimidatória do marido, que não estava disposto a se deixar abandonar.

Colin sorriu com malícia.

— Tenho certeza de que entenderá que eu tome seu posto. Afinal, estamos recém-casados.

O aludido assentiu, obrigado a aceitar a derrota.

— É claro, Strafford.

— Cavalheiros, — ele se despediu oferecendo o braço para Elisabeth.

— Se nos desculparem, — se despediu ela.

Sem dizer uma palavra mais, levou-a até o centro da pista de dança e antes que pudesse assimilar o que havia acontecido ela se encontrou entre seus braços. Era a primeira vez que dançava com Colin. Nunca antes o fizera, nem sequer quando menina, quando o professor de dança a torturava para que aprendesse os passos das diferentes danças e a repreendia cada vez que cometia um engano, por pequeno que fosse.

Então sempre saía da sala para pedir a seu irmão que fosse seu par e, nesses instantes, Lucien sempre se mostrava paciente e carinhoso com ela. Em muitas dessas ocasiões seu irmão estava com Colin ou com Harry e quando Lucien se cansava de dar voltas sem parar, sempre era Harry quem tomava seu posto e a ajudava com a contradança e o minueto, nunca Colin. Ele sempre se mantinha afastado dela para que ela não pudesse pedir-lhe.

Elisabeth jamais se atreveu a lhe perguntar o motivo de que não quisesse dançar com ela e, anos depois, de um modo ou de outro, encontrava-se casada com ele e desfrutando de um momento que todo casal aproveitava durante um cortejo do qual ela nunca desfrutou.

Deu-se conta de que Colin não havia dito uma só palavra desde que deixaram o grupo, por isso decidiu a romper, ela mesma o silêncio.

— Por que você veio esta noite?

— Talvez vim porque ao chegar a casa soube que minha esposa tinha saído sem me avisar.

— Não sabia que teria que lhe pedir permissão, — comentou, procurando incomodá-lo. — Além disso, eu estava com Harry.

Apesar de tudo ela estava zangada. Possuía motivos para estar. Ele não só não a cortejara, mas, também a ignorava completamente. Com total segurança o motivo pelo qual fora buscá-la era porque desejava evitar falatórios. Sua família era tão antiga e respeitada quanto a de Elisabeth, ambos haviam sido educados para seguir as normas. Ele não fora por ela, mas sim pelo que diriam.

Pode ser que até lhe guardasse rancor. Pode ser que sua intenção ao comparecer à festa de máscaras, não fosse lhe pescar com enganos, mas, mesmo assim, ele sentira desse modo e a estava fazendo pagar por isso.

— Não precisa me pedir permissão, mas, sim, eu teria agradecido que me informasse que pensava em deixar que meu

irmão a escoltasse esta noite.

— Não foi minha ideia. Amelia sugeriu e me pareceu bem. Colin procurou o duque com o olhar e o viu acompanhando à mesma dama vestida de verde até a mesa das bebidas.

— Quem é a mulher que dançava com Harry? — Ele perguntou com curiosidade.

— Amelia.

Colin perdeu o pé pela surpresa, mas se recuperou rapidamente.

Elisabeth assentiu.

— Podemos voltar para nossa conversa anterior? Eu gostaria muito de saber o que é que posso fazer sem precisar lhe pedir permissão.

— Pode fazer o que desejar sempre e quando me respeitar, e a nosso matrimônio. A única coisa que lhe peço é que gostaria de ser informado de seus planos.

— Se passasse mais tempo em casa conheceria perfeitamente meus planos. — Ela mordeu a língua para não fazer o comentário malicioso sobre seu matrimônio que estava em sua cabeça.

Ele suspirou cansado.

— Não desejo discutir. Na realidade quero mais... Eu... — Se deteve um instante para ordenar seus pensamentos. — Desejo que fiquemos bem.

Ela o olhou fixamente. Inclusive à luz das velas ele conseguiu ver que seus olhos eram extremamente brilhantes, intensos... Colin não soube dizer se eram lágrimas contidas ou puro fogo o que os faziam brilhar.

Conteve o fôlego admirado pela beleza de sua esposa.

— Isso eu posso fazer, — ela disse. — De fato, alegro-me de que haja alguma coisa com a qual posso lhe agradar.

E essas foram as últimas palavras que ela pronunciou em toda a noite.

Capítulo 16

Na noite do baile ao qual ela fora escoltada por seu cunhado, Colin se preocupara de lhe perguntar por seus planos, porém, não se propusera a acompanhá-la em nenhuma das noites nas quais voltou a sair com Harry e Amelia.

Durante as três festas posteriores se deparou com ele, ao chegar à festa que escolhera comparecer. Mas não se permitiu criar ilusões equivocadas sobre o motivo da presença dele ali, visto que conhecia o motivo, abafar qualquer falação que pudesse se iniciar, se ela continuasse comparecendo com seu cunhado, aos bailes da temporada.

Apesar de tudo, seu falso cortejo havia chegado até o livro de apostas mais famoso de toda a Inglaterra.

Para levar a farsa a bom termo dançou com seu marido em duas ocasiões, permitiu que ele a escoltasse para jantar e inclusive partiu para casa com ele. Entretanto, tais gestos não foram mais que pantomimas destinadas àqueles que tão interessados pareciam por seu matrimônio. Colin não mudou sua atitude de fria cortesia para com ela.

Devia ter decidido que já completara a farsa com a sociedade, quando não apareceu na quarta noite e como tampouco o fez na seguinte.

Tampouco mudou seus hábitos. Continuou saindo para seu clube, trabalhando pelas manhãs e ignorando a presença dela, tudo o que lhe permitia a cortesia. Em nenhum momento bateu à porta de seus aposentos e quando coincidiram na sala de refeições se limitava a ler o periódico, ou a comer em forçado silêncio.

Elisabeth estava, completamente, destroçada e tão desesperada que quando chegou à mansão o convite para as bodas de lady Sarah e o marquês de Rochdale, não pensou duas vezes e escreveu uma nota a seu cunhado para pedir que ele a levasse com ele.

Nem sequer se importou que a noiva fosse um de seus piores pesadelos. Nem que semanas antes, a tivesse visto beijando aquele que depois de alguns dias seria seu marido.

Só tinha em mente a ideia de se afastar de Colin. Da dor que sua indiferença estava lhe provocando. Se não estivessem na mesma casa não se sentiria menosprezada e abandonada pelo homem que jurara diante de Deus honrá-la, amá-la e respeitá-la.

Por sua culpa ela passava as noites acordada, atenta a qualquer ruído que a alertasse de que ele se encontrava em seus aposentos. Sentia seu coração se acelerar quando o som se aproximava, temerosa e ansiosa, de que enfim ele desse o passo e a procurasse.

Tivera que se controlar em muitas ocasiões para não tentar abrir novamente a porta que separava os dormitórios de ambos.

E o fez, porque era mais suportável acreditar que, possivelmente, Colin a teria aberto, do que ter a certeza de que permanecia fechada para ela.

Consciente da situação em que Elisabeth vivia, Harry não manteve durante muito tempo sua negativa de levá-la com ele. De algum modo retorcido, provocado pelo alto valor moral do duque, ele se sentia culpado da situação em que sua cunhada se encontrava, e, esta, sabedora disso, não tivera escrúpulos em deixar seu cunhado ver quanto magoada e triste ela se sentia pelo abandono de seu irmão.

Sua artimanha teve o êxito desejado e, duas horas mais tarde, Elisabeth e Amelia acompanhavam Harry em sua carruagem a caminho de Challinor House, em Kent, o imóvel familiar onde teria

lugar o enlace entre sua mais famosa inimiga e o homem ao qual obrigara a beijá-la, tão somente algumas semanas antes.

Elisabeth se manteve calada durante o trajeto, perdida em seus próprios pensamentos.

Não era uma mulher invejosa, porém, que lady Sarah fosse desfrutar das bodas que a ela fora negado, lhe doía como o demônio. Porque não só desfrutaria de um matrimônio no qual a acompanhariam sua família e amigos, mas sim, além disso, era um enlace por amor. Nesse instante, compreendia o aborrecimento dela, na noite da festa em que a viu beijando o marquês. Ela se mostrou tão raivosa porque estava apaixonada pelo marquês e, ao final, se casaria com ele e teria um lindo casamento no campo, com centenas de convidados.

— Lizzie, encontra-se bem? Está muito calada, — perguntou Amelia, tirando-a de repente de seus pensamentos.

Virou-se para olhar sua prima e esboçou um sorriso.

— Perfeitamente, obrigada.

— Já quase chegamos, — anunciou Harry. — Deixou uma nota ao Colin, tal e como lhe pedi? Não queria que ele se preocupasse com sua ausência.

Elisabeth o olhou diretamente aos olhos.

— É claro que a deixei. Tal e como bem diz, não podemos permitir que ele sofra por minha culpa.

Harry vacilou um instante.

— Deveria ter esperado e comparecer com ele ao enlace, — ele se lamentou. Não muito seguro de como se sentiria seu irmão de que ele tivesse acompanhado sua esposa ao enlace.

— Colin não vai comparecer, Harry. Não se preocupe com isso. Meu marido tem seus próprios planos e você deveria saber que eu não entro em nenhum deles.

— Por que está tão segura de que ele não vai comparecer?

— Perguntou Amelia, liberando o duque de fazer a pergunta. Elisabeth passeou o olhar por ambos. Sua expressão era serena, mas firme.

— É evidente que meu marido não gosta dos casamentos. Nem sequer teve um como Deus manda.

Tal afirmação sossegou o duque e sua prima e se viu livre de perguntas, o que lhe permitiu voltar a concentrar-se em seus pensamentos.

Challinor House era um imóvel extraordinário e, apesar de seu temor, lady Violet, a mãe da noiva, e lady Arabella, a duquesa, receberam-na com muita amabilidade e afeto. Elisabeth tinha

consciência de que tão afetuoso trato se devia a Harry, porém, se sentia com tanta falta de calor humano que agradeceu o gesto com total sinceridade.

Depois das saudações de rigor e depois de lhes oferecer um refresco, Amélia, Harry e ela mesma foram acompanhados a seus aposentos, na ala familiar.

Apesar de que a viagem não havia sido muito longa, Elisabeth sentia que precisava sair, deixou Riona desfazendo sua bagagem e decidiu explorar os maravilhosos jardins que vira ao chegar.

Não se deparou com mais convidados pelo caminho, o que lhe permitiu relaxar e liberar a tensão acumulada, sem testemunhas. Caminhou sozinha e parou quando assim desejou, para cheirar as rosas e as flores desconhecidas que viu em seu passeio.

Surpreendeu-se ao encontrar com lady Sarah na parte mais afastada do jardim principal, sentada em um banco de madeira e rodeada de peônias. Parecia pensativa, preocupada, e uma sensação nova de solidariedade se instalou em seu peito, surpreendendo a si mesma. Também havia escolhido essa área, porque desejava estar sozinha, embora fosse por alguns minutos, e embora agradecesse o afeto de Harry e seu interesse por seu estado de ânimo, a cada gesto lhe recordava que não era ele quem

deveria estar atento a suas necessidades, mas, sim, seu marido, embora marido só fosse um título honorífico.

O afeto e a preocupação de Amelia tampouco ajudavam a que se sentisse melhor...

Sentindo-se um pouco culpada pelo que sempre foi sua relação com lady Sarah decidiu lhe falar para fazê-la notar sua presença. Sentia-se um pouco intrusa, invadindo seu espaço.

— Boa tarde, lady Sarah.

A moça deu um salto e se voltou para ver quem havia falado e, ao ver sua interlocutora, levantou-se de onde estava sentada.

Sua expressão foi uma mescla de surpresa, desalento e ira que divertiu Elisabeth. Finalmente se deparava com alguém a quem não se importava de dizer o que pensava, ou mais concretamente de mostrá-lo.

— O que faz você aqui? — Ela perguntou por fim.

— Dou um passeio.

— O que faz você em minha casa? — Ela insistiu.

— Oh!! Vim para seu casamento. Você me convidou. A loira pareceu estar confusa por alguns instantes.

— Eu não... oh! Oh!

Elisabeth esperou que ela ordenasse seus pensamentos.

— É verdade, agora você é lady Strafford. Contou-me minha mãe faz alguns dias.

— Sim, suponho que sou.

A expressão confusa de Sarah voltou a fazer Elisabeth sorrir. Resultava curioso que a única pessoa que a tivesse feito sorrir nos últimos dias fosse uma que, aparentemente, havia detestado por toda sua vida.

— Supõe? — Ela perguntou com tanta doçura e preocupação na voz que as defesas que com tanta firmeza Elisabeth tinha erguido, se foi, junto com a rivalidade, deixando-a completamente exposta diante de sua inimizade.

— É uma longa história.

— Tenho tempo, — ofereceu Sarah.

— Eu não gosto que tenham pena de mim, — disse à defensiva.

Lady Sarah riu. Soltou uma gargalhada tão sincera que Elisabeth se arrependeu de tê-la julgado mal.

— Você nunca me inspirou pena, Elisabeth. Raiva, rancor, aborrecimento e possivelmente um pouco de ciúmes sim, mas pena... não. Pena nunca.

— Ciúmes?

— É claro. Eu a vi beijando aquele que vai ser meu marido, — expôs ela sem rodeios.

— Na realidade eu o obriguei a fazê-lo. Ele não queria. Fui eu.

Sarah abriu os olhos de um modo exagerado.

— Colin estava me espionando e quis lhe dar uma lição.

— Isso sim que eu não esperava, — anunciou Sarah voltando a tomar assento no banco.

— Já lhe disse que é uma longa história.

— Maravilhoso! Tenho tempo. Só me caso dentro de alguns dias, — ela disse ao mesmo tempo que assinalava o lugar vazio a seu lado no banco. — Além disso, não me viria mal um conselho de uma recém-casada.

Elisabeth se sentou, tal e como fora pedido.

— Nesse caso, acredito que deveria perguntar para outra pessoa.

Retornaram juntas à casa, sorrindo e falando como se fossem amigas de toda a vida. E, embora realmente se conhecessem desde sempre, jamais antes se preocuparam em tentar se tornar íntimas.

Os juízos que cada uma possuía da outra haviam interferido no que poderia ter sido uma bonita amizade. Apesar de tudo, as duas queriam profunda e sinceramente à mesma pessoa, Harry Strafford, duque de Bollingbroke.

— Vai ter uma cerimônia linda, — se despediu Elisabeth ao chegar ao pé da escada.

— Preferiria ter um casamento maravilhoso. A cerimônia é o de menos, — comentou Sarah consciente do que Elisabeth sentira ao não desfrutar de uma cerimônia mais elaborada. — Preciso falar com Charlie. Verei você no jantar.

— É claro, — assentiu sua nova e inesperada amiga, que partiu para seus aposentos pensando em pedir um banho que a relaxasse da tensão da viagem.

Capítulo 17

Sarah estranhou ao se aproximar do escritório de seu irmão e escutar várias vozes masculinas. Os únicos convidados que haviam chegado eram as primas de sua mãe, a irmã de Arabella e os meninos. O cunhado de Arabella e outros convidados chegariam no dia seguinte e, é claro, Harry, quem chegara acompanhando lady Elisabeth e a uma transformadíssima lady Amelia.

Apesar disso, escutavam-se duas vozes claramente masculinas, além da de seu irmão. Sentiu que as pernas começavam a tremer e se agarrou a maçaneta da porta para não cair. Certamente a terceira voz era a de Matthew, embora não conseguisse distingui-la através da grossa porta de carvalho, mas quem mais poderia ser?

Consciente de quão estúpida parecia se endireitou, respirou profundamente e chamou brandamente à porta. Apesar de tudo, desejava falar com seu irmão, muito antes de saber que seu prometido havia voltado.

A voz do Charlie a convidou a entrar.

Deu uma nova respirada profunda e abriu a porta. Ficou parada na soleira. Efetivamente, havia três cavalheiros no recinto. Um deles era seu irmão e, como adivinhara, Harry também estava ali, somente que o terceiro não era Matt, seu prometido, mas, sim, lorde Colin Strafford, o marido de Elisabeth.

Colin deveria estar acostumado a chegar em sua casa em Londres e encontrá-la deserta e sem rastro de sua esposa, porém, não conseguira. Nas poucas duas semanas que fazia que se casou com Elisabeth ele se tornou muito mais protetor com ela. Toda noite se aproximava da porta que separava seus dormitórios para assegurar-se de que sua esposa dormia placidamente.

Em todo esse tempo não se atreveu a entrar, sabedor de que não conseguiria se conter com ela tão perto. Por isso saía todas as noites depois de seu casamento. Primeiro ele optara por jantar no clube e jogar às cartas com Torrington. Entretanto, depois da saída de Elisabeth com Harry, sua paz fugira e sem ter consciência disso, se viu obrigado a sair cada noite para assegurar-se de que Elisabeth não seria incomodada pelos libertinos que a pretendiam como as abelhas ao mel.

Ainda estava muito ressentido para tentar falar com ela do acontecido no Vauxhall. Precisava de tempo para organizar seus pensamentos e precisava de espaço para chegar a ela, sem a voracidade com a qual a atacara na noite do baile de máscaras. Ainda se sentia envergonhado pelo modo como lhe roubara a virtude.

Por algum motivo e apesar de todas as razões que apresentava a si mesmo para se manter afastado dela, assim que chegou à casa e soube que sua esposa tornara a deixá-lo, para comparecer a um casamento no campo, demorou apenas dois segundos para se decidir a segui-la. E o motivo não era o que dava a si mesmo, que lhe preocupavam as falações da alta sociedade, o motivo era que, embora separados por uma porta fechada, queria ter Elisabeth o mais perto possível.

Chegou ao Challinor House pouco antes da hora do jantar e foi convidado, imediatamente, para tomar uma taça de brandy no escritório de Charles Danvers, duque de Whitmore. Não se surpreendeu quando o acompanharam até o que seria seu dormitório durante sua estadia e se encontrou ali com Riona, acomodando a roupa de sua senhora. Apesar de tudo, aconteceria ali um casamento e os dormitórios precisavam acolher a todos os

convidados. Por isso os casais precisariam compartilhar o quarto, embora poucos deles o fizessem em seus próprios lares.

Não soube se ficava alegre por isso ou se preocupava. Decidiu que podia fazê-lo. Era perfeitamente capaz de dormir junto a sua esposa e não assediá-la durante a noite.

Sim, podia fazê-lo.

— Riona, retire-se, por favor. Preciso me trocar e peça ao Sterling que venha.

— É claro, milorde.

A criada saiu dali a toda pressa. Ainda não fechara a porta do quarto quando apareceu seu ajudante de câmara.

— Excelente, Sterling. Tão oportuno como sempre. Preciso me trocar, estão me esperando.

Esteve a ponto de amaldiçoar em voz alta quando ao entrar no escritório de Whitmore se deparou com o sorriso malicioso de seu irmão. Certamente Harry esperara que ele fizesse exatamente o que fizera, correr atrás de sua fugitiva esposa.

Inclusive seria possível que tivesse sido ideia dele que Elisabeth lhe tivesse deixado uma nota tão direta sobre suas

intenções. Elisabeth teria se limitado a informar ao mordomo, de seu destino, enquanto que seu irmão, o duque, o irrepreensível membro do parlamento, teria insistido para que ela deixasse por escrito para onde iria e com quem estaria.

— Boa tarde, Whitmore, — ele saudou. — Harry.

— Irmão.

O duque sorriu ante o intercâmbio fraternal. Conhecia ambos há muitos anos e sabia de primeira mão que eram muito unidos, porém, a atitude de Colin deixava a entender que ele estava profundamente chateado com seu irmão e, ou muito se equivocava, ou conhecia a razão de tal distanciamento.

— Colin, tome uma taça de madeira conosco. O jantar estará pronto em meia hora, — ele ofereceu aproximando-se do carrinho das bebidas para servir uma taça ao recém-chegado.

— Obrigado, Whitmore, — ele aceitou a taça que lhe era estendida.

— E me diga Harry, como é que está aqui em vez de passeando com as damas?

— As damas estão se arrumando para o jantar, Colin.

— É claro. Esse é o motivo de que não esteja acompanhando nem a minha esposa, nem a sua prima.

O duque de Whitmore teve o bom tino de não se meter na conversa.

— Assim é.

Colin estava a ponto de replicar, magoado porque seu irmão se mostrou tão comedido, quando chamaram brandamente à porta.

Charles se levantou e convidou a entrar o recém-chegado. Nesse instante a porta foi aberta e uma bela dama de cabelo dourado e olhos azuis apareceu por ela.

Tanto Colin quanto Harry se levantaram ao vê-la. Ela ficou parada alguns segundos antes de reagir.

— Desculpem a interrupção, cavalheiros, — ela se desculpou.

— Precisa de algo, Sarah? — Perguntou seu irmão.

— Desejava falar com você, Charlie, mas agora vejo que está ocupado. Que tal amanhã pela manhã?

— Pode ser agora, se for importante, — ofereceu seu irmão, — eles entenderão perfeitamente, — acrescentou olhando para seus convidados.

Tanto Harry quanto Colin assentiram.

— Não será necessário. Amanhã estará perfeito. Obrigada. — Inclinou-se ligeiramente. — Cavalheiros, vejo-os no jantar.

Capítulo 18

Elisabeth tratou de dissimular sua surpresa quando ao descer para o salão se deparou com a inesperada presença de seu marido em Challinor House. Perfeitamente vestido com um impecável traje negro e seu atraente sorriso.

Sua agradável conversa com Sarah a atrasara para se arrumar para o jantar e estivera tão atarefada que nem sequer se deu conta de que o dormitório fora ocupado por alguém mais. Por outro lado, Riona tampouco a informara das mudanças, já que se deslocou de um dormitório a outro para pentear a ela, e a Amelia, e não viu Sterling, o que sem dúvida a teria advertido da presença de seu marido.

Seguindo a norma inarticulada que haviam estabelecido, ela permitiu que ele a acompanhasse à sala de refeições enquanto Harry fazia o mesmo com lady Violet, e Amelia era escoltada pelo pároco que oficiaria as bodas de Sarah, que chegou acompanhada por um de seus primos.

Tratava-se de um jantar informal, mais familiar, por isso deixaram de lado os protocolos e Charlie levou sua esposa grávida

até o salão.

Elisabeth se imaginou naquele estado, orgulhosa e feliz com um filho que uniria a ambos para sempre. Entretanto, isso nunca aconteceria se Colin continuasse sem visitar seu quarto. Deixando de lado seus tristes pensamentos, a noite foi agradável. Amelia estava mais animada do que nunca. Seu novo penteado, os vestidos e que se encontrasse com gente amável e encantadora, ajudou-a a se abrir e a mostrar-se menos reservada do que de costume.

A futura noiva, por sua parte, parecia distraída e Elisabeth soube imediatamente que estava preocupada porque o marquês ainda não se apresentara no local. Não lhe escapou a preocupação de Harry, que enchia de rugas sua testa.

Era evidente para qualquer um que tivesse passado mais de dois minutos com Harry e Sarah que o afeto que se dedicavam era puro e profundo.

Elisabeth nunca teria imaginado que um homem e uma mulher pudessem ser amigos tão íntimos. Harry era um amigo leal e ela estava muito contente de tê-lo recuperado depois de quatro anos de separação.

Nessa mesma tarde Sarah lhe contara como se forjou a amizade deles. Embora tivessem sido vizinhos desde meninos, o ducado do Bollingbroke estava a algumas milhas ao leste de Challinor House, sua amizade se forjou quando lady Sarah salvou Harry de um escândalo com uma caça fortunas que tentara pescar um duque.

Depois disso, a alta sociedade falou durante meses da possibilidade de que lady Sara Danvers se convertesse na próxima duquesa de Bollingbroke, entretanto, quando compreenderam que isso não aconteceria, os mesmos que antes sonharam com cetim e flores brancas, aceitaram a amizade entre ambos e não se voltou a falar do assunto outra vez.

Por um lado, porque lady Sarah era uma jovem muito especial, para que alguém se surpreendesse de sua estreita amizade com o duque e, por outro, que lady Violet fosse sua mãe e seu irmão fosse um duque, a salvou de ser alvo das desumanas intrigas da alta sociedade.

Fosse como fosse, sua amizade com o duque se tornou algo normal e ninguém lutou contra o que supôs um lucro para ambos, vivendo em uma sociedade tão fechada às mudanças.

E agora, depois de seu casamento, Harry passara a fazer parte de sua família e Elisabeth se sentia agradecida por isso. Desde o instante em que retomaram o contato, Harry se posicionou a seu lado, respaldando cada um de seus movimentos, leal e amável.

Ela se esforçou para sorrir ao que lhe dizia o pároco, sentado a sua esquerda. Seu olhar cruzou com o de Sarah, que parecia tão distraída quanto ela, e ambas sorriram com afeto.

Ela precisava reconhecer que sua nova vida estava repleta de mudanças, a maioria agradáveis.

— Você não gostou do cordeiro, querida esposa? — Perguntou uma voz a seu lado.

Elisabeth se virou à sua direita para responder a seu marido.

— Sim, mas não tenho muita fome.

— Suponho que estará cansada da viagem.

— Assim é.

— Nesse caso eu sugiro que se retire cedo. Eu procurarei não a incomodar quando subir para me deitar.

Elisabeth o olhou com desconcerto. Do que ele estava falando? Por que ele a incomodaria?

— Fomos instalados no mesmo quarto. Com o casamento não há aposentos individuais disponíveis. Além disso... somos recém-

casados, lady Violet supôs que desejaríamos compartilhar o leito.

— Entendo, — Elisabeth conseguiu articular.

O nervosismo que ela sentira durante o jantar se multiplicou ao saber que ela dormiria junto a seu marido, pela primeira vez.

Compreendeu então o motivo pelo qual ele a aconselhara de que se retirasse cedo, para que quando ele chegasse, ela já estivesse dormindo. Sentiu-se tão ofendida quanto humilhada e foi incapaz de provar um bocado.

Dedicou-se a mover os alimentos pelo prato, sem comer nada mais. Em troca, sim, aceitou o vinho que lhe serviram. Antes que Colin se desse conta de que o lacaio lhe preenchia a taça, Elisabeth havia bebido três.

— Será melhor, querida, que deixe a taça como está, — ele ordenou. Se estivesse cheia, o lacaio não voltaria a preenchê-la e evitaria que Elisabeth se embriagasse e montasse um escândalo.

Colin podia lutar com uma Elisabeth cansada e inclusive zangada, mas não estava seguro se poderia sobreviver a uma Elisabeth ébria.

— Tenho sede, — ela se queixou.

— Então beba água. O vinho não casa bem com um estômago vazio.

Elisabeth esteve a ponto de replicar que o matrimônio tampouco casava bem com um leito vazio, mas se calou a tempo, graças à intervenção de Amélia, que estivera atenta à cena e aproveitou o momento para perguntar ao duque de Whitmore sobre os formosos jardins da propriedade, despertando o interesse de toda a mesa, incluindo o de Colin.

Capítulo 19

Elisabeth estava inquieta. Fazia pouco mais de uma hora que se retirou para descansar e Colin ainda não aparecera no dormitório que ambos se viram obrigados a compartilhar.

Era a primeira vez que ela dormiria com alguém e esse alguém era nada menos que o homem a quem amava, seu marido. O nervosismo a mantinha acordada e sua cabeça não parava de funcionar, pensando em mil possibilidades. Colin dormiria com roupa? Se aproximaria dela durante a noite? Daria o calor de seu corpo? Teria a noite de bodas da qual ela não tinha desfrutado?

Um ruído no exterior a fez dar um salto na cama. Aconchegou-se mais nas mantas e fechou os olhos, esforçando-se em compassar sua respiração para se fingir de adormecida.

A porta foi aberta com cuidado. Escutou passos e a luz de uma vela irrompeu no dormitório.

— Sterling, me ajude a tirar as botas e depois se retire.

— De acordo, milorde.

A voz de ambos os homens era apenas um sussurro para não incomodá-la.

Elisabeth sentiu um movimento na cama. Colin se sentou para tirar o calçado. Soube que ficaria a sós com ele, quando escutou o som das botas tocarem o chão.

— Boa noite, milorde, — se despediu o ajudante de câmara.

— Boa noite, Sterling, — respondeu Colin. — Uma coisa mais, não venha amanhã me despertar como todo dia. Eu mesmo o chamarei quando estiver preparado. Não quero que incomode à senhora.

— É claro, milorde.

Uma chama de esperança se acendeu no coração de Elisabeth, ao menos seu marido se preocupava com ela. Não era muito, mas indicava que se importava com seu bem-estar. Sorriu sobre o travesseiro, quieta para não alertar Colin de que estava, completamente, acordada.

Durante alguns segundos só se escutou o som do roçar da roupa que Colin estava tirando. O nervosismo se instalou no estômago de Elisabeth quando sentiu um ar frio nas costas. Colin levantara as cobertas e estava se deitando a seu lado. O martelar de seu coração era tão intenso que acreditou que seu marido devia ter escutado. Notou como ele se acomodava na cama e se manteve imóvel.

Colin se deitara bem afastado dela para que nenhuma parte de seu corpo a roçasse, por isso a pequena esperança que deixou sair se apagou de repente.

Durante alguns segundos se permitiu a debilidade de sentir pena de si mesmo, porém, se obrigou a recordar quem era. Já não era uma menina assustada que perdera seu irmão, era a mulher que fora capaz de beijar Rochdale somente para comprovar a reação de Colin, a mesma mulher que colocou um vestido que a envergonhava somente de olhá-lo e se plantou em uma festa a qual não fora convidada, para falar com o homem que sempre amara.

Não, já não era uma menina. Era Elisabeth Strafford, e Elisabeth Strafford fazia com que as coisas saíssem como ela desejava.

Por tudo isso, se voltou com segurança e se aproximou de seu marido. Seu braço caiu por cima de seu peito, notando a camisa de dormir que ele vestia, certamente em deferência a ela, e se aconchegou a seu lado. De modo que seu nariz e sua boca ficaram junto ao pescoço de seu marido. Apesar da tensão e do movimento se esforçou por continuar mantendo a respiração tranquila e compassada de quem dorme.

Colin não se afastou. O que em si mesmo supôs um triunfo para Elisabeth, que foi relaxando pouco a pouco.

Esperara, sem fazer nada, que Colin a procurasse mais agora tomaria as rédeas de seu matrimônio. Apertou-se mais contra ele e soltou um suspiro ligeiro e involuntário. Sentia-se tão bem... notou os braços de Colin a seu redor...

Por que não podia ser assim sua vida estando acordada? Ela pensou alguns instantes antes de cair rendida pelo sono.

Quando ela despertou estava sozinha na cama. Riona entrava nesse momento pela porta, mas não havia nem rastro de Colin.

— Bom dia, senhora. Sua prima já desceu para tomar o café da manhã. Estão começando a chegar outros convidados.

— Onde está meu marido?

— Acredito que saiu para montar com os cavalheiros.

— Riona, preciso que me faça um novo penteado. Quero algo mais simples mas elegante, necessito ver-me diferente, — ela acrescentou sem levantar-se da cama. — Talvez devesse cortar um pouco o cabelo para que os cachos não se estiquem tanto. Viu como Riona sorria com malícia.

— É uma ideia maravilhosa, senhora. Vou pegar umas tesouras.

— Estupendo.

A donzela saiu do quarto com passo decidido e Elisabeth aproveitou para se levantar e colocar a bata.

Sentia o corpo quente. Dormira melhor do que em toda sua vida. E o melhor de tudo era que Colin não a afastara quando ela o abraçou, mas sim lhe havia devolvido o gesto.

Sorriu. Colin a procurara quando ela estava certa de que não compareceria ao enlace de Lady Sarah e do marquês, e inclusive a abraçara durante a noite e, para sua maior satisfação, durante os três dias seguintes estava obrigado a ser atento e amoroso com ela, se pretendia fazer a alta sociedade acreditar que estava encantado com seu recente casamento. Para não falar que passariam as noites na mesma cama. Era a situação perfeita para tentar seduzi-lo, sem parecer evidente.

Se fosse afetuosa com ele pensaria que era pelas aparências, por isso não correria o perigo de se envergonhar se ele não correspondesse, e pelas noites só precisaria fingir estar adormecida e, talvez, mostrar-se um pouco mais atrevida que na noite anterior. Na realidade, não tinha nada a perder e sim muito a ganhar.

A aparição de Riona a afastou de seus planos.

— Vou cortar somente alguns centímetros, milady. Os homens adoram o cabelo comprido das mulheres.

— Os cavalheiros nunca veem as damas com o cabelo solto. Somente as meninas o usam desse modo, — ela replicou, pouco convencida do que dizia a donzela.

— Os maridos veem suas mulheres com o cabelo solto todas as noites.

Elisabeth se ruborizou pela alusão.

— É claro, Riona. Tem razão, corte somente alguns centímetros.

Capítulo 20

Colin não tinha vontade de sair para cavalgar depois da noite que passara. Sua inocente esposa se colou a ele, assim que se meteu na cama, por isso se perdeu em seu calor, pelo tato sedoso de seu cabelo e de sua pele e o delicioso aroma que desprendia seu corpo lhe impedindo, sem saber, do descanso que tanto necessitava.

Em primeiro lugar, porque temia se mover e despertá-la, e em segundo lugar porque não estava seguro de seu autodomínio e temia que se relaxasse, se deixaria levar pelo desejo que sentia por ela.

Assim que o sol apareceu pelo horizonte abandonou o aposento e desceu para tomar o café da manhã. Pode ser que não tivesse vontade de cavalgar, entretanto, exercício era exatamente o que necessitava, se pretendia livrar seu corpo e mente do delicioso aroma de sua esposa.

A sala do café da manhã estava ocupada pelo anfitrião e por Harry, que estava saboreando alguns arenques quando ele entrou.

— Bom dia, — ele saudou.

— Bom dia. Sirva-se do que quiser e quando terminarmos sairemos para cavalgar, deixei dito nos estábulos que preparem a dois de meus melhores cavalos, mesmo assim, se desejarem qualquer outro não têm mais que dizê-lo.

— Confio em seu critério, Whitmore, — anunciou Harry, — e estou seguro de que meu irmão pensa o mesmo.

— É claro, — assentiu este.

— Nesse caso comam bem que depois não quero desculpas ,quando voarmos sobre o cavalo, — riu Whitmore, seguro de si mesmo.

Elisabeth estava a caminho do salão quando se deparou com a duquesa, que caminhava sozinha e pesada, com passo lento e instável, propiciado pelo tamanho de sua barriga.

— Bom dia, Elisabeth, — ela a saudou com um grande sorriso, como se topar com ela fosse a melhor coisa que tivesse acontecido em todo o dia.

— Bom dia, Excelência.

— Não, por favor. Chame-me de Arabella, ainda mais quando lhe pedir o favor de me acompanhar para tomar o café da manhã, —

ela disse com um sorriso cansado, — estou tão esgotada que não sei se serei capaz de chegar por mim mesma.

Elisabeth correu a seu lado, cortando os seis passos que as separavam e lhe ofereceu o braço.

— Obrigada, querida.

— É um prazer. Não sabia que todos já haviam tomado o café da manhã. É tão cedo.

— É verdade não é. Acredito que todos foram muito madrugadores. Os cavalheiros saíram para montar e agora que voltaram deixei Harry falando com Sarah. — Ela se deteve para voltar a falar em um tom mais confidencial. — Está nervosa e Harry é a única pessoa capaz de acalmá-la.

Elisabeth lhe sorriu.

— Acredito que adestrar às feras é uma de suas melhores qualidades, — ela disse divertida, — e se está se perguntando isso, a resposta é sim. Incluo-me nessa categoria.

Arabella tratou de dissimular uma gargalhada.

— Querida, você é maravilhosa, — ele riu.

— Obrigada. Quem dera todo mundo estivesse de acordo com você. Está claro que você possui um critério excelente, — ela brincou outra vez.

Fazia várias horas que os cavalheiros haviam retornado e Elisabeth ainda não tivera a companhia de seu marido, o que dificultava que pudesse colocar em marcha seu plano para seduzi-lo. Apesar dos obstáculos, ela estava decidida a triunfar, por isso convenceu Sarah de que o melhor para seus nervos era dar um passeio pelos jardins, apesar de tudo, a proposta era real, caminhar a relaxava, por que não faria o mesmo com sua nova amiga? E por outro lado ela comprovara que Colin não estava na casa, então a única opção que restava era que seu marido estivesse nos jardins, nos estábulos ou em qualquer outra parte da extensa propriedade do duque.

Não precisaram caminhar muito para se encontrar com os homens. Colin junto com o duque, seu irmão e outros convidados estavam desfrutando do arco e flecha.

Não escapou a Elisabeth a expressão de tristeza de Sarah ao comprovar que Rochdale não estava entre eles.

— Quer ir para outro lado? — Ofereceu Elisabeth, disposta a passar por eles, se Sarah o desejasse.

— Não, vamos vê-los jogar.

O sorriso de sua amiga pretendia ser alentador, entretanto, a desilusão era lida perfeitamente em seus olhos.

— Tenho certeza de que ele está muito ocupado em Londres. Não demorará muito para retornar.

— Isso espero ou ele perderá suas próprias bodas, — disse a loira e Elisabeth não soube se ela brincava ou se falava a sério.

Não querendo mexer na ferida, seguiram o resto do caminho até chegar aos homens, em silêncio.

— Bom dia, — saudaram elas ao chegar.

— Bom dia, formosas damas. Onde deixaram Amelia? — Perguntou Harry, que se tinha dado conta da ausência da mesma.

— Está escrevendo algumas cartas. Assim que termine se reunirá conosco, — explicou Elisabeth, contente porque seu cunhado havia perguntado por sua prima.

Era evidente que os dois combinavam perfeitamente. Inclusive Sarah parecia ter se dado conta, pois sua risadinha, quando Harry perguntou por Amelia, parecia da mesma índole que a da própria Elisabeth.

Pouco a pouco todos os cavalheiros foram se aproximando delas para saudá-las, e inclusive Colin se mostrou o mais atencioso. Tanto que Elisabeth pensou que seu plano funcionaria.

Para não atrapalharem, as damas se afastaram e deixaram que os homens fossem se colocando para disparar.

— O que vamos apostar? Se não houver apostas o jogo não tem graça, — apontou o visconde Torrington com seu habitual sorriso.

— Não tenho nenhum problema em apostar, estou decidido a ganhar — riu Whitmore.

— Isto fica interessante, — apontou Harry, — e não se esqueça, Whitmore, que eu também sou um duque e que, como você, estou acostumado a ganhar.

Torrington sorriu, encantado com a competitividade que havia despertado.

— Não penso me deixar vencer diante de minha esposa, — interveio Colin oferecendo um sorriso para Elisabeth.

Os olhos de Sarah brilharam, um segundo, antes de responder.

—Tenho uma ideia! O cavalheiro que ganhar disporá de um prêmio muito especial, o favor de uma das duas. — Assinalou Elisabeth e a si mesmo. — De acordo, Elisabeth? Quem ganhar poderá nos pedir algo e estaremos obrigadas a cumprir. — Deteve-se ao ver o brilho nos olhos do visconde e do barão de Huxley. — É

claro, o favor será algo decoroso, como uma dança, um passeio... ou, possivelmente, um conselho.

Whitmore olhou para sua irmã e riu pela ocorrência.

— Se para Colin parece bem, a mim também. Não vejo nada de mau em que dance com alguém, ou que jante em sua companhia. — Olhou a seus companheiros como advertência.

— Eu tampouco vejo problemas nisso, como disse, vou ganhar — reiterou Colin.

Escutaram-se os protestos dos cavalheiros. Todos estavam decididos a levar o prêmio.

Elisabeth aproveitou que ninguém prestava atenção nelas, para recriminar Sarah por sua ocorrência.

— Está louca? O que acontecerá se não ganharem, nem seu irmão nem Colin, nem Harry. Não tenho muita vontade de dançar com ninguém mais.

— Torrington é muito bonito, — ela riu.

— Sarah! Se Matthew a escutar dizer isso não vai achar muito engraçado.

— Nesse caso eu direi a ele, assim que ele ache adequado aparecer para suas bodas.

Elisabeth riu entre os dentes. Gostava do caráter de sua amiga. De fato, lamentava por não lhe ter dado antes, uma oportunidade a essa amizade. Sarah era o tipo de mulher admirável por quão decidida era, porque não se deixava intimidar e lutava pelo que ela acreditava que era justo.

Gritos de júbilo a tiraram de seus pensamentos. Concentrou-se nos cavalheiros.

— Senhora, senhorita, ou as coisas mudam, inesperadamente, ou temo que esta noite vou ficar encantado de acompanhá-las durante o jantar — anunciou Torrington, satisfeito consigo mesmo.

Ambas sorriram educadas, porém, Elisabeth se moveu para poder ver cada um dos lançamentos de Colin.

Meia hora mais tarde e a somente um lançamento para que se proclamasse o vencedor, Elisabeth fez uma tentativa e, quando Colin ia disparar, aproximou-se dele e sem se importar com quem estivesse olhando tocou seu braço, obrigando-o com isso a que se virasse e lhe desejou sorte.

— Elisabeth?

— Venho lhe desejar sorte, — ela anunciou com um sorriso.

Depois ficou nas pontas dos pés e pousou seus lábios sobre os de seu marido, que, surpreso pelo gesto, soltou o arco e a flecha e a agarrou pela cintura para beijá-la melhor.

Separaram-se quando os gritos se tornaram ensurdecedores.

— Estão recém-casados, — comentou Whitmore, — sejamos indulgentes com ele embora seja somente por isso.

Harry, que parecia tão encantado com o gesto de Elisabeth quanto seu irmão, deu-lhe o arco e a flecha para que disparasse e se afastou sorrindo.

Colin, que era o segundo na classificação, colocou-se em posição e cravou a flecha no centro do alvo. Virou-se para olhar Elisabeth, que aplaudia encantada e sorriu com orgulho.

— Acredito que já temos o ganhador, e não o digo pelo excelente tiro de Colin, mas sim porque ao que parece a dama já concedeu seu favor, — Torrington riu referindo-se ao beijo. Colin sorriu e se aproximou até sua esposa para lhe oferecer o braço.

— Acompanho-a até a casa.

Elisabeth olhou para Sarah, mas está lhe fez um gesto para que não se preocupasse com ela e assentiu, aceitando o braço de seu marido e desfrutando de um pouco de tempo em sua companhia.

Não havia dúvida de que seu plano estava funcionando bem.

Mesmo assim, ainda havia muito a fazer.

Capítulo 21

Os dias seguintes transcorreram do mesmo modo.

Colin aceitava a aproximação de sua esposa e se mostrava amável e encantador com ela, embora nunca propiciava, ele mesmo, seus encontros. É claro, as noites tampouco eram diferentes. Embora Elisabeth se aconchegasse contra ele e seu marido a aceitasse de boa vontade, nunca tentara nada mais.

A noite anterior ela se permitiu acariciá-lo, fingindo-se adormecida, mas Colin não reagira a seu contato. Ela sentira em seus dedos quão tenso ele estava, mas nem assim ela conseguira alguma coisa.

Por isso essa noite decidira trocar de tática. Embora tivesse se retirado antes que seu marido, Elisabeth colocara uma camisola nova de seu enxoval de noiva, escovou o cabelo, deixando-o solto e sem trançar e se colocou na cama com um livro.

Estava satisfeita com sua atitude para com Colin durante o dia. Seu marido se viu obrigado a aceitar suas amostras de afeto e inclusive a devolvê-las já que junto com lady Sarah e a ausência de Rochdale se tornaram o casal preferido de todos os convidados.

Os primeiros passos já estavam lançados, agora, devia continuar com seu plano e não podia se permitir ter medo. Escutou passos e algumas vozes pelo corredor, hora e meia depois de ter se retirado, e imediatamente se sentou mais ereta e se acomodou na cama.

A porta do dormitório foi aberta com cuidado e Colin mostrou sua cabeça por ela. Instintivamente a apertou contra seu corpo para impedir o passo a seu acompanhante.

— Sterling, não será necessário que me ajude. Eu mesmo tirarei as botas.

— Mas, você sozinho não... — se queixou o ajudante de câmara.

— Farei, não se preocupe, — insistiu Colin decidido a impedir a passagem de seu ajudante de câmara para o quarto.

Sua esposa estava sentada na cama lendo, sob nenhuma hipótese permitiria que alguém a visse desse modo, com aquela camisola verde musgo, da mesma cor de seus olhos, e seu glorioso cabelo solto e estendido sobre o travesseiro.

— Milorde...

Elisabeth sorriu ao ver Colin tão decidido a impedir a entrada e ao escutar Sterling preocupado com as botas de seu senhor.

— Eu o ajudarei a tirar Sterling, não se preocupe com nada.

— Senhora, desculpe-me, não sabia que estava acordada, disse o ajudante de câmara através da porta que se fechava diante dele. — Eu...

— Retire-se, Sterling. Amanhã mandarei chamá-lo quando estiver acordado. Boa noite, — se despediu Colin.

O homem assentiu com a cabeça.

— Boa noite, milady, — se despediu o serviçal.

— Boa noite.

Colin fechou a porta, que estivera bloqueando, e olhou à cama.

— Acreditei que estaria adormecida.

— Não tinha sono e peguei este livro. — Levantou-o para mostrar. Sarah me emprestou e a verdade é que me capturou completamente.

Colin assentiu sem fazer muito caso ao título.

Diante de sua indecisão, Elisabeth saiu dentre as mantas e Colin pode ver suas pernas, já que a camisola havia enrugado ao redor da cintura.

— Vamos! — Disse ela ficando de pé em frente a ele e lhe negando a perfeita visão que lhe devotara antes.

Porém... Colin se deu conta do resto.

Pode ser que a camisola lhe negasse a visão de suas pernas, mas praticamente lhe colocava em bandeja de prata, seus perfeitos seios. O decote era tão pronunciado que podia ver a curvatura deles. Além disso, o tecido era transparente e se vislumbrava através dele, o corpo de Elisabeth.

Clareou a voz antes de falar.

— O que está vestindo?

Ela baixou o olhar para sua roupa, fingindo-se confusa pela pergunta.

— Uma camisola.

— De onde saiu?

— Colin, encontra-se bem? — Ela se aproximou e lhe tocou a testa.

O roçar de sua pele arrepiou ainda mais seu marido.

— Está ardendo, está se sentindo bem?

— Encontro-me perfeitamente. Somente preciso saber de onde saiu essa camisola e se tem mais como esta.

Elisabeth sorriu interiormente.

— Foi um presente de tia Margareth e, sim, tenho outra branca, e outra em azul celeste. Por quê? Deseja vê-las?

— Meu Deus! Não. Esta é mais do que suficiente para uma noite.

— Acredito que será melhor que se deite. Não tem bom aspecto.

Ele assentiu como um menino e levantou o pé para que ela puxasse sua bota. Como se quisesse torturá-lo até a morte, Elisabeth se meteu entre suas pernas e lhe deu as costas, lhe mostrando seu perfeito traseiro que o delicado tecido não conseguia ocultar.

Ele gemeu sem se dar conta.

Ela virou a cabeça para olhá-lo, alertada pelo som.

— Machuquei-o?

Colin não falou. Limitou-se a negar com a cabeça. Elisabeth puxou a bota e está saiu com facilidade. Seguiu o mesmo *modus operandi* com a outra e uma vez que Colin estava descalço se encarregou de ajudá-lo a tirar o restante de suas roupas.

— Elisabeth, não é necessário. Posso me despir sozinho.

— Prometi a Sterling que o ajudaria e vou cumprir minha palavra.

Colin se deixou levar, muito fraco para resistir. Permitiu que ela lhe tirasse a jaqueta, o colete e inclusive que lhe abrisse a camisa,

mas sentir as mãos dela sobre sua pele estava fazendo estragos em seu autodomínio.

Sua esposa se distraiu com o pelo de seu peito. Parecia concentrada, como se lhe chamasse especialmente a atenção.

— Não sabia que os homens possuíam cabelo aqui, — ela anunciou e ficou pensativa alguns segundos.

Colin notou por instinto que algo mudaria radicalmente em sua vida.

— Colin, — ela voltou a falar, — posso lhe pedir um favor? Meu Deus! Onde ele havia se metido? Pensou Colin.

— É claro, querida.

— Eu poderia vê-lo nu? Nunca vi um homem nu e agora sou uma mulher casada, deveria poder ver um homem nu... bem, você nu, quero dizer... — ela se engasgou com as palavras.

Ele levou alguns segundos para assimilar o que sua esposa acabava de dizer.

— Não vai ver nenhum homem nu ou vestido, que não seja eu, entendido?

Ela assentiu triunfante e ele compreendeu que ela o vencera em seu próprio jogo.

— Ajude-me a tirar as calças, —ele pediu resignado.

Ela parecia encantada e Colin estremeceu quando suas mãos mornas tocaram suas coxas.

Em apenas alguns segundos ele estava completamente exposto diante dela. Ficou ali de pé, permitindo que ela o olhasse.

— Todos os homens são assim? Tão lindos quanto você? — Ela perguntou.

Colin não soube o que dizer, a ideia de que ela se interessasse em saber como eram outros homens lhe acendeu o sangue, mas o que ele esperava? Ele descuidara dela e agora ela estava interessada em tudo aquilo que ele não quisera lhe dar.

O ciúme lhe apertou a garganta, tanto que a voz lhe saiu rouca quando falou.

— Não vou permitir que se interesse por outros homens, está claro? Eu sou seu marido e sou o único homem de sua vida.

E antes que ela pudesse responder, ele se equilibrou sobre ela para beijá-la com ferocidade, magoado e ciumento como não estivera em toda sua vida.

Elisabeth era sua esposa e somente ele tinha direito de beijá-la, de protegê-la... e, é obvio, de fazer amor com ela.

Afastou-se dela somente o necessário para tirar a camisola. Escutou o inequívoco som do tecido ao se rasgar, mas não se

importou um mínimo. E mais, disse a si mesmo, que se fosse necessário ele mesmo lhe compraria dúzias de camisolas se fossem como a que ela colocara nessa noite.

Com cuidado a empurrou para que se deixasse cair sobre a cama e se recostou sobre ela. Pele com pele, seu calor era como o fogo que lhe queimava por dentro. Sua boca procurou o pescoço dela e desceu por ele, pelas clavículas, pelos peitos, seus doces e inchados mamilos... deteve-se novamente sobre seu centro, levando tempo em saboreá-la enquanto suas mãos amassavam seus seios cheios e rosados.

Com anseio beijou e lambeu seu interior, consciente de que nunca provara nada tão doce. Os gemidos dela aumentaram seu desejo. Continuou pressionando-a até que Elisabeth explodiu em sua boca e foi então que permitiu a si mesmo o que tanto desejava, possuí-la por completo. Sentir-se dentro dela, unindo-se e formando uma só unidade.

Penetrou-a com uma investida, mas não era suficiente, precisava senti-la ainda mais profundamente, por completo, por isso sua boca capturou a dela e suas mãos traçaram um mapa sobre seu corpo enquanto se movia em seu interior.

Afastou-se de seus lábios para recuperar o fôlego...

— Amo você — sussurrou ela, procurando novamente sua boca. — Amo e sempre o amei.

O calor que queimava sua pele se instalou em seu coração e acelerou seus movimentos. Ele se moveu rápido e duro dentro dela, ansioso por liberar-se, por se perder dentro de sua mulher.

O clímax chegou ao mesmo tempo a ambos e foi tão intenso que quando enfim ele foi capaz de se mover, se deu conta de que Elisabeth adormecera debaixo dele.

Capítulo 22

Amelia despertou sobressaltada, escutara um grito ou foi somente produto de sua imaginação?

Consciente de que estava na ala familiar e sua prima e seu marido dormiam no quarto da frente, saltou da cama, muito preocupada para colocar uma bata ou sapatilhas, abriu a porta de seu quarto para comprovar que tudo estava calmo, e que não fora mais do que seu sonho, o que a despertara. Contudo, a sensação de medo que fez com que abrisse os olhos não se desvaneceu ao acordar.

Preocupada e ainda arrepiada, saiu para o corredor e esquadrinhou procurando a origem de sua insônia. A porta do dormitório de Elisabeth estava fechada e nem se via, nem se escutava ninguém pelo corredor. Nem sequer havia serviçais na área.

Tudo parecia calmo, porém, a incômoda sensação não se afastava dela. Ia dar meia volta e entrar novamente em seu quarto quando escutou que a porta contígua a sua se abria e um despenteado duque de Bollingbroke aparecia por ela, embelezado

com um roupão de seda de cor vinho, que apenas lhe cobria os joelhos e mostrava os pés descalços.

O temor que a inundara se transformou em algo diferente que não soube determinar, mas que lhe arrepiou os cabelos da nuca.

Assim que se deu conta de sua presença, Harry pareceu sair de seu sono.

— Amelia, está tudo bem? Escutei-a gritar.

— Não, eu não... será que gritei?

Harry a olhou de cima abaixo, preocupado por seu estado e, para sua surpresa, profundamente excitado pela mulher que estava a sua frente.

Lady Amelia estava parada diante dele de camisola, descalça e com seu glorioso cabelo avermelhado caindo em cascata, até a cintura.

Sua roupa de dormir era extremamente recatada. A sóbria camisola estava abotoada até o pescoço e, mesmo assim, vê-la com o cabelo solto e com seus bonitos pés descalços lhe excitara tanto, que temia que seu roupão se abrisse e o deixasse completamente exposto diante dela.

— Estava a ponto de dormir quando a escutei gritar. —
Pigarreou para clarear a voz.

— Oh! Sinto muito. Espero não ter despertado a ninguém mais — disse olhando ao redor, quase esperando que mais gente saísse de seus aposentos, para comprovar a que se devia o alvoroço.

— Não se preocupe. Estão todos dormindo. Sou o único que estava acordado, por isso a ouvi gritar. — Amelia parecia confusa e ele explicou melhor. — Estava lendo até a alguns minutos. Elisabeth e Colin se retiraram faz horas igual aos outros. Não acredito que alguém a tenha escutado.

— Sinto tê-lo incomodado.

— Está bem? Por que veio ao corredor? — Ele perguntou aproximando-se dela e empurrando-a com suavidade para que retornasse a seu quarto.

Amelia se deixou levar, muito confusa para protestar.

— Não sei. Despertei ao escutar um grito. Não sabia que havia sido eu, — ela se desculpou de novo.

— Deve ter sido um pesadelo. Agora vá para a cama.

O som da palavra nos lábios de Harry despertou Amelia, de repente.

— Oh! Não pode estar aqui. Meu Deus! No que estava pensando para deixá-lo entrar? Precisa ir antes de que alguém o veja.

Harry suspirou cansado.

— São quatro da manhã, ninguém vai me ver. Agora deite para que eu possa retornar a meu dormitório. — E acrescentou meio rindo: — Parece estar decidida a se arruinar e me arrastar em sua ruína. Primeiro se apresenta em minha casa e agora...

— Tem razão, sinto muito, — ela disse metendo-se entre os lençóis.

— Não se desculpe mais, — pediu ele cada vez mais desesperado por sair dali. — Suas necessidades são a única coisa arriscada em minha vida, — ele confessou sem sequer dar conta do que dizia.

Com muito cuidado para não tocá-la, ajustou as mantas.

— Boa noite, Amelia.

Ela não respondeu, já havia tornado a adormecer.

Ele lançou-lhe uma última olhada e saiu sigilosamente do dormitório.

O corredor continuava tão deserto como sempre, por isso retornou a seu quarto e depois de tirar o roupão se meteu na cama.

Sentiu-a fria, tão fria que o fez tremer apesar do calor que emanava de seu corpo.

As últimas semanas foram uma loucura, ele decidiu. Tudo começara quando flagrou seu irmão espionando Elisabeth e desde aquele instante não deixaram de acontecer coisas que o haviam desconcertado, alegrado ou surpreendido.

As bodas de Elisabeth e Colin, as bodas de Sarah e Rochdale e, acima de tudo isso, a presença de Amelia, primeiro, em um segundo plano e depois monopolizando toda sua atenção...

Como nessa noite. Sabia que ela havia gritado, antes sequer de sair ao corredor. De fato, esse era o motivo pelo que abandonara sua cama quente e se aventurou para ver o que acontecia.

Aquela mulher brincava com fogo e nem sequer se preocupava com as consequências, sempre com a mente voltada para outros. Pensando em Elisabeth ela fora a sua casa, sozinha e sem se preocupar com sua honra e, essa mesma noite, tinha saído de sua cama preocupada que alguém estivesse em perigo quando a única que realmente estava era ela...

Harry se revolveu na cama, como se ao fazer pudesse desprezar os pensamentos que lhe atordoavam a mente. Ele conseguira seu objetivo, disse para si mesmo, Colin estava casado e em poucos meses haveria a caminho, um herdeiro para o ducado.

Por isso se casar não entrava em seus próximos planos. Nem sequer quando cruzava com belezas ruivas mais temerárias e diretas, do que pareciam ao simples olhar.

Capítulo 23

Quando Elisabeth abriu os olhos, Colin estava terminando de colocar a jaqueta. Consciente de que ele partiria sem despertá-la levantou na cama e se pendurou em suas costas.

— Bom dia, marido, — ela o saudou, radiante de felicidade.

— Bom dia, não queria despertá-la. Deve estar esgotada. Ela se ruborizou pela alusão ao que estiveram fazendo na noite anterior.

— Não menos que você, — ela disse com um sorrisinho.

— Sim, bem, eu... preciso descer, Harry está me esperando, — ele disse desfazendo-se de seu abraço.

Elisabeth ficou ali plantada, olhando-o como se da noite para o dia lhe tivessem crescido três cabeças.

— Colin, por favor, me diga o que acontece.

Ele estava já quase a ponto de abrir a porta, mas se deteve ao escutar sua voz sofrida.

— Não acontece nada, Elisabeth, está tudo bem. Compreendeu que ela explodiria segundos antes de que ela o fizesse.

— Sempre vai ser assim? Cada vez que estejamos juntos vai me fazer sentir tão mal depois?

— Não sei a que se refere.

Ela o fulminou com o olhar.

— De fazer amor com você, Colin. Estar entre seus braços é maravilhoso, a coisa mais bonita que tive em minha vida, mas despertar com você desse lindo sonho é um maldito inferno. E preciso saber se sempre vai ser assim, um sonho do qual quando despertar me transportará a um doloroso pesadelo.

Colin ficara tão mortalmente pálido que Elisabeth teve que se aproximar dele para comprovar que ainda respirava.

— O que você disse?

— Não me faça repetir isso Colin. Limite-se a me responder. Vai ser sempre assim? Vais continuar guardando rancor de mim, por toda a vida por ter sido obrigado a se casar comigo? Porque se for assim tenho direito de saber. Preciso entender de uma vez como vai ser nosso matrimônio.

— Não guardo rancor, Elisabeth. O que aconteceu não foi sua culpa.

— Não disse para você que era eu, permiti que você acreditasse que era uma dama experiente e então...

Colin se aproximou veloz à cama. Colocou-se de joelhos diante dela e com as pontas dos dedos lhe acariciou a bochecha pela qual lhe caíam as lágrimas.

— Sempre soube que era você. Por que acredita que me zanguei tanto com Harry quando o vi falando com você? Sabia que era você a mulher a quem convidei para dar um passeio, sabia que era você quando a beijei e, por todos os demônios, sabia que era você quando fiz amor naquele banco, no meio de um nada. E se acredita que guardo rancor é porque não me conhece nem um pouco. A única pessoa que merece meu rancor sou eu mesmo, por roubar sua virgindade daquele modo.

Elisabeth chorou com mais intensidade. Colin não sabia se chorava de felicidade ou de pena. E continuou acariciando-a, rogando para que ela não lhe rechaçasse.

— Não me roubou, — respondeu ela quando conseguiu recuperar a fala, — eu me entreguei, e o fiz porque o amo, Colin, sempre o amei. Amo você e já não me envergonho de dizer isso, embora você não sinta o mesmo por mim.

Ele não respondeu, não podia fazê-lo nesse instante. Inclinou seu rosto e beijou-a. Seus beijos estavam salgados pelas lágrimas e apesar disso se faziam doces e esperançosos.

Durante semanas ele castigara a si mesmo, negando o que mais desejava no mundo, Elisabeth, sua esposa, sem ser consciente de que com isso, estava castigando a ela. Acreditara que ela se sentira obrigada a se casar com ele, depois que tudo aconteceu, ela havia se negado aquela noite na carruagem quando ele lhe dissera o que aconteceria, e desde aquele instante, estivera tão cego por seu sentimento de culpa, que não tivera consciência de nada do que acontecia a seu redor.

Afastou-se dela somente para dizer a verdade.

— Eu também a amo, Elisabeth. Sempre a amei e sempre me senti culpado por isso. Era a irmã mais nova de meu melhor amigo e, depois, quando ele morreu por minha culpa, eu...

— Não, não diga isso nunca mais, Colin, prometa-me isso. Não foi sua culpa. — Agarrou-o pelos braços com força.

— Elisabeth...

— Não. Não foi sua culpa. Diga, Colin!

Ela se mostrou decidida de que ele dissesse, de que ele compreendesse que não foi sua culpa, nem teria conseguido fazer nada para deter Lucien, que estava resolvido a levar sua palavra até o final. Além disso, o destino lançara sua última carta, selando assim o destino de seu irmão.

— Não acredito que...

— Diga! Por favor, Colin, amo você. Diga! Por ti, por mim, por nós...

— Não foi minha culpa, — ele concedeu finalmente.

Ela o abraçou com força. Disposta a não soltá-lo nunca mais e, pela primeira vez desde a morte de Lucien, soube que ele, tampouco, tinha intenção de deixá-la escapar.

Epílogo

Depois da linda cerimônia das bodas de Sarah, onde Elisabeth havia recuperado seu marido, as seguintes semanas transcorreram entre um sem-fim de bailes, visitas a ópera e demais reuniões sociais próprias da temporada.

Colin se empenhara em aceitar todos os convites que fosse possível para sossegar qualquer rumor sobre o distanciamento entre lorde e lady Strafford. Ele era o encarregado de levá-la e trazê-la das festas às que compareciam.

Por culpa de seu orgulho, seu casamento não começara com pé direito e na alta sociedade houve o eco da situação de abandono em que ele havia deixado Elisabeth, o que colocara sua esposa em uma situação delicada que ele estava decidido a resolver.

Para isso, não só se deixou ver em público com ela, mas, sim, mostrou a todos aqueles que quisessem ver, o muito que a amava. Seus gestos afetuosos em público lhe valeram a reprovação de algumas matronas muito obcecadas com as normas, porém, valeu a pena, porque Elisabeth voltou a sorrir feliz.

O apoio incondicional que Harry mostrara a sua esposa, que ele mesmo não tinha sido capaz de dar, uniu-o mais a ele, e por fim

aceitou o inevitável, que enquanto seu irmão não se casasse e tivesse descendentes, ele era o legítimo herdeiro do ducado. Mas sobretudo lhe ensinou que um verdadeiro cavalheiro não renegava suas obrigações por mais incômodas que estas fossem.

Em todo o caso, e por mais consciente que fosse delas, suas obrigações podiam esperar outro dia mais. Aquela manhã de sábado tanto Colin quanto Elisabeth quiseram aproveitar o tempo perdido e decidiram que o dia era muito frio, para abandonar o leito conjugal. Por isso tomaram o café da manhã na cama e aproveitaram sua mútua companhia.

— Jamais imaginei que pudesse ser tão feliz, — confessou Elisabeth rodeada pelos braços de seu marido.

— Eu tampouco.

— Devemos tudo ao Harry.

— Tenho certeza de que você saberá como pagar, salientou seu marido com um sorriso.

— Por que você diz isso? — Seu tom era inocente, mas não enganava Colin.

— Acredita que não me dei conta de suas intenções? Ou da inesperada amizade que você travou com a marquesa de Rochdale? Se bem me recordo, antes repeliam a uma à outra.

Elisabeth se revolveu em seus braços para olhá-lo diretamente, nos olhos.

— Não sei do que você está falando. A marquesa sempre me pareceu encantadora.

Colin lançou uma gargalhada divertida.

— O sacerdote não lhe disse que é ruim mentir para seu marido?

Ela se deu por vencida.

— Está bem. É possível que lady Sarah me caia melhor agora que há alguns anos, e que me atraia muito a ideia de ver seu irmão casado, mas nós lhe devemos muito. Além disso, se ele se casar, bem poderia chegar a ser tão feliz como nós somos.

Colin voltou a rir.

— Particularize, querida. Você não deseja que Harry se case com uma boa mulher, você deseja vê-lo casado com Amelia. Qualquer outra dama não serviria.

Elisabeth piscou surpresa pela perspicácia de seu marido. Era, por acaso, tão evidente em seus movimentos?

— Como o...? É isso tão ruim?

Colin lhe deu um beijo no nariz antes de responder.

— Não é. Sua prima é encantadora uma vez que vence seu acanhamento inicial. Além disso, estou de acordo com você de que ela seria uma duquesa maravilhosa.

Colin pensou que valia a pena lhe dar a razão só para ver o sorriso radiante de Elisabeth, porém, nesse caso em particular devia lhe dar, por absoluta convicção. Amelia era o tipo de mulher que seu irmão precisava. A parte complicada era que ele se desse conta disso. Verdade que, desde a mudança na forma de se pentear e de se vestir da dama, Harry parecia interessado, mas talvez não se tratasse mais do que mera cortesia. Harry era assim.

— Quer dizer com isso que vai me ajudar?

— Não mesmo, querida. Nisto você está sozinha ou, melhor dizendo, conta com a ajuda da marquesa. Eu, de minha parte, me nego a me envolver em assuntos femininos, nem sequer por você. E, ou muito me equivoco ao julgar Rochdale, ou neste ponto ele também, vai deixar sua esposa, para que se arrume sozinha com suas maquinações.

Elisabeth franziu os lábios em um beicinho.

— Mas, Colin...

— Não, Elisabeth. Meu irmão é maior de idade, pode arrumar-se sem nossa intervenção. Você se limite a convidá-los para jantar e

deixe que o destino siga seu curso.

Uma expressão maquinadora apareceu em seu belo rosto.

— Tenho uma ideia melhor. Façamos deles padrinhos de nosso filho.

Colin piscou surpreso.

— Como disse? Você está grávida?

— Ainda não, mas se você estiver disposto podemos mudar esse fato o quanto antes.

Colin não respondeu, ao menos não com palavras, antes que Elisabeth pudesse dizer alguma coisa se encontrou com os lábios e o corpo de seu marido sobre ela.

— Eu adoro a ideia, — murmurou ele. — Não há ninguém com ideias tão boas quanto as suas.

A risada dela foi substituída por outros sons, muito mais doces.

Sobre Olga Salar

Olga Salar nasceu no dia vinte e dois de janeiro de 1978 em Valência. Se formou em filologia hispânica para saciar sua curiosidade por palavras enquanto combinava sua paixão pela leitura.

Escreveu seu primeiro romance com uma teoria, para ela brilhante e contrastava, sobre o desastre da primeira vez, Um amor inesperado (Zafiro. Planeta) e, depois dele seguiu o duologia juvenil Laços Imortais (Kiwi). Nesse mesmo gênero acaba de publicar Como sobreviver ao amor (Planeta). Embora tenha sido no romance adulto, onde encontrou sua voz.

É autora de Fique esta noite (Amazon), Inimigos Íntimos (Versátil), Um compromisso pendente (Versátil), Uma noite sob o céu (Amazon), Jimena não desfolha margaridas (Versátil), Apenas o desejo (Zafiro. Planeta), Diga sim, com o qual teve uma menção especial no II Prêmio digital HQN, Eu sonhei com você (Versátil), Romance a la carte (Versátil) Um beijo arriscado (HQN) e Igualmente senti sua falta menos do que mais (Amazon), Quilo e $\frac{3}{4}$ de amor (Amazon), Como se soletra eu te amo (HQN), Com você quero tudo (HQN), Duelo de vontades (HQN), O coração de uma dama (HQN).

Série Damas

O coração de uma dama (Damas 2)

O maior tesouro que um cavalheiro deve desejar é, sem dúvida, o coração de uma dama.

Lady Sarah sempre foi apaixonada pelo melhor amigo de seu irmão. Por isso, quando é apenas uma juvenzinha, ela penetra em seu dormitório, na casa de campo de seus pais, e lhe declara seu amor. Matthew Bonham, marquês de Rochdale, foge no dia seguinte, preocupado com o interesse que despertou, sem querer, no coração da irmã, de seu amigo.

Depois de quatro anos fora da Inglaterra, Matthew retorna e encontra-se com Sarah, que já não é a juvenzinha debutante que caía de amores por ele. Além disso, por culpa de um mal-entendido propiciado por ele, Sarah será obrigada a casar-se... ou existirá alguma maneira de que ela se livre de um casamento sem amor?



